

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1972 — N.º 17887 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50

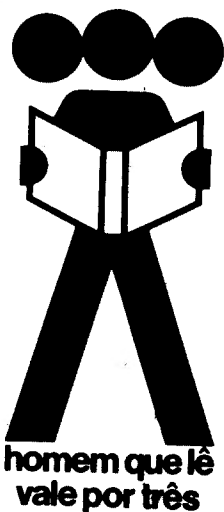


LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

HOJE PRIMEIRO DIA!



A grande iniciativa que estamos levando a cabo com o patrocínio do Crédito Predial Português e que tanto entusiasmo está a provocar em todo o país, tem o seu início hoje.



homem que lê
vale por três

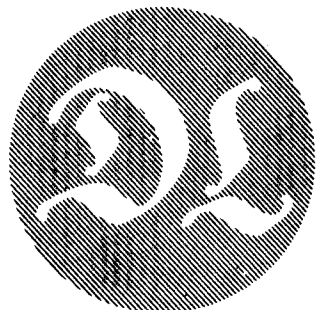
Isto quer dizer que o cabeçalho do jornal de hoje já deve ser incluído nas colecções que os participantes têm de formar para demonstrarem — no caso de lhes serem atribuídos prémios —

que continuaram leitores habituais do jornal desde que se inscreveram como «Leitores do Diário de Lisboa».

Isto quer dizer, também, que os leitores ainda não inscritos como «Leitores do Diário de Lisboa» se devem inscrever o mais rapidamente que lhes seja possível, porque, como é sabido, o regulamento concede aos participantes uma tolerância de seis cabeçalhos e todos estão ainda, portanto, a tempo de participar nesta iniciativa que não hesitamos em classificar de notável.

Ao chamarmos a atenção dos leitores para as vantagens que provêm da participação nesta iniciativa, não nos limitamos a actuar de acordo com as regras seguidas em todas as actividades promocionais — estamos sinceramente convencidos do que afirmamos. Nunca, em Portugal, se levou a cabo uma

Continua na pág. 2



SUPLEMENTO A CORES

Pela primeira vez na história da imprensa portuguesa, um jornal diário publica um suplemento a cores sobre um acontecimento (no caso, o Benfica-Sporting) ocorrido há menos de 24 horas. Parece-nos inútil sublinhar o que isto representa em matéria de inovação técnica e de velocidade dos meios de execução. Totalmente composto e impresso nas nossas oficinas, o suplemento serve como indicação das revolucionárias possibilidades de que o DL dispõe actualmente e cuja exploração ao serviço do leitor e da notícia vai ser agora dinamizada.

NOVA ESPERANÇA

VIETNAME: O FIM DA GUERRA PODERÁ ESTAR À VISTA

Henry Kissinger, o conselheiro do presidente Nixon, continuou hoje as suas conversações secretas iniciadas ontem com os representantes do Vietname do Norte em Paris. Segundo alguns observadores em Washington, este novo ci-

cio de conversações, que talvez prossiga amanhã, poderá significar que o fim da guerra está à vista. Os encontros foram considerados pelos informadores das delegações como «muito sérios e significativos». Além de Kissinger, estiveram presentes no encontro de ontem o general Alexander Haig, recém-chegado de Saigão onde esteve demoradamente com o presidente Van Thieu, e, do lado de Hanói, Le Duc Tho e Xuan Thuy. A presença do general Haig é considerada como muito significativa pois a ques-

tão central das negociações no actual estádio parece ser o do futuro político de Thieu. O Vietname do Norte e a Frente Nacional de Libertação têm sempre afirmado que a resolução do conflito não se fará com a presença de Van Thieu no mais alto posto da administração saigonense. Embora a Casa Branca não faça comentários acerca das especulações, um informador justificou o seu silêncio, afirmando que as conversações se encontravam numa fase muito delicada. (R. e DL).

O FIM DO PESADELO



Uma das 13 reféns que Jackson Stalling manteve sob guarda enquanto pedia um resgate de 5000 dólares. Stalling foi apanhado pela Polícia durante a entrega do dinheiro. A Polícia de Orlando não identificou a jovem devido às duas violentações cometidas pelo raptor. (Telefoto UPI-Teleimprensa-DL).

Madagascar: o general vence o presidente

O sucesso do «sim» a favor do general Ramanantsoa parecia garantido, esta manhã, com mais de 90 por cento dos votos, no referendo que se realizou ontem na República Malgaxe de Madagascar. Portanto, o general, actual chefe do Governo e «homem forte» do país, vence o presidente Tsiranana já neutralizado politicamente desde os recentes distúrbios sangrentos na ilha. (FP e DL).

HOJE: 40 PÁGINAS

Queluz reclama parque infantil

A falta de um parque infantil no novo bairro do Monte Abraão, prolongamento moderno do velho burgo de Queluz, preocupa os habitantes locais. Por isso eles resolveram passar à acção, reunindo-se para estudar, em comum, a solução mais adequada para o problema, de colaboração com o Município. (Pag. 10).

DL/GERAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

HOJE: PRIMEIRO DIA!

Continuação da pág. 1

iniciativa promocional com tão vasto alcance no campo da cultura.

Em resultado desta iniciativa, mil portugueses vão obter colecções de livros seleccionados e editados por alguns dos melhores editores do país. Estas colecções podem constituir núcleos de futuras bibliotecas, como podem aumentar consideravelmente bibliotecas já existentes.

Inútil será dizer que são formadas por livros de diferentes espécies

uns de carácter francamente cultural e outros mais vinculados ao objectivo de divertir — mas o certo é que todas têm homogeneidade e todas levariam muito tempo a formar, mesmo por quem tivesse a possibilidade económica de o fazer.

Obter, sem qualquer esforço, uma biblioteca é um benefício que ninguém pode desprezar neste mundo, dia a dia mais complexo que exige, para ser entendido, um esforço cada vez maior.

Ao proporcionar esta

oportunidade, o «Diário de Lisboa» opta por um caminho que se integra numa conduta e numa tradição que julgamos inútil acentuar mas que tem por objectivo servir. Que esta atitude vem de encontro aos desejos dos leitores do jornal, é evidente pelo número deles que todos os dias se inscrevem como «Leitores do Diário de Lisboa» e pelo número de cartas que todos os dias nos chegam à redacção apoiando, em termos muitas vezes entusiásticos, «Homem que lê vale por três».

O facto de esta iniciativa estar a obter um êxito sem precedentes só demonstra que a linha do «Diário de Lisboa» é certa e serve os interesses da colectividade portuguesa no momento presente.

Gostaríamos de não insistir neste ponto porque alguns dos nossos leitores poderão pensar que, ao falarmos no êxito obtido por «Homem que lê vale por três», apenas pretendemos chamar a atenção para o êxito duma iniciativa do jornal, quando a verdade é que pretendemos chamar a atenção de todos para um êxito que ultrapassa o do jornal: referimo-nos ao êxito dum País que se revela capaz de ultrapassar os limites impostos por um dos mais elevados índices de analfabetismo de toda a Europa para se interessar por uma actividade promocional destinada a distribuir livros.

É este o êxito que nos interessa e é este o êxito que nos enche de orgulho.

Justificada a nossa posição perante a iniciativa a que demos o nome de «Homem que lê vale por três», julgamos que todos entenderão os motivos que nos levam a voltar a insistir para que os leitores que ainda se não inscreveram como «Leitores do Diário de Lis-

WENCESLAU DE MORAES

TRACOS DO EXTREMO ORIENTE

ウエンスラウ モラエス

Parceria A. M. Pereira, L.

Uma edição da Parceria António Maria Pereira de um importante livro de Wenceslau de Moraes.

boa» aproveitem esta oportunidade para o fazerem.

Trata-se duma oportunidade rara que, mesmo a repetir-se, não pode ser perdida por quem tenha consciência do momento que passa e deseje entendê-lo.

Quem ainda se não tiver inscrito pode fazê-lo porque, repetimos, o re-

gulamento concede uma tolerância de seis cabeçalhos.

Quem ainda se não tiver inscrito e deseje fazê-lo, apenas tem de preencher o cupão que publicamos com esse objectivo e enviá-lo, com um selo de correio de 1\$00, a «Homem que lê vale por três», Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatoriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem somente a parte de cima.

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que saírem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das ini-

ciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1\$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1\$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1\$00.

TEATRO MARIA VITÓRIA GRUPO D — 18 anos

UM GRANDE ÊXITO!

GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO APRESENTAM HOJE ÀS 20.45 E 23 HORAS A SUPER REVISTA POPULAR

UM SENSACIONAL ELENCO

CA VAMOS PAGANIDO E RINDO...

EUGÉNIO SALVADOR

IVONE SILVA

NICOLAU BREYNER

ANABELA

VÍTOR MENDES

BARROSO LOPES

Atracção nacional

Atracção internacional

CIDÁLIA MOREIRA

CARLOS QUEIROZ

VERA SANDERS

Original de: ANÍBAL NAZARÉ • JOÃO NOBRE
HENRIQUE SANTANA • HENRIQUE PARREIRÃO
Música de: JOÃO NOBRE • CARLOS DIAS

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Acceptam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67\$50

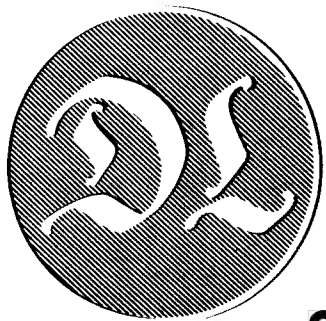
ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130\$00

6 meses — 250\$00

12 meses — 485\$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.



Opinião

O DESAFIO DA COEDUCAÇÃO

O parecer da Câmara Corporativa sobre o regime de coeducação no ensino primário e no ciclo preparatório virá certamente a ocupar lugar de honra na história do ensino no nosso País. Com uma decisão que não deve ficar sem aplauso, varreram-se algumas ultramontanas ideias que, em nome de exigências de formação moral, mais não faziam do que dificultar a conquista de uma personalidade harmoniosa. Não exageramos se adiantarmos que alguns defeitos do carácter nacional (machismo, sujeição feminina, etc), tem raiz num sistema educativo diferenciado que sofria de uma evidente obsessão do pecado original...

Uma vez mais, vem finalmente a lei dar forma e estrutura prática a um mundo de vontades que vinha exercendo uma pressão cada vez mais sensível. Não é indiferente registar que o Secretariado da Reforma Educativa recebeu 101 documentos preconizando a instituição, ou a reinstituição, do sistema coeducacional, dos quais 11 de grupos de professores do ensino primário, 20 de escolas preparatórias, 15 de liceus ou professores do ensino liceal, 6 de associações de educadores, 1 do colóquio realizado pelos professores do ensino primário de Lisboa, 1 do colóquio promovido pela Ludus. Um grupo de pais, de Lisboa, alegou «um melhor equilíbrio das crianças e dos adolescentes e uma melhor integração social»; a Comissão para o estudo de educação e sexualidade disse: «A coeducação é uma das condições prévias essenciais para uma educação sexual válida». Se isto não significa necessariamente unanimidade, julgamos que não andará por muito longe...

Compreendem-se algumas das reservas expostas no parecer. Efectivamente, «escola mista» não é o mesmo que «coeducação», e esta última não se improvisa. Requer, como se diz, «Ambiente social e professores que, além de uma superior formação psicopedagógica, tenham a generosidade necessária para se debruçarem, com interesse e lucidez, sobre os complexos problemas dos jovens». Talvez por isso mesmo se tenha entendido que o regime de coeducação só deve entrar em vigor no ano lectivo de 1973-74: a preparação do pessoal docente é de extremo melindre, e é dela e da qualidade humana dessa primeira equipa de professores que depende, em grande parte, o bom resultado do sistema. Quanto às crianças, essas estão, como sempre têm estado, disponíveis e à mercê dos adultos.

Mas também se referiu (não esqueçamos) que a coeducação requer ambiente social próprio, exemplificado, numa passagem do parecer, como a situação dos meios portugueses que apresentam já um relativo grau de evolução, «em que mulheres e homens participam nas mesmas actividades, concorrem aos mesmos empregos, preparam os mesmos exames, entram em competição em todos os domínios, são eleitores e elegíveis, ocupam postos de comando». Diríamos que a situação assim resumida não é precisamente de ontem e que, pelo contrário, foi contemporânea da mais rigorosa proibição de qualquer veleidade coeducativa, mas o que importa acentuar, sobretudo, é que a participação igualitária a que se alude nem sempre encontra na prática uma expressão de paridade real: a sociedade portuguesa continua a ser, fundamentalmente, uma sociedade masculina.

Na melhor das hipóteses, far-se-ão daqui por um ano os primeiros ensaios de coeducação. Até que o sistema mereça o seu nome, alguns outros anos lectivos vão decorrer, e oxalá não sejam tantos que atirem para as calendas gregas o que «se revela como o regime mais adequado ao condicionamento da época presente: não nos podemos dar à preguiça de acumular atrasos. Em educação, os atrasos pagam-se por alto preço

Os japoneses contra as férias

«No Japão, as empresas e os serviços públicos começaram apenas há alguns anos a dar férias aos seus operários e empregados, escreve o «JAPAN TIMES». É um facto bem conhecido, porém, que grande número destes não goza as férias a que tem direito. Fúria de trabalhar? Receio de desagradar ao patrão? Vontade de fazer economias? Falta de organização dos lares populares? Eis algumas das explicações para o fenómeno».

«No desejo de dar o exemplo, o Ministro do Trabalho japonês concedeu este Verão uma semana de férias ao seu pessoal, exercendo uma certa pressão para que fossem aceites. Tinha procedido do mesmo modo o ano passado, mas eis o resultado que obteve. Em vinte e sete mil empregados, 12,1 por cento consentiram em gozar as férias a que tinha direito! O resto, 87,9 por cento, trabalhou todo o Verão. O Ministério espera que, este ano, os seus apelos sejam escutados», acrescenta o jornal.

«O Ministério da Indústria, por seu turno, decidiu mostrar-se menos indulgente com os recalcitrantes, tendo adoptado um sistema de sanções destinado a forçar os seus empregados a gozarem as férias a que têm direito. Cada dia de férias não aproveitado, na semana de férias prescrita este Verão, custará ao empregado demasiadamente trabalhador uma multa: 2.000 ienes por dia para um chefe de escritório, 1.000 para um sub-chefe e 500 para um empregado vulgar. O Ministério da Indústria deseja corrigir a imagem do japonês «escravo do trabalho», que prevalece no estrangeiro. Porém, este combate (para forçar os japoneses a gozar férias) ainda não está ganhando», comenta ele.

O Brasil compra mísseis

O Brasil comprou um número indeterminado de mísseis tácticos Roland, de concepção franco-alemã. O contrato, cujo montante é também desconhecido, diz que a indústria brasileira participará em parte da construção dos engenhos. Estes mísseis são anti-aéreos, podendo atingir aviões voando a baixa altitude a velocidades pouco superiores à do som. O sistema foi construído pela Sociedade Nacional Aeroespacial e pela empresa alemã-occidental Messerschmidt-Bolkow. O Brasil é um cliente antigo da França em matéria de armamentos. Helicópteros, Mirages, tanques, mísseis mar-mar são todas armas já em posse das Forças Armadas brasileiras fornecidas pela indústria francesa. Mais do que estas compras aparentemente espantosas para um país do «terceiro mundo» sem inimigos que se lhe conheçam, é significativo que uma das empresas fabricantes do míssil Roland seja a célebre Messerschmidt. Tantos anos passados sobre a guerra que incendiou o nosso continente, ainda nomes como Messerschmidt surgem para nos lembrar o holocausto e mostrar que nem todos os que beneficiaram da guerra acabaram com ela. A França, cuja célebre «linha Maginot» foi derrotada pelo ar, pelos Messerschmidt, e o Brasil que combateu em Monte Cassino não hesitaram em negociar com aquela empresa que nem se deu ao trabalho de modificar o nome de tão sombria memória. Estranho mundo. Ou talvez não.

JOSÉ HIPÓLITO RAPOSO

A futura exploração agrícola

Sabemos apenas aproximadamente como irá evoluir em próximo futuro a nossa agricultura quanto às diversas formas de exploração da terra.

Há quem opine que a «agricultura de fim-de-semana» que tratamos no artigo anterior (Vd. «DL» 28-9-72) ou os arrendamentos (Vd. «DL» 26-6-72) tenderão a acabar no mundo moderno.

Todavia não é isso que vemos nos países europeus e americanos mais evoluídos. Nos Estados Unidos, Canadá, Suécia ou Dinamarca há explorações agrícolas de políticos e financeiros ausentes do seu dia a dia como também os há em Israel embora, neste caso, com a aparência exterior de exploração comunitária.

Todavia são explorações agrícolas bem dimensionadas que permitem remunerar uma gerência responsável permitindo por sua vez ao seu dono e responsável último, longas ausências em outra actividade.

Não se vêem pequenas explorações de médicos, advogados ou engenheiros porque a condução de longe de uma exploração pequena sem essa possibilidade de ter gerência responsável de mão-de-obra esporádica torna-se cada vez mais difícil ou é já impossível nesses países.

É o que está a acontecer entre nós e muito provavelmente acontecerá no futuro, o desaparecimento dessas pequenas «explorações de fim de semana» enquanto as grandes se manterão.

Como consequência a agricultura deixará de beneficiar de um afluxo de capitais de outras actividades e o nível técnico das pequenas empresas baixará necessariamente. Mas pior que isso tudo será o abandono de parte da nossa agricultura.

Quanto ao arrendamento, pensamos que a área arrendada tenderá a aumentar, mas desaparecerão os pequenos rendeiros a não ser em casos de agricultura altamente especializada e apenas a outra actividade (lembramos a horticultura do sul da Alemanha feita em grande parte por operários industriais nas horas de folga) ou em casos de grande afluência à compra de terra com a preocupação de a manter em exploração de qualquer maneira sem importar o seu rendimento. É o caso que se regista agora entre nós do aforro dos emigrantes que deveria ser engenhosamente levado a investimentos mais produtivos.

O arrendamento subsistirá porque possibilita sem grandes investimentos o alargamento da dimensão média das explorações como temos vindo a defender.

Por este processo até poderão aparecer os rendeiros ricos de diversos senhorios pobres como se vai verificando no Alentejo em alguns casos.

De facto a existência de uma larga percentagem de terra agrícola arrendada é comum à maioria dos países europeus alguns com áreas muito superiores à do nosso.

Com efeito, verificamos isso em estimativa que fizemos em 1963 (Vd. Amargas Verdades Agrárias 2.ª edição) processo a que tivemos de recorrer porque não há ainda um inquérito estatístico feito pelo I.N.E. que nos dê um panorama das nossas explorações agrícolas relativo às áreas ocupadas, através do rigor do Cadastro.

Assim para os distritos de Santarém, Évora, Portalegre e Beja, a área arrendada andaria pelos 22 por cento, a mesma ordem de grandeza do Luxemburgo, Austria, Suíça e Alemanha e muito inferior à da Bélgica, Inglaterra, Holanda, Itália, França e Espanha, áreas que oscilam entre 30 e 60 por cento, sendo a Bélgica e a Inglaterra aqueles que apresentavam números mais altos.

Quanto ao número de explorações agrícolas arrendadas já uma estimativa baseada no Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente e vinda num relatório final de Agronomia (Vd. Subsídios para a Regulamentação do arrendamento Rústico, de António Poppe Lopes Cardoso) nos dava percentagem para todo o Continente de 22 por cento, da mesma ordem de grandeza da Suécia (20 por cento), Noruega (14,3 por cento) e Dinamarca (12,9 por cento), nessa data.

Em muitos casos o número de arrendamentos aumentou por causa das facilidades e segurança que a legislação dá aos rendeiros. É o caso da França e Inglaterra com larga percentagem da área agrícola arrendada onde se vêem apenas reivindicações de agricultores quanto a preços e outras garantias mas nunca se vê posto o problema das relações entre senhorio e rendeiro.

Ora o nosso governo terá em próximo futuro de prever a diminuição dessa «agricultura de fim de semana» com um grave inconveniente do desaparecimento dessa orientação técnica que apesar das dificuldades e defeitos era melhor do que a exploração entregue a rurais simples com as deficiências que lhe são comuns, mas sem culpa sua.

Terá de suprir essa lacuna com mais escolas, ensino agrícola generalizado com base em investigação e experimentação.

Por outro lado o desaparecimento dos pequenos rendeiros cria a necessidade de favorecer através da legislação, (de crédito caucionado sobre o equipamento e a exploração e não sobre a propriedade, como vimos defendendo) o aparecimento de maiores explorações de arrendamento, já de nível empresarial.

Todavia essa maior quantidade de explorações de nível empresarial, substituindo as explorações de auto-consumo e aquelas «de fim de semana» mantidas por brío ou por gosto, como todos os nossos governos vêm desejando, através das declarações dos seus responsáveis, ao contrário do que se pensa, exigem uma política de revisão dos preços agrícolas no sentido da alta.

A baixa de preços de custo que essas explorações agrícolas maiores consentiriam é uma ilusão.

As explorações agrícolas de nível empresarial são aquelas, porque tem de ter lucros, que mais rapidamente abandonam ou diminuem as produções. É o caso do leite, do milho, da carne, cuja produção mantida na pequena exploração de tipo não empresarial desaparece ou diminui com rapidez nas outras sensíveis ao lucro líquido.

E uma ideia contrária à ideia corrente entre nós mas que tem de começar a ser divulgada.

É afinal este facto simples: muitos dos alimentos que a cidade consome podem ser produzidos porque há ainda muita gente com amor à terra que não a larga apesar das dificuldades e muita que a cultiva para substitir e vender as sobras da sua alimentação. Mas isso é outro aspecto.

Interessa reafirmar o nosso desejo, comum a muitos sociólogos e doutrinadores agrários, que se multipliquem as empresas agrícolas «médias», quanto possível com o proprietário, empresário e gerente seguindo o dia a dia, coincidentes na mesma pessoa.

Mas para que as explorações agrícolas deste tipo ainda existentes subsistam e para que se favoreça o aparecimento de outras, é necessária uma legislação que melhore as condições da partilha da terra.

Alguns países europeus souberam adaptar-se à evolução social reformando ou adaptando velhas instituições aos novos tempos enquanto, em outros, verificada essa inadaptação, as suprimiram simplesmente por excesso de paixão política, não criando nada em sua substituição. É o caso dessa partilha da terra.

O velho sistema do vínculo e do morgadio é ainda considerado pela maioria das pessoas um sistema injusto que vigorou em tempo passado, que não deixou saudades, pelo qual o filho mais velho herdava toda a terra obrigando os irmãos mais novos a irem para militares ou eclesiásticos.

Tanto os críticos do sistema, como até muitos defensores (enquanto defendiam a sua manutenção ou restauração tal qual estava) não perceberam o essencial da instituição.

Tratava-se apenas de consentir na existência de um património familiar, inalienável e impenhorável, que se transmitia sempre na mesma família dando-lhe segurança. O facto de ficar nas mãos do filho mais velho justificava-se porque regra geral os pais moriam na sua maioridade obrigando-o a prover ao sustento e educação dos irmãos mais novos ainda menores e ao dote de casamento das irmãs.

A proibição de venda ou de penhora era por si só uma defesa dos irmãos mais novos não permitindo ao mais velho desbaratar esse património.

Com a introdução da partilha igualitária obrigatória, aquilo que em França se chamou o Código de Napoleão, desapareceu o sistema, e, todos os irmãos, mesmo na menoridade herdavam em igualdade podendo vender ou empenhar. Se parte da pulverização da propriedade de que nos queixamos agora se deve a uma pressão demográfica sobre a terra que obrigava a nossa população rural

DL/NACIONAL

Quinhentos especialistas no Congresso Internacional sobre a arte do restauro

«Para muitos, o restauro foi, e infelizmente ainda é, contra todas as regras que o devem orientar, dar aparência de bem conservado ao que é velho e tem a idade marcada na face, envelhecer o que novo sai da oficina do artesão, remendar, retocar, dar brilho ao que nunca o teve, ou que o perdeu ganhando em troca dignidade, numa palavra falsear a verdade para tornar o objecto mais atraente aos olhos dos compradores que ignoram que nem tudo o que luz é ouro ou que julgam a idade e o encanto das mulheres pela aparência que elas têm quando saem dos institutos de beleza» — afirmou esta manhã o dr. Azeredo Perdigão, no acto inaugural do V Congresso Internacional do Institute for Conserva-

tion of Historic and Artistic Works, realizado no grande auditório da Fundação Gulbenkian.

O presidente da Gulbenkian salientou a seguir:

— Eis porque, minhas senhoras e meus senhores, o Congresso que idos realizar com o principal objectivo de estudar os novos métodos e as novas técnicas da conservação, limpeza e restauração das pinturas, tem o maior interesse internacional, tanto mais que é esta a primeira conferência de grande vulto que sobre a matéria se realizou depois da reunião de Roma de 1930.

Antes, o dr. Azeredo Perdigão falara da tradição portuguesa na arte do restauro, falando, a terminar, dos prejuízos enormes causados pelas inundações de 1967 no património artístico deixado

por Calouste Gulbenkian e que então se encontrava depositado no Palácio de Oeiras.

QUINHENTOS ESPECIALISTAS

Quinhentos especialistas, representando 30 países, tomam parte nos trabalhos do Congresso, que funcionará diariamente, das 15 às 19, até ao dia 13. A realização deve-se à Fundação Gulbenkian, de colaboração com o Ministério da Educação Nacional.

A cerimónia inaugural não pode presidir o ministro da Educação Nacional, como se esperava, por motivos de saúde. A mesa foi assim constituída pelo presidente do International Institute for Conservation of Historic and Ar-

tistic Works, presidente da Fundação Gulbenkian, presidente do Instituto de Alta Cultura, presidente da Junta de Educação Nacional, director geral dos Assuntos Culturais do M.E.N. e pelos cinco vice-presidentes do Instituto Internacional. Assistiram administradores da Fundação Gulbenkian, e todos os membros do I.I.C.C.H.A.W., entre os quais se contam 40 portugueses. A abrir a sessão, proferiu algumas palavras o dr. A.E. Werner, seguindo-se o discurso do dr. Azeredo Perdigão. A encerrar, o presidente da Junta de Educação Nacional proferiu algumas palavras de saudação.

Aos congressistas foi oferecido um almoço, pela Fundação Gulbenkian. À noite, o ministro dos Negócios Estrangeiros oferecer-lhe-á uma recepção.

FINALÍSSIMA DO "JOGO DO GALO" PARA ESTA NOITE

Está marcada para esta noite a transmissão da repetição da final do «Jogo do Galo», em que voltarão a estar frente a frente a jovem concorrente Maria Clara Araújo Barros e Hen-

rique Sampaio de Carvalho, que concordaram em refazer a prova, dado o equívoco oportunamente noticiado: o facto do júri haver considerado certa uma resposta dada por um dos concorrentes.

PRÉMIOS PARA ACORDEONISTAS PORTUGUESES

Um português de 13 anos, (de Lisboa) de nome Aníbal Leal Freire, aluno da escola Matono, ganhou, ex-aequo com um concorrente suíço, o primeiro prémio do Campeonato Mundial de Acordeão (classe de

júniors) que se realizou em San Sebastian, terminando no passado sábado.

O 4.º lugar foi também para um português, António Raposo, de 9 anos, igualmente de Lisboa.

EM MEMÓRIA DO DR. JOSÉ MELO E CASTRO

A Mesa da Misericórdia de Lisboa, em sessão de quatro do corrente, resolveu exarar na acta um voto de profundo pesar pelo falecimento do conselheiro dr. José Guilherme de Melo e Castro que exerceu, entre outras funções públicas, as de Provedor daquela Santa Casa desde 25 de Outubro de 1957 até 10 de Outubro de 1963. Mais deliberou mandar celebrar uma missa pelo seu eterno descanso, acto litúrgico que hoje teve lugar pelas 11,30 horas na igreja de S. Roque, da Misericórdia, celebrada pelo capelão reverendo padre João Merinho, e a que assistiram o ministro das Corporações e Saúde e esposa, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, o secretário de Estado da Saúde e Assistência, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, o provedor da Misericórdia e altos funcionários.

Resolveu ainda a Mesa da Santa Casa mandar colocar na sala das sessões, como expressão de sentida homenagem, um retrato a óleo do conselheiro dr. Melo e Castro a executar por artistas de reconhecido mérito.

EM 1971

1689 PESSOAS MORRERAM NA ESTRADA

Morreram 1689 pessoas na estrada, no Continente, Açores e Madeira durante o ano de 1971, revela o Instituto Nacional de Estatística. O total de acidentes atingiu 34 199, ficando a cidade à frente com 8280, onde também se verificaram 71 mortos.

Os acidentes mais frequentes atingiram condutores e passageiros de veículos. Totalizaram 21 304, 1037 mortos e 6499 pessoas gravemente feridas. Morreram 630 peões e 4247 ficaram gravemente feridos. Nos Açores os acidentes cifram-se em 501 e na Madeira 487.

MISTERIOSA CENA DE TIROS NO BAIRRO ALTO

Pelas 5 horas da madrugada de hoje, os agentes que se encontravam no interior de um rádio-patrulha da PSP, na esquina da Rua das Taipas, junto ao elevador da Glória, ouviram gritos e duas detonações que lhes pareceram ter vindo da Trav. da Boa-Hora. Acto contínuo surgiu um indivíduo em louca correria, vindo ao que parece daquela artéria e trazendo uma das mãos num bolso como que a segurar qualquer coisa. Perseguido por um dos agentes do rádio-patrulha, acabou por tirar a mão do bolso e mostrar uma pistola, que lançou para cima de um carro estacionado na Rua das Taipas. Detido em seguida pelo seu

perseguidor, veio a saber-se que se trata de um comerciante de Braga, de 32 anos. Entretanto, na Trav. da Boa-Hora havia um ferido: o sr. Avelino Ribeiro, atingido na perna direita por uma bala. O comerciante de Braga, afirma que não foi ele quem disparou e que a pistola achada em cima do carro não lhe pertencia. Por sua vez, as testemunhas da ocorrência dizem que foi ele o agressor. O sr. Avelino Ribeiro, dirigiu-se a uma clínica para o necessário tratamento, mantendo o mais perfeito silêncio sobre o acontecimento.

A PSP investiga, pretendendo aclarar o sucedido o mais rapidamente possível.

CONVERSACÕES SOBRE AERONAUTICA CIVIL

Iniciaram-se esta manhã as conversações luso-brasileiras sobre aeronáutica civil, destinadas a assegurar mais estreita cooperação da exploração do tráfego aéreo pelos transportadores dos dois países.

A delegação brasileira que

ontem chegou por via aérea a Lisboa, é chefiada pelo major brigadeiro Dioclécio de Lima de Sequeira e inclui representantes do Ministério das Relações Exteriores, da CERNAL (Comissão de Estudos Relativos à Navegação Aérea Internacional) e da Varig.

RALLYE TAP

EM LISBOA TODOS OS FAVORITOS

Começou a verificação técnica no A.C.P.

Na sede do Automóvel Clube de Portugal começou esta manhã a verificação técnica das viaturas concorrentes ao 6.º Rallye Internacional TAP que neste momento, para as equipas saídas de Londres, já se iniciou. Foram os franceses da Alpine — Jean Pierre Nicolas e Bernard Darniche — dois dos grandes favoritos à vitória neste rallye, os primeiros a chegar, pou-

cos minutos depois das 11 horas, juntamente com a equipa oficial da Fiat, constituída por Paganelli e Smania, que tripularam viaturas Fiat 124 Spyder.

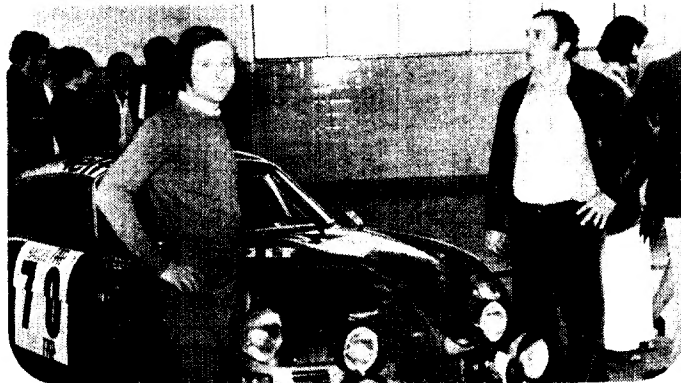
Jean Pierre Nicolas, vencedor da edição do ano passado do Rallye TAP, um dos melhores rallye-men europeus, ainda recentemente aureolado com uma vitória absoluta no Rallye Olympia, é de opinião que este ano o «TAP» é menos difícil.

— Não tem estradas muito más, mas im florestais de bom piso tal como nos troços de ligação. Quanto a mim os Alpine são favoritos. O «TAP» é um Rallye muito interessante e muito bem organizado... Não é uma dessas histórias como a Volta à França. Concluiu as suas breves declarações, salientando que, além dos Alpine, os favoritos imediatos são o italiano Paganelli (Fiat) e o alemão Warmboldt (BMW).

Idêntica opinião manifestou Jacques Cheinisse, director do departamento de competições da Alpine que afirmou:

— «Após o reconhecimento feito pelas nossas equipas chegámos à conclusão que o Rallye TAP deste ano é menos duro para as viaturas, o que talvez seja uma coisa boa. Em minha opinião no ano passado havia uma etapa demasiado dura. De qualquer modo trata-se de um Rallye muito bom, muito bem organizado e com uma grande virtude: é simpático».

Dos nomes mais credenciados



Jean Pierre Nicolas (à direita) e o seu co-piloto Todt, grandes favoritos do Rallye TAP

inscritos no itinerário de Lisboa não se encontrava presente o polaco Zbigniew Zasada, tri-campeão europeu de rallyes, que só chegará hoje à noite, vindo de Belgrado. A verificação técnica do seu carro será feita logo que chegue a Lisboa, pois o piloto não fora avisado a tempo.

César Torres, director do Rallye, esteve presente à verificação técnica e mostrava-se sa-

tisfeito com os resultados obtidos após cinco anos de organização, que lhe permitiram, agora, incluir o «TAP» no Campeonato do Mundo.

— Estou muito contente por ter o Rallye do calendário do Campeonato do Mundo. Estou porém, muito mais contente por não ter sido eu a metê-lo mas sim porque foram os outros que reconheceram o seu valor.

TERRENO

PARA MORADIA, VENDO NO ALTO DA CRUZ QUEBRADA COM VISTA TOTAL PARA A BARRA E OCEANO.

ÁREA 1500 M². TELEF. 36 18 00.



Alcides Paganelli o mais rápido piloto da equipa Fiat, e Darniche um dos «pontas de lança» da Alpine

CAMISAS POR MEDIDA

O seu género a seu gosto Hirondele R. Pedro Nunes, 39 (Ao - Saldanha)

TOTOBOLA

Três totalistas: um anónimo de Viseu; José Inácio - Avenida Marechal Carmona e Maria Francelina Martinho Carvalho - Lameiras - Pero Pinheiro.

Para um 1.393.192\$80 Com 12 resultados, 74 apostas: 65 da Metrópole, 5 de Angola e 4 de Moçambique. Para cada: 56.480\$00.

TV

DL/ESPECTÁCULOS

«O TRABALHO DO MENINO É POUCO, MAS QUEM O DESDENHA É LOUCO...»



No Centro Nacional de Fruticultura, em Alcobaça, está em curso uma operação cujo alcance, a alargar-se o seu âmbito, dificilmente se poderá avaliar.

Referimo-nos à utilização da mão-de-obra estudantil nos serviços agrícolas, particularmente naqueles que requerem maior urgência: as vindimas, a apanha da fruta, etc.

Assim foi que 16 rapazes que estudam na Casa Pia se dirigiram para a propriedade do sr. Manuel Silvestre e por lá andaram a colher maçãs durante as férias. O lavrador disse-nos que o salário, pelo mínimo, correspondia ao salário das mulheres, isto é, 60 escudos por dia, mas que alguns recebiam 75 ou mesmo 80 escudos. Dos 16 rapazes ficaram 14, porque dois foram posteriormente destacados para Moçambique.

Problemas levantaram-se. O sr. Manuel Silvestre, com uma rara clareza de exposição, a mostrar inteligência e pés assentes no seu tempo, afirmou-nos que esses problemas abrangiam três capítulos: a inexperiência dos moços, a capacidade da sua adaptação e a receptividade do pessoal perante a situação criada, sendo certo que é mal vista a substi-

tução no nosso trabalho por elementos estranhos à classe.

Problemas resolvidos, todos eles, a contento. O refúgio da apanha dos jovens era diminuto, a adaptação fora boa, o pessoal acabou por bem receber os intrusos.

No entanto, não nos iludamos sobre a gravidade de todas estas questões, oportunamente levantadas pelo sr. Silvestre: cursos intensivos são de aconselhar para se obter trabalho em boas condições; há que reforçar as condições de convívio e há, sobretudo, que não distribuir essa mão-de-obra de qualquer modo. Há, principalmente, que não tornar esta prestação de mão-de-obra nem de longe compulsória (e não significa isto que tal seja o caso em questão). Há que afastar todas as preocupações de pressão. O serviço terá de ser absolutamente voluntário o que não impede, está claro, as campanhas de informação e esclarecimento. Muitos moços liceais e universitários conheci eu, ainda no tempo do malogrado «Diário de Lisboa-Juvenil», que trabalhavam na apanha de tomates e retiraram daí uma experiência riquíssima ao nível do conhecimento do nosso país, da nossa sociedade, do

nosso povo. Importa sobretudo que a mão-de-obra juvenil não apareça como um sucedâneo, como uma reserva do trabalho dos camponeses... Essa mão-de-obra deve suprir carências e nunca suscitar concorrências.

Vem isto a propósito de uma afirmação do sr. Manuel Silvestre, proprietário que nos pareceu actualizado nas técnicas de produção e consciente dos problemas levantados, segundo a qual ali, em Alcobaça, não seria a região onde mais se faria sentir a acção da mão-de-obra estudantil, pois «a emigração aqui não teve tanta influência como nas Beiras». E acrescenta: «Por aqui, ainda vai havendo possibilidade de recrutar mão-de-obra».

Parece deduzir-se que o fluxo voluntário da mão-de-obra estudantil deveria ser canalizado para as Beiras e não para Alcobaça, dado que nesta região podem surgir, dado que não se encontra esgotado o mercado da mão-de-obra local, problemas de receptividade e conflitos compreensíveis.

Talvez fosse interessante procurar o eng.º Sousa Veloso, decano dos produtores na televisão, conhecer a experiência de estudantes que já andaram nestas andanças e por conta



Por MÁRIO CASTRIM

sua. Isto porque o Eduardo Manuel da Costa, o Mário de Figueiredo, o Mário Gomes, «trabalhadores» ouvidos, se retraem numa conversa aberta e pública. Naturalmente. Escolhidos pelo director do estabelecimento (pelo menos os chefes estão naturalmente ligados a uma disciplina que terão dificuldade em trabalhar. E assuntos desta natureza não podem resolver-se por monossílabos: hão-de ser bem conversados, bem batidos, como se faz à massa do pão. Para se obter um bom pão.

E MAIS? POUCO MAIS.

E mais? Uns **companheiros** para fazer rir — e conseguem-no, muitas vezes, aí é que bate o ponto.

Uma longa entrevista com Chibanga, que, no dizer épico (incorrigível) de Rui Romano, «**espalha o sangue generoso pelas arenas**». Presente, o escritor Fernando Reis, acho que autor do argumento para uma fita sobre o toureiro, a realçar a simplicidade, a humildade deste Grande Senhor do Toureiro «falado nos órgãos de informação, que arrasta multidões». Ele, o grande Chibanga,

é visto com frequência «a conversar com os camponeses, a fazer festas às crianças». Por aqui se vê como a Glória não lhe deu volta ao juízo. Ele «troca este meio onde podia ser um Senhor, pela vida simples da Golegã».

Ponham pois os olhos em Chibanga, todos os nobres e poderosos que, partindo do nada, atingem as culminâncias da Fama, do Poder, da Condução dos Povos!

E mais?

Uma reportagem sobre a moderna clínica para tratamento de animais, existente no Porto, coisa moderna, em bom, os cães do Porto podem, a partir de hoje dispor de um grande hospital com tudo o que é preciso. Cães das classes sociais de mais largos recursos, os cães seguem, como é óbvio, o destino dos donos.

Outra reportagem sobre a entrada no Aquário Vasco da Gama, de uma lula com 8 metros e 20 centímetros.

E que mais?

Um Longstreet a fingir que não é cego e uns sujeitos a acreditar que ele não é cego e uma certeza: a de que os telespectadores portugueses já não são tão cegos como se possa pensar.

Uma sessão de fados, com Nuno de Aguiar. E eu hipnotizado, sem poder tirar os olhos do televisor: os sorrisos, os ademanos, os olhos expressivos, a linguagem ternamente embalada na garganta, uma presença subtil, um sentimento de queixa tão sentido na alma:

**Não posso passar a noite sem o fado
não posso passar a noite sem beber
não posso passar a noite**

abandonado
não posso passar a noite
sem te ver...

Entim, a sessão acabou. u pena! Nuno de Aguiar estava a gostar tanto de cantar, estava tão, tão, tão contentinho...



Samuel está em negociações com «Os Bonecreiros» a fim de passar a fazer parte daquela companhia de Teatro. Entretanto, ainda esta semana será posto à venda o seu primeiro disco que inclui, entre outras, as composições «Cantigueiro» e «Os Castelos Também se Assaltam».

Eis o elenco da revista «É o Fim da Macacada!», que vai pura o ABC: Margarida Mauperrin, João Perry, Nicolau Breyner, Anabela, Helena Isabel, Graça Vitória, Isabel de Castro e Victor Espadinha.

Oton Berquó, jovem actor, produtor e encenador brasileiro, está em Portugal e, segundo tudo o que se sabe, ficará, pretendendo colaborar nas nossas produções e encenações.

Está em estudos um projecto de Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo para um disco infantil que, segundo se prevê, caso a ideia se concretize, será lançado no Natal.

A electrónica e a informática,
na sua mais alta expressão
técnica, trabalham para
a tradicional dinâmica



(Os nossos clientes retribuem-nos com Alta-fidelidade.)

Atingimos um elevado nível técnico nas nossas actividades. Servimo-nos da mais moderna aparelhagem que a ciência pôs ao dispor do homem. O nosso centro electrónico não pára. Para ganharmos tempo. O tempo de que necessitamos para mantermos mais contacto com o cliente que, no nosso Banco, não se transforma num simples número arquivado no computador. É um amigo!

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

DL/ESPECTÁCULOS

VERÃO E QUALIDADE - INCOMPATIBILIDADE QUE A ESPANHA DESMENTE

Com o sol que faria inveja a quantos tiveram (e têm...) a triste ideia de apregoar o de Abril (águas mil) em Portugal, Las Palmas, capital do arquipélago canário, despe-se calmamente do Verão e entra, como quem não quer a coisa, no Outono. Os turistas estão longe de rarear. Em toda a gente se apercbe a vontade de prolongar um Verão que, na Europa, não deixou saudades.

Las Palmas: um porto franco e estaria quase tudo dito, não foram uma bem pensada publicidade, aliada a uma promoção na qual os espanhóis dão cartas. E tudo, na Gran Canaria, existe em função desse turismo, pelo menos no que diz respeito a locais de poiso, como sejam hotéis, bares ou simples esplanadas colocadas estrategicamente em toda a extensão da Playa de Las Canteras, a mais importante de toda a ilha.

Las Palmas, onde o comércio se desenrola durante todo o ano e o turismo pontifica durante muito tempo (cinco meses de índice alto e mais algum tempo com afluência razoável de turistas).

Pois, para além do turismo, principal fonte de receita de todo o arquipélago (segundo um estudo publicado no «Gran Canaria», matutino de Las Palmas, de 26 de Setembro deste ano), a cidade,



Em Espanha bebe-se «Aguaviva» com frequência

que vive essencialmente dele e para ele, deixa a perder de vista qualquer praia portuguesa no Verão, no que respeita a espectáculos de qualidade.

AGUAVIVA

A do mar, claro, mas não

só. Nos últimos dias de Agosto o famoso grupo espanhol Aguaviva, esteve na capital da Gran Canaria para apresentar, durante um razoável número de dias, o seu espectáculo Poetas Andaluces, que já vimos em Lisboa há cerca

de dois anos mas que continua a ser uma das melhores realizações de música e poesia postas em palco nos últimos anos, pelo menos ao nível peninsular. Em pleno Verão.

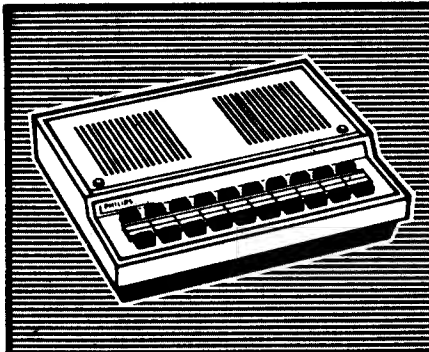
Claro que nós tivemos o Festival de Cinema da Figueira da Foz. E que mais? Os concertos em Espinho. E que mais? Muito pouco.

que não se faz no nosso País no que respeita a espectáculos de qualidade no Verão. Poder-se-á dizer que Julio Iglesias também esteve em Las Palmas nos últimos dias de Setembro. Certo. Mas não é disso que se trata. Por onde andou António Calvário (ou qualquer outro Julio Iglesias de cá) durante os últimos três meses? A questão, é esta: em

tação ao público, em duas semanas de Setembro, de vários nomes de outros tantos géneros de espectáculos. Dentre esses nomes distinguem-se, para o público, digamos, menos especializado, dois que, por razões diferentes despertavam as atenções gerais. Refiro-me ao «Ballet do Senegal», e ao espectáculo do bailarino espanhol Antonio.

Pois, apesar de nomes de cartaz como estes que citei, os II Festivais deram prejuízo. Só um nome atraiu à sala onde se realizavam os espectáculos, o número de pessoas que se desejaria para todas as outras exhibições. Jorge Gafrune — o maior êxito dos II Festivais espanhóis. Sala cheia de jovens, êxito garantido para um cantor-autor que fala uma linguagem simples, verdadeira, certa. Como diria um conhecido crítico musical da nossa praça «com uma linguagem pela qual perpassa a realidade circundante». Em suma: um nome que é, para um certa juventude espanhola, uma garantia de autenticidade.

Nós? Na mesma, obrigadinho...



INTERCOMUNICADORES PHILIPS

- Sistemas simplex, duplex e intermix.
- Sistemas de procura de pessoas por rádio.
- Sistemas de chamadas por amplificação sonora.

PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 6 • Tel. 683121 • Lisboa 1
Rua Fernandes Tomás, 760 • Tel. 28161 • Porto

VÁ AO TEATRO!!!

TEATRO Telef. 555133

MONUMENTAL

2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista



com **FLORBELA**
os artistas convidados
IRENE • JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a bailarina
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET PICCADILLY STARS BALLET

4.ª MÊS

GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

2.ª, 3.ª e 5.ª-Feiras
às 21.45 h.
6.ª, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.

SIMONE e RUI
na divertida comédia



com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA

4.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia



com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA

7.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

De Las Palmas escreve
NUNO GOMES DOS SANTOS

Pois, a par dos concertos do «Aguaviva» do grupo espanhol que provocou maior inquietação nos últimos tempos em Espanha, como rezavam os cartazes) Las Palmas teve a II Semana do Realizador, na qual se apresentavam, entre outros, filmes de Bunuel e de Eisenstein...

Espanha, país vizinho com tanta coisa em comum conosco..., há quem se atreva a fazer coisas que têm muito a ver com a qualidade que tão arreada anda das nossas bandas. Repare-se, por exemplo, nos

II FESTIVALES ESPANÓLES

NÓS? NA MESMA OBRIGADO...

Daqui pensamos, enquanto nos é dada a possibilidade de ver filmes po 12\$00, no

Tiveram lugar em Sevilha, durante cerca de quinze dias, os II Festivais Espanhóis. O plural e, desde logo, indicativo: tratava-se da apresen-

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73

1.º CONCERTO

DOMINGO, 15 DE OUTUBRO, ÀS 16 HORAS
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Piano: SÉRGIO VARELLA-CID

PROGRAMA

ELEGIA A VIANA DA MOTA
JOLY BRAGA SANTOS
CONCERTO PARA PIANO
SINFONIA N.º 6
GRIEG
TCHAIKOWSKY

BILHETES DESDE 15\$00

GRUPO A — 6 ANOS

AGRIC



SACHADORES ROTATIVOS

Para todas as marcas de **TRACTORES** com posição extensível para cultivo de pomares

S I P E M A

LISBOA

R. de Arroios, 87-A
Telef. 534630 e 468994

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS

Particular. Mesmo em nome de «stands» ou hipotecados, até 24 meses. Rua D. Estefânia, 81-3.º, Dt.º — 40049 - 563751.

GUARDE ESTE ANÚNCIO

TRÊS ESPECTÁCULOS APRESENTADOS POR VASCO MORGADO



UM SEGURO DE AMOR

"20.º ANIVERSÁRIO"

Palabras

Veinte años de estar juntos,
Este tarde se han cumplido,
Para ti - flores, perfumes,
Para mi... algunos libros!

Patxi Andión

Repare bem: amanhã é já hoje. O tempo voa. Se quer gozar a vida, tornar em realidade os sonhos mais belos, não hesite, pense em si, pense em quem ama.

O futuro deixa de ser uma ameaça, é uma esperança risonha, um amanhã próximo.

Vinte anos de ternura terão uma recompensa: a segunda lua-de-mel. O amor sereno na calma abundância. O prazer de viajar. O prazer de descansar. A alegria de estreitar as mãos, sem preocupações, olhando na mesma direcção.

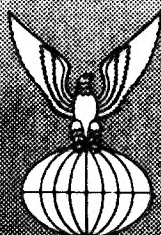
Com o Seguro Base Valorizável da MUNDIAL poderá constituir, pouco a pouco, e à medida das suas disponibilidades, um capital que lhe permita aquele futuro.

Mas se esse futuro não puder ser seu, pelo menos aqueles que ama não ficarão desamparados, pois beneficiarão da sua previdência.

Não se preocupe com a crescente desvalorização da moeda. Contribuiremos para atenuá-la dando as mais completas valorizações do seu capital, através da participação nos lucros que concedemos.

seguro
BASE

VALORIZÁVEL



A MUNDIAL SEGUROS

DL/ESPECTACULOS

TEATRO



6º Rallye Internacional TAP

Zasada (tri-campeão europeu), Nicolas (vencedor do Rallye em 1971), Darniche (o mais rápido piloto de rallyes, francês), Tonny Fall, Paganelli, Warmbold, Marie Claude Beaumont, Henry Greder, Jean Ragnotti, em luta directa com António Carlos Oliveira, António Luis Neto, Colaço Marques e Mário Figueiredo.

Dia 12 de Outubro

17.30 h. - chegada ao Autódromo do Estoril
20.00 h. - início das corridas no Autódromo (5 séries)
21.00 h. - partida para a etapa Estoril-Estoril

Dia 13 de Outubro

02.00 h. - chegada dos concorrentes ao Autódromo do Estoril
11.00 h. - partida para a etapa Estoril-Porto

Dia 15 de Outubro

09.00 h. - chegada da 5.ª etapa ao Autódromo do Estoril
11.00 h. - prova especial de «slalom» no Autódromo do Estoril

BILHETES À VENDA:

Em Lisboa
A. C. P.
Agências Abep e Abelha
No Estoril
Junta de Turismo da Costa do Sol
e nos escritórios do Autódromo

PREÇOS:

Dia 12 B. Central 100\$00
B. Lateral 60\$00
Dias 13 e 15 - Entrada livre
Os interessados deverão levantar os bilhetes nas bilheteiras do Autódromo.
PARQUES:
20\$00

Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em autocarro, Estoril-Autódromo - 5\$50
Sintra-Autódromo - 4\$00

Espectáculo para m/ 6 anos (Grupo A)

NOTA: Os possuidores de lugar cativo e os participantes com opção, têm de obter o bilhete de ingresso, que lhes será facultado contra a apresentação da senha correspondente à corrida n.º 6. O levantamento desses bilhetes deverá ser feito nos escritórios do Autódromo a partir do dia 10 do corrente (inclusiv).

autódromo do estoril
o maior empreendimento turístico-desportivo do país



Cá vamos, pagando e rindo (pouco)

A crítica de
CARLOS PORTO

«Cá vamos, pagando e rindo», de Aníbal Nazaré, João Nobre, Henrique Santana e Henrique Parreirão. Música de João Nobre e Carlos Dias. Figurinos de Juan Soutullo. Direcção de Montagem de Hernâni e Rui Martins. Coreografia de Paulo José. Direcção musical de Carlos Dias. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Nicolau Breyner, Anabela, Vítor Mendes, Barroso Lopes, Carlos Queiroz, Odete Antunes, Dina Maria, Nela Duarte, Aida Gouveia, Margarida d' Almeida, Isa Marina, Cidália Moreira e Vera Sanders. Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado. Teatro Maria Vitória. 6-10-1972.

Os autores integrados na corrente da chamada «revista à portuguesa» teimam em explorar um filão que parece definitivamente exaurido. No entanto, como conseguem prospectar aqui e ali uma ou duas pepitas e como o público, geralmente, não pode descobrir que se pechis-

beque o ouro que lhe oferecem — cá vamos, pagando e rindo.

Gastam-se mais de três horas a apresentar um texto que se pretende inspirado em Gil Vicente (prólogo) e raramente ultrapassa o nível da anedota de almanaque (desactualizado).

Esta revista demonstra com eloquência a incapacidade dos autores e de outros responsáveis (encenador (?) e coreógrafo (?), especialmente) em explorar as potencialidades do material de que dispõem; em aproveitar convenientemente as suas próprias ideias (embora poucas) — o que é o cúmulo. Uma revis-

ta que conta, entre os seus intérpretes, com três dos maiores comediantes portugueses (Ivone, Nicolau e Anabela) e outros actores cuja experiência (Salvador e Barroso) ou juventude (Carlos Queiroz) merecia melhor sorte, tinha obrigação de ser mais do que esta sucessão de números sem interesse (fora as excepções, é claro).

Um quadro de comédia colocase fora destas considerações: «Teatro de absurdo» em que Anabela e Salvador interpretam sucessivamente, e ao contrário do costume, uma inquilina e um senhorio; uma enfermeira e um doente; uma viúva e um funcionário. Eis um número cujo humor é, ao mesmo tempo, inteligente e directo, político e, de facto, cómico.

Ivone Silva faz o possível e (quase) o impossível para salvar os fraquíssimos números que lhe couberam: sobretudo no número ambíguo sobre a liberdade em que Ivone aparece como estátua da liberdade com um fósforo bruxuleante em vez do facho (é uma boa ideia desaproveitada); e em «Miss Sarilhos», um número com graça mas excessivamente envenenado. Também Nicolau não teve números à altura do seu talento: «Tarzan» e «O Senhor Inquilino» são os menos maus, em especial pelas sugestões críticas que levantam. Salvador faz o compêre à sua maneira que não creio renovável. Vítor Mendes faz rir com a sua presença mais do que com o seu talento; Barroso Lopes tem a tarefa facilitada pelo menos no «Delicadinho do 4.º» e Carlos Queiroz anda à procura dos papéis (que não teve).

Curioso é o caso de Anabela. Andou durante anos a fazer teatro de «boulevard» sem que verdadeiramente ninguém desse por isso. E hoje uma vedeta de revista ao nível das principais. Não apenas porque é actriz de revista mas porque a revista é, na verdade, uma escola de Teatro, desbloqueando as capacidades de comunicação do actor. Anabela é agora uma actriz ca-

paz de tentar outro tipo de teatro: não o naturalista nem o psicológico, mas o teatro burlesco e (quem sabe?) Brecht. Infelizmente, também Anabela não teve números que valessem o esforço feito, além do já citado «Teatro de Absurdo». Defende-se bem em «Irmã de Trinitá».

A grande triunfadora da noite foi, no entanto, Cidália Moreira. Cantou quatro vezes o «Fado sem Saudade» cuja letra se coloca contra o fadismo, o passadismo, o marialvismo — embora um espectador não contivesse um castiço «Eh! fadista». Aqui, aliás, toco uma das grandes contradições deste tipo de teatro. Descobriram os autores (alguns) que a contestação compensa. E contestam. No entanto, como esse movimento não nasce de uma necessidade interior e muito menos do estudo interessado e reflectido das circunstâncias em que a crítica se deve exercer, do estudo dos mecanismos que regem a sociedade, é fácil descobrir incoerências demasiado óbvias para que os possamos tomar a sério. Denunciar, por um lado, certos factos políticos ou proclamar a necessidade da liberdade e misturar no mesmo saco fascismo ou terrorismo, por exemplo, ou, ainda, não tratar criticamente temas como os êxitos «populares» do «Trinitá» e do «Delicadinho» revela o confusãoismo que se estabelece, por vezes, à volta de coisas como crítica política, contestação, etc.

Falava de Cidália Moreira. Bela voz e bela presença. Infelizmente desaproveitadas no segundo número que lhe coube: «Casamento Cigano» de um mau gosto aflitivo.

Cenários e figurinos sem grande imaginação embora por vezes com bom gosto (é o caso dos figurinos dos jornais e do último quadro). Ballet, música e coreografia ao nível (desmoralizante) do habitual. Participação (boa, sob o ponto de vista visual) da atracção Vera Sanders.

JOSÉ CESÁRIO SEITA

FALECEU

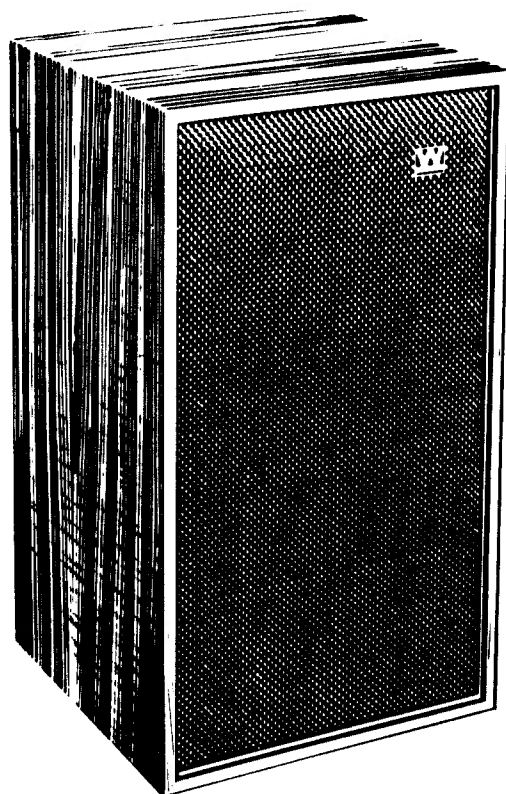
JUTALPA, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus amigos e clientes o falecimento do pai do sócio gerente José Joaquim Correia Seita, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela E) para o cemitério do Alto de S. João.

JOSÉ CESÁRIO SEITA

FALECEU

JOSÉ CESÁRIO SEITA E FILHOS, LD.ª, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus amigos e clientes o falecimento do seu sócio gerente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela E) para o cemitério do Alto de S. João.

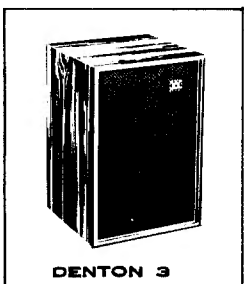
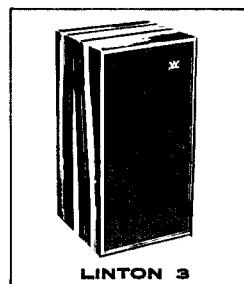
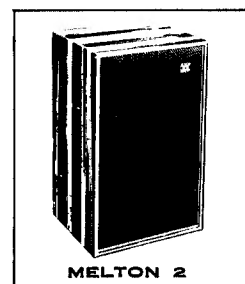
a única coisa que precisa de saber acerca do altifalante WHARFEDALE é o preço A QUALIDADE FALA POR SI!



DOVEDALE 3 - O mais sofisticado conjunto de 3 unidades; um altifalante de baixos de 300 mm, um de médios de 125 mm e um de agudos de 25 mm.

Ajuste por meio de atenuadores para quaisquer condições acústicas. Potência - 50 Watts Din.

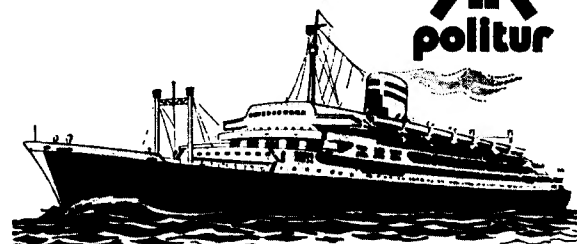
Rank Wharfedale
- it speaks for itself



OS PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95-99 LISBOA 2

CRUZEIRO DO FIM DO ANO À MADEIRA

NO "SANTA MARIA" ESPECIALMENTE FRETADO PARA ESTE CRUZEIRO



DE 28 DE DEZEMBRO A 2 DE JANEIRO

GRANDE CEIA DE PASSAGEM DO ANO Seguida de Baile... e do inesquecível e monumental FOGO DE ARTIFÍCIO, já célebre em todo o Mundo.

preços a partir de

2.490\$00

TODOS OS JOGOS E DIVERTIMENTOS DA ALEGRE VIDA DE BORDO

PEÇA PROGRAMA E INSCREVA-SE QUANTO ANTES

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO



A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL 53 61 21 • LISBOA 2



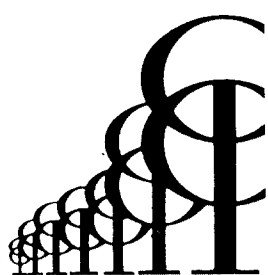
MATÉRIA CINZENTA É A MAIS RENTÁVEL DAS MATÉRIAS-PRIMAS

Houve um tempo, já em plena revolução industrial, em que um país era considerado rico, ou potencialmente rico, na medida em que o seu solo fosse fértil e conforme possuísse ou não, nas suas entranhas, as matérias primas consideradas fundamentais: o carvão, o ferro, o petróleo, etc.

Depois, a pouco e pouco, os países mais evoluídos foram-se apercebendo de que uma política de incentivo ao desenvolvimento industrial só dará frutos compensadores se assentar na sólida estrutura de um povo bem preparado. A subida de salários, imposta ou concedida, para satisfazer reivindicações ou como medida de justiça social, é um progresso artificial que cria tantos problemas quantos aqueles que resolve. Só através da «fabricação» intensiva de operários especializados, de técnicos, de professores, de investigadores, de intelectuais, se poderá obter um sólido e harmonioso desenvolvimento, não apenas cultural e cívico mas também, ou sobretudo, económico.

Assim se chegou à conclusão, no mundo civilizado, de que a mais rentável das matérias primas é a «matéria cinzenta».

Consciente desta verdade irrecusável, o Crédito Predial Português tem procurado contribuir, dentro das suas possibilidades, para a promoção cultural do povo português. Por isso decidiu agora (em prosseguimento de outras iniciativas orientadas de acordo com o mesmo espírito tal como os prémios dados aos melhores programas de Televisão e Bolsas de Estudo para os melhores alunos das escolas nas localidades onde abriu novas agências) patrocinar o actual concurso do «Diário de Lisboa» cujos prémios, como é do conhecimento público, são constituídos por bibliotecas. O Crédito Predial Português deseja e espera que essas bibliotecas venham a ser recebidas por leitores que as saibam apreciar e através delas procurem valorizar-se pelo enriquecimento cultural que esses livros lhes possam proporcionar.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM BANCO VIRADO À CULTURA

UM BANCO VIRADO AO FUTURO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS PATROCINA O CONCURSO «HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS»

DL/NACIONAL

A FUTURA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

Continuação da pág. 3

a subsistir em qualquer bocadinho, uma grande parte deve-se a essa partilha igualitária. Entre nós e em outros países europeus.

Atenuaram-se esses inconvenientes em Inglaterra que não adoptou o novo código, podendo os pais dispor livremente das heranças, e que sabemos na Alemanha que restaurou o «casal de família» e na Suécia onde uma inteligente adaptação aos tempos permitiu que a instituição continuasse.

Entre nós tentou-se criar o «casal de família» por volta de 1930, com pouca expressão e utilidade enquanto os tribunais perseguiram e dificultavam alguns sistemas espontâneos destinados a não permitir a excessiva divisão da terra como por exemplo acontece nas terras da Maia.

Em 1962, com a promulgação do Regime Jurídico de Colonização Interna, para os «casais agrícolas» a criar por este organismo previa-se que a partilha da terra por herança,

nos casos em que aquele organismo determinasse, não fosse permitida.

Admitia-se então que se fizesse a adjudicação a um dos herdeiros do valor da terra, pelo preço acordado ou resultante da avaliação judicial. Previa-se também a concessão ao adjudicante, para adquirir as outras partes de créditos em condições excepcionais de prazo e preço.

Mas se não houvesse acordo entre os herdeiros a totalidade do prédio seria vendida a outro. Esta legislação, à parte as melhores intenções, tem três defeitos graves: a exclusividade para os «casais» do organismo, a coercividade e a ideia de que mesmo a juro baixo o herdeiro, de por exemplo, um quinto da terra, pode pagar com o seu rendimento os restantes quatro quintos e os juros embora baixos.

Melhor se fez na legislação alemã e sueca onde não há coercividade prevendo-se, na Suécia, o subsídio para o herdeiro da terra

pagar as tornas aos irmãos. Se a comunidade nacional acha de interesse a manutenção da terra indivisível e a tradição da família cultivadora é o processo mais prático e justo para o conseguir. É claro que se trata de um país com os outros sectores muito ricos que podem pagar essas exigências da agricultura.

Entre nós a legislação a este respeito teria de ser muito cuidada e baseada na inteligência e no conhecimento da realidade porque não somos ricos.

Era necessário ter em conta, como acontece nesses dois países, que a família actual é muito diferente daquela do princípio do século passado quando o sistema do morgadio e do vínculo foi abolido.

Devido à longevidade maior de agora, os pais duram mais tempo e é normalmente o filho mais novo que quer pegar na terra quando os outros estão já por diversas profis-

sões equivalentes à religiosa ou militar de outrora.

Acontece até tomarem conta da exploração familiar ainda em vida dos pais que passam à reforma. Muitas explorações agrícolas alemãs dispõem de duas habitações separadas para dar lugar à família reformada e à nova. Mas em nenhum dos países o sistema é obrigatório nem é necessariamente o mais novo que toma a exploração agrícola.

Esta preocupação de facilitar a manutenção da mesma família vinculada à terra, através de um só filho, enquanto os outros se dedicam a diversas profissões, embora se lhe mantenham ligados por laços morais, não nasceu somente com a preocupação de manter explorações equilibradas economicamente.

Há outras razões mais profundas dessa necessidade. Mas isso ficará para próxima ocasião.

motor
SAI AMANHÃ
TERÇA-FEIRA

JOSÉ MARIA TAVARES

Em intenção do sr. José Maria Tavares, falecido há um ano nas Azenhas do Mar, sua mulher, sra. D. Elisa Víctor Tavares, manda rezar missa amanhã, dia 10, às 11 horas, na Igreja de S. João de Brito.

Grupo de moradores na vila de Queluz, pediram a cedência das instalações da Cooperativa Proelium para uma reunião de trabalho, a realizar no dia 20 à noite, a fim de debaterem e encontrarem solução para a falta de um jardim infantil no novo bairro do Monte Abraão, também conhecido por Queluz Ocidental.

Trata-se de uma urbanização recente e prometedora mas onde, como oportunamente noti-

Habitantes de Queluz pedem um parque infantil para o Monte Abraão

ciámos, começaram já a ser cometidos atropelos ao plano inicial. Acontece ainda que, malgrado o desenvolvimento constante no que respeita à construção de prédios em propriedade horizontal, os equipamentos

sociais não existem nem se vislumbra, a curto prazo, a sua existência. Mesmo os ajardinamentos e arranjos de espaços verdes só têm sido completados em parte do bairro e sob a responsabilidade de uma empresa

urbanizadora, restando a monte aqueles que, julga-se serão da responsabilidade da Câmara Municipal.

Um acordo tornado público meses atrás, prevê a construção prioritária de um importante conjunto de infraestruturas comunitárias, mas os habitantes começam a duvidar que o plano seja cumprido nos termos anunciados. Por isso resolveram estudar em comum a solução dos problemas mais imediatos, dando preferência, para já, à construção de um parque onde as crianças possam estar em condições higiénicas e de segurança. Prevê-se o pedido, ao Município, de uma praça já ajardinada, nem que os habitantes paguem do seu bolso o equipamento necessário.

A Cooperativa Proelium, que, em colaboração com a Vis, da Amadora, proporciona salas de estudo orientado a cerca de uma centena de adultos interessados em fazerem o curso liceal, cedeu com o maior interesse as suas instalações, do facto dando conhecimento, segundo fomos informados, ao chefe do Bairro Administrativo de Queluz.

Julgamos saber que as autoridades administrativas do concelho vão ser convidadas a tomar parte na reunião.



UM ENTERRO ALEGRE

QUEM DEIXARÁ DE ASSISTIR AOS FUNERAIS DA MAMÃ GRANDE?

Nem o papa. Nem o presidente da República e os seus ministros. Nem a alta finança, juizes, militares, políticos e funcionários de todos os níveis. Nove dias de honras fúnebres, nove dias de luto nacional.

Quase um século de vida, «virgem e sem filhos», heroína morta pela pátria, Mamã Grande, dona até das cores da bandeira, deixa pelo menos 100 000 hectares de terra. Após os funerais, as partilhas. E, claro, você também estará presente.

Os Funerais da Mamã Grande, de Gabriel Garcia Márquez, um enterro alegre. O livro mais lido deste autor, depois de Cem Anos de Solidão. Também de Garcia Márquez, O Veneno da Madrugada — todos editados por Publicações Europa América



SURDOS

O CENTRO AUDITIVO ESTÁ AO VOSSO SERVIÇO

Serviços especializados em aparelhos de correcção auditiva estão ao vosso dispor apetrechados com moderna aparelhagem

TÉCNICA E QUALIDADE SUPERIOR COM GARANTIA

Modelos de todos os sistemas para correcção de todos os casos de surdez com possibilidade de recuperação TÉCNICOS PROFISSIONAIS PROCEDEM A RIGOROSOS TESTES DE EXPERIÊNCIA PARA ADAPTAÇÃO CUIDADA DE CADA APARELHO

Consulte, gratuitamente, O CENTRO AUDITIVO

Sede em Lisboa — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º
Telefs. 59597-560943

(à Estefânea — frente Jardim Constantino)

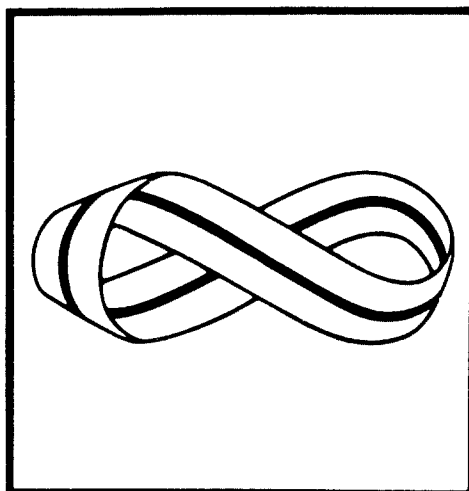
Direcção técnica: Pereira Marcão
— 24 anos de especialidade —



PENTA-BTA 2/72

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Acores

Onde quer que esteja,
seja qual fôr o seu caso,
é sua a nossa dimensão.
Os nossos quadros jovens e especializados
resolvem o seu problema.
Respondemos confiadamente à sua confiança.
Com total transparência de processos.
Hoje e sempre.



BANCO TOTTA & ACORES

Num mundo novo o Banco Novo

DL/GERAL

O CASO DO ABADE DE PAREDES

Numa carta acompanhada de documentos comprovativos, pede-nos o sr. dr. José Augusto Bragança da Silva Tavares, residente em Paredes (Porto), que tornemos pública a sua versão acerca de acontecimentos por nós referidos na nossa edição de 20 de Setembro último a propósito do mal-estar surgido na paróquia de Castilhões de Cepeda de Paredes, que levou um grupo de paroquianos a pedirem ao Bispo do Porto o afastamento do pároco.

Diz o dr. Silva Tavares: «Não fui despedido de professor do colégio de Antero de Quental pelo director sr. Pe. Rodrigo da Cunha, mas antes me despedi, nunca tendo estado em causa a minha idoneidade moral....

Sai do colégio nas melhores relações com o sr. Padre Rodrigo e com todos os Professores. Só um ano depois dessa saída cortei relações com aquele sr. Padre, por ele ter envolvido o meu nome numa difamação, que ele transmitiu, atingindo uma colega minha, pessoa que considero e respeito e a quem demonstrei sem sombra de dúvida a minha inocência.

É absolutamente falso eu ter andado ou mandado alguém colher assinaturas.

É falso também eu ter enca-

beçado o movimento a que se refere a entrevista, sendo contudo verdade que a ele aderi na convicção de que é benéfica para a Paróquia e até mesmo para o sr. Padre Rodrigo a sua saída de Castilhões de Cepeda.

Também pretendo rectificar a seguinte afirmação que me é atribuída: eu disse que os elementos leigos da Comissão Fabriqueira aceitaram as contas que o sr. Pe. Rodrigo apresentou: não disse que se lavrou uma acta, pelo contrário afirmei que esses membros se demitiram pelo facto de o sr. Pe. Rodrigo se negar a lavrar uma acta em que ficassem consignados os dinheiros paroquiais que tinham como existentes, à volta de quatrocentos contos.

Em apoio das suas alegações, o signatário exhibe declarações do dr. António Alves Moreira Barbosa, Maria Teresa Carneiro de Sousa Machado e Ana Maria Salazar Mendes Moreira, que, na qualidade de ex-professores do externato Antero de Quental, esclarecem as circunstâncias em que o seu colega foi admitido nas funções docentes de que veio a demitir-se, ao mesmo tempo

que abonam o seu comportamento e o seu prestígio. Um outro documento do mesmo teor é assinado pelo sr. António José da Cunha Brochado (chefe da secretaria do colégio na altura dos acontecimentos) o qual também subscreve uma declaração rectificando alusões feitas pelo padre Rodrigo da Cunha no seu depoimento ao «DL» e referentes a uma alteração com o sr. António Grácio, que chegou a vias de facto.

O dossier inclui ainda um documento deste último senhor, contendo a sua própria versão dos factos em que o seu nome foi envolvido no desenrolar da entrevista do abade de Paredes.

Resta apontar uma carta do sr. José António de Sousa e Silva também citado na entrevista, o qual ameaça o abade com o tribunal «onde terá de prestar contas da seguinte afirmação: recusei-me a apoiá-lo na falência que abriu».

N. da R. Aceitando referir todos estes depoimentos, o «DL», que já na reportagem publicada em 20 de Setembro tinha ouvido as duas partes litigantes, julga ter cumprido o dever de informar o público pelo que encerra o assunto.

Projectos de expansão internacional da Lisnave

Em Abril de 1972, a Lisnave foi convidada pela O.A.P.E.C. (Organização dos Países Árabes produtores de Petróleo) para, juntamente com a Kawasaki (empresa nipónica de grande projecção, detentora de um dos maiores estaleiros do Japão), participar no estudo, construção e gerência de um estaleiro para grandes petroleiros, a localizar em Barhein (no Golfo Árabe).

As posições seriam repartidas do seguinte modo: O.A.P.E.C., 60 por cento; Kawasaki, 20 por cento; Lisnave, 20 por cento, desempenhando o papel de principal contratante, em conjunto com a empresa japonesa.

Em Junho, e conforme na altura foi noticiado, firmou-se uma «carta de intenções», pri-

meira formalidade do acordo, segundo a qual, até 30 de Setembro, se procederá à entrega do estudo de viabilidade económica e de uma estimativa do custo de construção. Cumprida essa obrigação, segue-se a elaboração ou execução de estudos de mercado, hidrográficos, de contratação e formação de pessoal a concluir até Fevereiro de 1973, altura em que os três intervenientes terão de assumir compromissos definitivos, em função das condições acordadas e investigadas.

De acordo com o planeamento até agora mantido, o estaleiro deverá entrar em funcionamento no decurso do ano de 1976, dispondo de uma doca para navios até 350 mil toneladas de porte bruto.

O investimento requerido pela execução de uma tal obra está estimado num valor que se situa na ordem dos 80 milhões de dólares (a preços actuais), ou seja — mais de dois milhões de contos.

Até agora, equipas da Lisnave e da Kawasaki, juntamente com representantes da Petromin (entidade delegada dos países árabes) têm-se ocupado, em Barhein, Tóquio e Lisboa, do estudo aturado do conjunto e de pormenores do importante projecto, cooperando estreitamente na ponderação das soluções mais adequadas — tanto de carácter técnico como económico e financeiro.

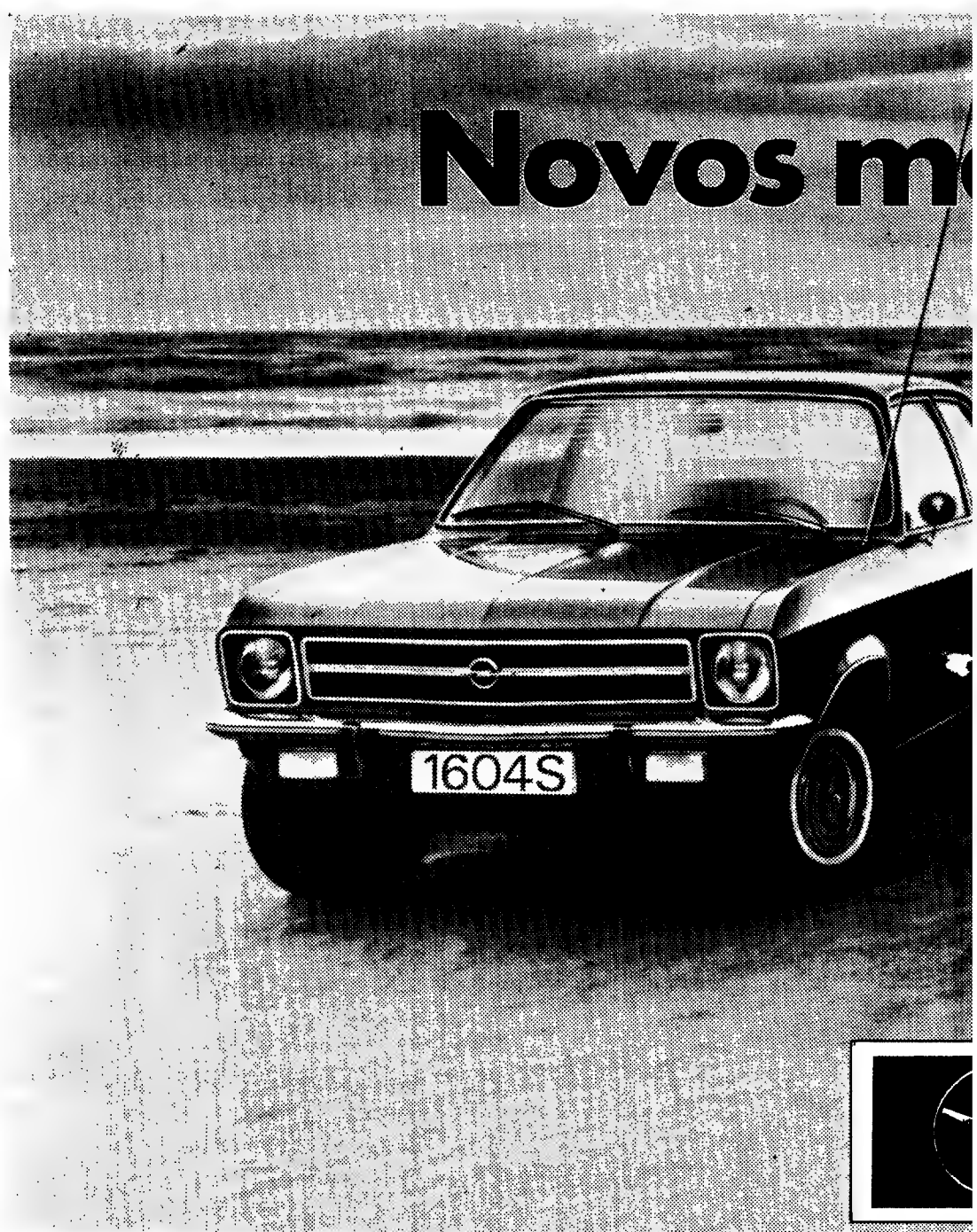
A Lisnave, actuando de acordo com a linha de expansão internacional de há muito planeada, está a ampliar a sua actividade com vista à participação em estudos e projectos no estrangeiro, de forma a aumentar a sua rede de assistência aos armadores, em colaboração com outras grandes empresas. Como exemplo dessa actuação, pode citar-se o caso de Coração, onde a Lisnave tem, já, parte do capital dos estaleiros ali existentes, possuindo, mesmo, um representante no respectivo conselho de administração. Outro exemplo concreto, o da colaboração no estabelecimento do planeamento do estaleiro de Barhein — a que se acrescentam novos projectos, em estudo para outras áreas, e que oportunamente serão revelados.

Aeroporto: lugar (pago) para 3

Prosseguem as obras de construção dos novos parques de estacionamento de automóveis do Aeroporto de Lisboa, cuja primeira fase está em curso, prevendo-se a sua abertura ao público para Junho do próximo ano.

Além desse sector, que se dividirá em três zonas com capacidade para três mil veículos onde o estacionamento será submetido a taxas escalonadas, tanto mais elevadas quanto mais próximas se situarem da aeroga-

re estas obras, na sua segunda fase, compreendem a construção de arruamentos de moderno traçado, com cruzamentos desnivelados. O custo desta primeira fase orça em cerca de 50 mil contos. A área destinada



UMA OFERTA LIMITADA E TEMPORÁRIA

Comemorando o 10º aniversário da fábrica OPEL em Bochum, onde são produzidos os Kadett, 1604 S, 1904 SR, e Manta, lançamos os modelos ANIVERSÁRIO.

Trata-se de uma oferta temporária, de quantidades limitadas, de veículos equipados especialmente com extras de fábrica garantidos de origem:

Volante desportivo

2 faróis de nevoeiro com lâmpadas de iodo auto rádio Blaupunkt, modelo Frankfurt.

Um valor real de 7.904\$00 que agora pode adquirir apenas por 2.602\$00, incluídas as montagem e instalação.

MANTA ANIVERSÁRIO

2 portas • 5 lugares • ampla mala • motor de 102 HP e 1897 cc de cilindrada • árvore de cames à cabeça e cambota com 5 apoios.

travões hidráulicos de assistência por servo-freio • ventilação e aquecimento dos bancos da frente • reclináveis • conta rotações • tipo sport • Volante desportivo • faróis de nevoeiro cor de iodo • rádio Blaupunkt Frankfurt. Manta 1.9L - 120.202\$00*

1.604 S - 1

2 portas • 5 amplos • 1.584 cc de cilindrada • cambota com 5 apoios de disco à frente e poli-

OITO CRIANÇAS PRECISAM DE TRÊS ANIMAIS

Lucinda da Conceição Ferreira mora com o marido e oito filhos na Quinta da Pailleta, barraca 45, à Charneca do Lumiar. Na quarta-feira, os animais que tinha num pequeno curral ainda em construção, junto à estrada de Camarate, fugiram depois de terem arrombado a porta. Eram um borrego, uma borrega e uma cabra. Por volta das 11 horas desse mesmo dia foram vistos perto da Fábrica A.

Santos.

A sr.ª Lucinda contactou-nos e pede que se alguém tiver os animais em seu poder, se lembre dos seus filhos que iriam ter calçado depois da venda que ela pensava efectuar. Atenção, portanto. Se alguém souber dos três animais, lembre-se das oito crianças: calçado e ainda alguma comida, agora que o Inverno chegou e elas vão, diariamente à escola.

DL/GERAL

8 mil carros

As novas construções e de 135 mil metros quadrados confinados a norte, pela Avenida de Berlim, e le-vante pela estrada de Sa-cavém, a sul pela Rotunda do Relógio e a ponte pe-las instalações do Aero-

porto. Por sua vez, o actual parque de estacionamento fronteiro à aerogare tor-nar-se-á de utilização exclu-siva de autocarros e táxis destinados ao transporte de turistas.



Modelos Opel Aniversário



oupe agora 5.302\$00

duplo circuito, de disco à frente e polias atrás,
reio • faróis de marcha
timento reguláveis
frente totalmente
pes • jantes e aros
desportivo
m lâmpadas
unkt, modelo
L Aniversário -

ANIVERSÁRIO

lugares • ampla mala • Motor de 92 hp.
da • árvore de cames à cabeça
s • travões hidráulicos de duplo circuito
lias atrás, assistidos por servo-freio.

barras estabilizadoras • óptima visibilidade panorâmica
encostos dos bancos da frente totalmente
reclináveis • relógio eléctrico.
Volante desportivo • faróis de
nevoeiro com lâmpadas de iodo
e rádio Blaupunkt, modelo
Frankfurt.
1.604S 2 portas Aniversário -
- 102.402\$00*

KADETT L 12/60 2 PORTAS ANIVERSÁRIO

2 portas • 5 lugares e ampla mala • motor de 67 hp. e
1.196 cc • de cilindrada • suspensão eficiente em qualquer piso
molas helicoidais com amortecedores telescópicos de dupla
acção e barras estabilizadoras • travões sensíveis de actuação
instantânea • hidráulicos de duplo circuito, de disco à frente e

polias atrás • assistido por servo-freio • relógio eléctrico.
Volante desportivo • faróis de nevoeiro com lâmpadas de iodo
e rádio Blaupunkt, modelo Frankfurt.

Kadett L 12/60 2 portas Aniversário - 81.436\$00*

DIRIJÁ-SE JÁ AO SEU AGENTE OPEL
UMA OFERTA LIMITADA E TEMPORÁRIA

não inclui chapa de matrícula nem registo de transmissão.

DL/ESTRANGEIRO

SEGUNDO MAPAS AMERICANOS

METADE DO VIETNAME DO SUL NAS MÃOS DOS COMUNISTAS

SAIGÃO, 9 — (F.P.) — Sete meses depois do início da sua ofensiva geral no Vietname do Sul, que foi precedida de ataques coordenados no Laos e no Camboja para assegurar as suas rectaguardas, as forças armadas populares de libertação indochinenses (norte-vietnamitas, Frente Nacional de Libertação, Pathet Lao e Khmers Vermelhos), mantêm a iniciativa no terreno como acabam de demonstrar ao atacarem Phenom Penh, capital do Camboja e ao infiltrarem-se até próximo de Saigão, capital do Vietname do Sul.

«As forças comunistas fazem o que querem, quando querem, onde querem, e controlam a duração dos ataques e a sua intensidade» — declarou uma fonte americana.

Mas a sua tática mudou e aos ataques maciços divisionários típicos da guerra convencional dos meses de Abril e de Maio, sucedeu-se agora uma tática de guerrilha, utilizando os perigosos comandos de sapadores à escala do batalhão.

«Os comunistas gostariam sem dúvida de poder lançar um grande ataque contra a capital sul-vietnamita, mas já não o podem fazer, afirmou a mesma fonte. Sofreram demasiadas perdas. Contentar-se-ão, sem dúvida, em desencadear ataques numerosos, mas sem envergadura em torno da cidade e talvez em bombardeá-la com foguetões».

E verdade que as forças sul-vietnamitas alcançaram vitórias, retomando nomea-

damente Quang-Tri, a única capital provincial que o inimigo havia ocupado. Resistiram igualmente satisfatoriamente em Hué, em Kontum, em An Loc e conseguiram estabilizar as frentes mais ameaçadas.

Mas fizeram-no com o apoio de bombardeamentos da aviação americana, incluindo os bombardeiros gigantes B-52 e da Sétima Esquadra, com uma intensidade nunca antes igualada.

Mas, a penetração comunista prossegue, menos espectacular, mas perigosa para o

regime saionês.

Certos observadores americanos pensam que a situação militar e económica no Vietname do Sul é actualmente mais grave do que era em Maio, no momento da debandada de Quang-Tri.

Nos mapas do Estado Maior americano, a metade menos populosa do Vietname do Sul, desde o oeste até ao mar, é considerada como estando sob controlo inimigo, assim como mais de metade do Laos. Quanto ao Camboja, dois terços estão sob o controlo comunista ou sihanoukista.



Um espião turco, Sulkof Askoy, com ligações com agentes búlgaros, quando era fotografado, em flagrante, colocando e retirando mensagens num buraco de um muro em Istambul. Askoy foi preso. (Telefoto UPI-Teleimpressa-DL).

A língua inglesa esta semana no Euromercado

BRUXELAS, 9 (ANI) — A língua inglesa entra esta semana no Mercado Comum Europeu.

A sua chegada poderá ser a batalha final entre o francês e o inglês para a língua oficial no mundo ocidental. Os puristas receiam que isto possa resultar no «francês» (uma mistura das duas línguas) ou, como disse o antigo presidente do Mercado Comum, Walter Hallstein, no «esperanto».

A Inglaterra só ingressará no Mercado Comum em 1 de Janeiro de 1973, mas a língua entra em efeito três meses mais cedo, sendo um dos idiomas de trabalho, para facilitar a transição de Janeiro.

O francês tem estado firmemente estabelecido nos últimos quinze anos e o Governo de Paris já tornou claro que considera o seu idioma um ponto de honra nacional. Um exemplo é o de o avião supersónico franco-inglês se chamar «Concorde», em vez de «Concord».

O francês, porém, é uma linguagem minoritária no Mundo. Apenas 80 milhões de pessoas o falam, comparado com os 309 milhões que falam inglês.

Enquanto o francês é a linguagem da diplomacia, o inglês aumenta a sua importância como idioma comercial e político, pelo menos depois da última guerra.

Cento e oitenta homens retirados no Ártico

NOVA IORQUE, 9 (R) — Cento e oitenta marinheiros, retirados a bordo de dois barcos americanos presos no meio de gelo ártico, com dois metros de espessura, começaram hoje uma espera de uma semana por um quebra-gelos canadiano que os rebocará para local seguro.

O barco canadiano «John A. MacDonald» partiu ontem da ilha de Broughton, ao largo da Terra Nova, para a sua viagem de salvamento através do mar congelado da Gronelândia. A guarda costeira americana afirmou em Washington que os 120 tripulantes a bordo do quebra-gelos «Edisto» e os 60 a bordo do navio de pesquisas da marinha «Mizar» não corriam perigo. Ambos os navios encontraram-se presos no gelo a noroeste da Gronelândia.

Os dois barcos colidiram na sexta-feira quando o «Edisto» rebocava o «Mizar» dentro do Círculo Ártico. Não houve notícias de feridos, mas o leme do quebra-gelos ficou destruído e foi arrancada uma das suas hélices.

A guarda costeira disse que os dois barcos dispunham de víveres e de combustível suficientes para um ano.

Se o navio canadiano não conseguir libertar os barcos, helicópteros poderiam evacuar todos os tripulantes, afirmou a guarda costeira. O tombadilho de voo do «Edisto» sofreu estragos em consequência do choque, mas podia ainda ser utilizado.

Duplicados pelo Japão os gastos militares

TOQUIO, 9 — (R.) — O Japão quase duplicará os gastos militares para dar às suas forças armas mais sofisticadas durante os próximos cinco anos, nos termos de um programa de armamento aprovado hoje.

O conselho de defesa nacional concordou com um orçamento de 4 630 000 milhões de ienes (cerca de 406 milhões de contos) para o quarto programa quinquenal de defesa, que originalmente devia começar em Abril.

Esse orçamento é quase 100 por cento mais elevado do que o anterior, a despeito de persistentes exigências da oposição de reduções drásticas.

O grande aumento nas armas inclui mais 280 tanques e 154 helicópteros para o Exército, 13 novos jactos para a Força contra torpedeiros e cinco submarinos para a Marinha e 173 novos jactos para a Força Aerea. Contudo, a média dos efectivos militares continuará a ser de 260 000 homens.

A Igreja Católica criticada numa reunião de pacifistas

QUEBEC, 9 — (FP) — A Igreja Católica Romana tem a responsabilidade da continuação da guerra no Vietname, devido ao seu anticomunismo visceral — acusam os pacifistas de 25 países reunidos em Quebec pela «Assembleia internacional dos cristãos solidários dos povos vietnamitas, laocianos e cambojanos».

Eram falsas as informações, — disse um padre — de que os comunistas são bárbaros, que os católicos são perseguidos no Vietname do Norte e que uma retirada dos americanos será seguida de matanças.

chefe da delegação norte vietnamita Nguyen Thi Binh, declarou que 210.000 católicos

no Vietname do Norte têm liberdade de culto e o Governo dá ajuda às suas escolas e seminários.

Os bombardeamentos americanos destruíram desde 1965, 500 igrejas no Vietname do Norte — acrescentou. Por seu turno o presidente do «movimento dos católicos do Vietname do Sul» informou que os membros da sua delegação não tinham conseguido vistos das autoridades de Saigão para irem a Quebec. Estavam presentes 300 delegados católicos, protestantes e budistas, vindos de vários países, entre os quais a França, a Itália, o Brasil, a Polónia, os Estados Unidos, o Canadá, o Camboja e a Holanda.

O AFUNDAMENTO DO «LUSITÂNIA»

Churchill retirara a escolta do paquete

NOVA IORQUE, 9 (R) — O afundamento do paquete «Lusitânia», que provocou a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial contra os alemães foi facilitado pelo almirantado britânico que enviou o navio sem qualquer escolta de contra torpedeiros ao encontro dos submarinos inimigos, segundo afirma o escritor Colin Simpson, num artigo hoje publicado pela revista «Life».

Simpson, que é autor de um livro sobre o mesmo tema, baseia as suas conclusões em documentos recentemente publicados pelos arquivos nacionais de Washington, pelo almirantado britânico e nos registos da companhia Cunard, armadora do malogrado paquete, onde perderam a vida 1198 das 1959 pessoas que seguiam a bordo.

Simpson afirma que o almirantado, e em especial «Sir» Winston Churchill, que era então o primeiro lorde do almirantado, mandou voltar para trás a escolta do «Lusitânia», embora se soubesse que o paquete iria encontrar na sua rota submarinos alemães.

Poucas horas antes da tragédia, o reo George V avistou-se com o coronel House, representante pessoal do presidente Wilson em Londres e perguntou-lhe: «Coronel, o que fará a América se os alemães afundarem o «Lusitânia»?»

Por outro lado, o manifesto de carga do paquete, mantido secreto até há 20 anos, revela que o «Lusitânia» não era apenas um inocente navio de passageiros, pois transportava grande quantidade de armas e munições e estava armado.

CALEIDOSCÓPIO

ATAQUE EM HAIA: Uma rajada de metralhadora foi disparada ontem à noite contra a residência do embaixador de Israel em Haia, de um carro que arancou imediatamente — informou hoje de manhã o correspondente da Rádio israelita nos Países Baixos. O correspondente acrescentou que a Polícia que estava de guarda ripostou mas aparentemente sem sucesso. O atentado não causou vítimas nem estragos. A residência do embaixador de Israel encontra-se no centro da capital holandesa. (F.P.)

APOIO JUDAICO A MCGOVERN: O «Jewish Daily Forward», o mais velho diário de língua «Yiddish» do mundo, e o que tem maior tiragem, decidiu dar o seu apoio a McGovern, o que representa um revés importante para a campanha eleitoral do presidente Nixon. Ambos os candidatos fazem com efeito o que podem para

conquistar os votos do numeroso eleitorado judaico americano. O diário acusa o presidente Nixon «de se colocar, em todos os problemas importantes, do lado dos grandes negócios em detrimento dos interesses do povo». (F.P.)

JULGAMENTO DE UM ASTROLOGO: Um conhecido astrologo alemão, Arwed Imiela, de 42 anos, começa hoje a ser julgado em Lubeque sob a acusação de ter assassinado quatro mulheres cuja confiança captara, para se apoderar dos seus bens no valor de 340.000 marcos (2.890 contos). O caso tem aspectos macabros pois a Polícia diz que Imiela desmembrou os corpos das suas vítimas e guardou-os num congelador antes de finalmente os enterrar numa ilha desértica do Báltico. (R.)

CONFERÊNCIA HOSTILIZADA: Chefes de redacção e directores de jornais de todo o conti-

nente americano iniciam hoje em Santiago uma conferência de uma semana tendo como pano de fundo hostilidade declarada do Governo e de partidários do presidente marxista do Chile, dr. Salvador Allende. O acontecimento é a conferência anual da Associação Interamericana de Imprensa (Aiai), que esquadristas do Chile e de outros países latino-americanos alegam ser uma organização de proprietários, inimiga de «forças políticas progressivas». (R.)

«GUERRA PSICOLÓGICA»: A comissão árabe de conciliação chegou no domingo a Sanaa, enquanto várias dezenas de membros da tribo Hached, que se opõem a Aden, desfiliavam nas ruas em camiões, brandindo as suas espingardas. A informação da tomada, por exilados sul-vietnamitas, da ilha de Kama-

ran, no Mar Vermelho, foi acolhida com a maior reserva na capital da República Árabe do Iemen, onde se considera que faz parte da «guerra psicológica». (F.P.)

SONDAGEM DESFAVORÁVEL A HEATH: Uma sondagem do Instituto Louis Harris, publicada hoje no «Daily Mail» mostra que 47 por cento dos interrogados consideram que o Governo inglês não dirige com mão segura os assuntos do país. Cinquenta e sete por cento foram de opinião que Edward Heath não conseguiu êxito no lugar de primeiro-ministro. Cinco por cento dos conservadores, entretanto, afirmam o contrário esta sondagem antecede o congresso conservador que vai realizar em Blackpool, havendo uma outra sondagem relativa à chefia de Wilson, em que os eleitores se lhe manifestavam favoráveis na proporção de 79 por cento. (F.P.)

DO ESTRANGEIRO

ÊXITO TÓQUIO-PEQUIM

Primeiro-ministro do Japão desde Julho Kakuei Tanaka não perdeu tempo e apenas dois meses depois não só se tornou o primeiro estadista nipónico a visitar Pequim como ainda estabeleceu relações diplomáticas com o regime comunista chinês, conseguindo isso apesar dos interesses económicos japoneses na ilha Formosa, bastião nacionalista chinês, e da presença de tropas americanas no Império do Sol Nascente, como parte do dispositivo militar dos Estados Unidos de defesa do regime de Chiang Kai-Shek e de apoio à intervenção na guerra da Indochina.

Embora na esteira da surpreendente viagem do presidente ianque Richard Nixon à China de Mao Tsé-Tung, que, ao contrário do que sucedeu com a visita de Tanaka ainda não deu como resultado o estabelecimento de elos diplomáticos entre Washington e Pequim a brusca melhoria das relações sino-nipónicas contrasta com a tensão recente entre os dois países a qual atingiu o máximo durante a Revolução Cultural chinesa de 1966-1969. Depois do desaparecimento do marechal Lin Biao da cena política comunista chinesa e com o novo ascendente do indestrutível primeiro-ministro Chu En-Lai assiste-se efectivamente a um adocamento das posições de Pequim nomeadamente no que diz respeito à sua política externa. A irredutibilidade e dureza anteriores foram substituídas por uma nova atitude de adaptação a certas «realidades» exteriores, como seja a força económica japonesa e o desejo de independência dos actuais dirigentes do Tóquio em relação à América do Norte.

A melhoria de relações sino-nipónicas por outro lado, não só pôs termo a cerca de oitenta anos de hostilidade entre os dois povos como abre perspectivas de um entendimento no continente asiático que poderá levar à aplicação da fórmula «a Ásia para os asiáticos» em detrimento dos interesses americanos e simultânea-

mente servindo os propósitos chineses de levar por diante a sua contestação ao direito soviético de continuar a administrar vastas áreas outrora tradicionalmente pertencentes à esfera de influência da China. Mas para já a aproximação entre Pequim e Tóquio é suficientemente coerente pois as duas nações precisam economicamente uma da outra (a China tem necessidade da ajuda da tecnologia japonesa mais avançada e o Japão do fabuloso mercado



NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

consumidor representado pelos 750 milhões de chineses) e é mais natural que povos asiáticos se entendam entre si do que procurem manter elos de sujeição com potências exteriores ao continente. Falar em perigo amarelo a propósito do princípio de «a Ásia para os asiáticos» é portanto negar aos habitantes daquele continente o direito a serem eles próprios a pôrem e disporem na casa que é sua.

Contudo um eixo Tóquio-Pequim, dada a complementaridade até certo ponto dos dois colossos asiáticos é susceptível de perturbar mais tarde ou mais cedo o actual equilíbrio de forças mundial.

O Egipto exige a retirada das tropas sudanesas

CAIRO, 9 (ANI e R.) — O Egipto exigiu ao Sudão que retire as suas tropas estacionadas em território egípcio, pondo assim termo a uma presença de cinco anos que simbolizava a aliança entre os dois países árabes na confrontação contra Is-

rael.

Esta decisão egípcia segue-se à anterior iniciativa do Sudão de retirar do Egipto a maior parte das suas tropas, depois de terem surgido divergências entre os dois países.

O Sudão foi um dos vários países árabes que

enviaram destacamentos simbólicos de tropas para o Egipto, após a guerra dos seis dias.

As relações egípto-sudanesas sofreram um súbito agravamento quando o Governo de Cartum impediu a passagem de aviões libios com armas e soldados para

o Uganda. O Sudão interceptou esses cinco aviões e apresentou queixa contra a Líbia na Liga Árabe, sendo esta atitude muito criticada na imprensa egípcia.

Entretanto, a agência noticiosa do Médio Oriente acusou o Sudão de enviar a ordem de retirada directamente aos comandantes das suas tropas sem ter primeiro consultado as autoridades egípcias.

Apesar destes atritos, uma delegação parlamentar do Egipto partirá na quarta-feira para Cartum a fim de assistir à abertura do Parlamento sudanês.

As tropas sudanesas ao longo do Canal de Suez estão calculadas em cerca de 2500 militares de infantaria e uma pequena unidade de artilharia — revela-se nos círculos oficiais.

GISCARD D'ESTAING: Sêrio candidato ao cargo de primeiro-ministro

PARIS, 9 — (F. P.) — Valéry Giscard d'Estaing, ministro da Economia e Finanças, apareceu ontem como sério candidato ao lugar de primeiro-ministro se a França votar no centro, nas eleições legislativas da Primavera do ano que vem.

Em discurso pronunciado após um ano de silêncio voluntário, o presidente dos Republicanos Independentes, expôs o programa do seu partido «para uma sociedade liberta», no qual se declara do seu partido «para uma sociedade liberta», no qual se declara firmemente convencido de que a grande maioria dos franceses deseja ver o centro no poder. Para ele, os eleitores

franceses terão apenas que escolher «entre o centro e a extrema esquerda». Mantendo, no entanto, o seu apoio ao presidente Pompidou, D'Estaing parece ter decepcionado alguns dos seus amigos (políticos).

Pronunciando-se abertamente contra uma sociedade de tipo comunista, «sociedade de impedimentos burocráticos além de centralizada», sugeriu que a maioria deve tomar a iniciativa de propor uma fórmula gover-

namental de coligação para assim evitar que «a extrema esquerda domine o debate político».

O facto de D'Estaing ter dito que o presidente Pompidou será levado a extrair «consequências das próximas eleições» leva numerosos observadores a pensar que o mais popular homem político da França não recusará tomar a chefia do Governo se o escrutínio lhe for particularmente favorável.

De Morávia ao Exorcismo

Roma, A actriz Kara Donati, que se estreou na peça de Alberto Moravia «Il Mondo è Quello Che È» e que participou na série «Mata Hari», será a protagonista do filme provisoriamente intitulado «L'Indemoniata», uma produção de Franco Can-CELLIERI SOBRE OS SEGREDO DO EXORCISMO:

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR — TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTA Encerrado às 2.ªs feiras. (M/14 ANOS)

RESTAURANTE POMBALINO

ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA A VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim)
Telef. 2433878

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ SALSICHA ESTUFADA COM COUVE LOMBADA
4.ª FEIRA FILLOCA C/ ENTRECOSTO
ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

restaurante arameiro RIA

LISBOA Restauradores Trav. S. Antão 21 PREMIO DO S. N. I.



GREER GARSON · ROBERT YOUNG
ERROL FLYNN · JANET LEIGH

OS FORSYTES

Technicolor (That Forsyte Woman) Grupo C. M/14 anos

Amanhã no CONDES

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

DL/AVIAÇÃO

VASSALO E SILVA - ANTÓNIO QUINA : portugueses triunfaram bem na "VI Volta Aérea a Portugal"

Texto de ALEXANDRE PAIS
nosso enviado especial

Prejudicada pelo mau tempo, foi debaixo de sol bem quentinho que terminou a «IV Volta Aérea a Portugal». E, haja os motivos que houverem para se não concordar com os mais variados pormenores, defenda-se a verdade duma classificação que seleccionou de facto os melhores. E estes são, nem mais nem menos, que os primeiros da classificação final: 1.º Vassalo e Silva-António Quina, 1283 pontos; 2.º Joaquim Silveira-Prista Caetano, 1272; 3.º Pepito-Bernardo Oliveira; 4.º João Fernandes-Henrique Pinto, 1261; 5.º Roberto Berger-Hosy Hubert, 1251.

— Não, não sei. E, mesmo que soubesse, não dizia. A um jornalista? Ué...

Nesta resposta do comissário desportivo Carlos Lavadinho à pergunta efectuada no final das provas sobre quem seria o provável vencedor da «IV Volta Aérea a Portugal» se pode resumir a quase total indiferença da organização pelo trabalho dos homens da informação. Começo, pois, por pedir desculpa pelos erros ou inexactidões que esta crónica possa conter.

PENINA

Dos dois primeiros dias já foi feita a história: passeios matinais (ou quase) por contingências do tempo, uma aterragem de precisão em tempo e espaço (Espinho) e duas passagens ao segundo (Lousã e Coimbra).

No sábado, a competição aumentou de interesse: logo pela manhã houve um reconhecimento fotográfico antecedido (ao que parece) por uma descolagem com viragem apertada. E, digo ao que parece, pois nunca recebi (antes ou depois das provas) qualquer informação (falada ou escrita) sobre o voar dos aviões. Esta da «viragem apertada» forneceu-me um concorrente...

De tarde cumpriu-se um plano de voo e efectuou-se o reconhecimento de um sinal colocado alguns. Depois, foi a chegada ao Aeródromo Municipal da Penina (de construção recente) onde foram empatados cerca de quatro mil pontos: sem proveito imediato, pois alguns aviões correram mesmo o risco de saírem danificados quando o solo cedeu sob o seu peso). Pormenor (importante) a rever pela municipalidade de Portimão.

E, já que falamos da Penina, impõe-se uma rectificação sobre a propriedade do «Islander» em que o repórter do «DL» efectuou grande parte da deslocação. Na realidade, o avião pertence à Sociedade Turística da Penina e não à Torralta, como erradamente anunciámos por deficiência de informação (a que foi alheia a organização da «Volta», acrescente-se também). O facto, que deixou muito pesaroso o comandante Matias (piloto do «Islander» e um modelo de hospitalidade) aqui fica verticalmente colocado: à Penina, o obrigado, as desculpas e... o «Islander».

CONFUSÃO

Pois, voltemos às provas de sábado, onde o reconhecimento fotográfico constituía dificuldade de primeira. Houve certa confusão por causa do nevoeiro, da névoa, de qualquer coisa que impedia a boa visibilidade: que parece ter começado por haver e terá depois desaparecido. Os primeiros concorrentes apareceram em Evora sem efectuarem o reconhecimento, tendo-lhes sido comunicado que se assim o entendessem poderiam voltar a ele após o almoço. Mas, aquilo não acabaria assim: antes de partir o autocarro que nos levaria (já sobre as 14 horas) rumo à morte da fome, entrou no



António Quina e Vassalo e Silva: última jornada foi decisiva.

veículo o director da «Volta» (eng.º João Rocheta) para dar o dito por não dito: não haveria hipótese de repetir o reconhecimento. Com isso não se conformou o par João Mont-Pereira Coutinho que logo ali lavrou o seu protesto. Decisão de João Rocheta: «ou me dão já o envelope (das fotografias) ou têm zero pontos».

Cheio o autocarro, a discussão terminou cá fora, fora (especialmente) dos ouvidos indiscretos.

Só lhes digo que o almoço à alentejana oferecido (ao que parece) pela Câmara Municipal de Evora e iniciado perto das 15 horas (e mesmo assim por finca-pé dos concorrentes estrangeiros que não queriam lá saber de repetições) estava uma delícia. João Rocheta e companhia entraram um bom pedaço depois, comeram um quase nada e abalaram num repente: organização deficiente não implica falta de boa vontade e surgiu o momento de preparar as provas previstas para essa tarde.

E de tal ordem foi arrasante o dia de sábado, que madrugada de domingo me deitei eu e ninguém sabia os resultados de coisa nenhuma.

berger...

Manhã de domingo, aeródromo da Penina: sobresscritos distribuídos e Robert Berger a pôr tudo num pandemónio. Reclamava o concorrente francês do facto de algumas equipas portuguesas estarem a apreciar o percurso em assembleia. Mais areia que vento: nem o regulamento proíbe a apreciação em conjunto (evitável de qualquer modo) nem se encontravam no grupo os grandes rivais de Berger (Vassalo e Silva-António Quina ou Joaquim Silveira-Prista Caetano). Por amabilidade do comandante Pastor (já vos falo dele, olá se falo) ficámos a saber o que esperava os concorrentes na última jornada: avaliação da direcção magnética dos aeródromos de Lagos e Sines e das pistas de Aivados, Comporta e Sapce; conhecimentos aeronáuticos; avaliação de área (houve quem telefonasse para o Porto de Lisboa para recolher a informação...) e aterragem de precisão no aeródromo de Tires. Nesta última parte, Vassalo e Silva fez figura de vencedor ao descer precisamente sobre a faixa branca. Mais tarde, muito mais tarde, surgiria o veredicto final: batidos Berger-Hubert e Silveira-Caetano, o par n.º 15 (forma-

do por Vassalo e Silva e António Quina) voando num Rallye Minerva 220, era o vencedor da IV Volta Aérea a Portugal.

...E PASTOR

O comandante Pastor, representante da Direcção-Geral de Aeronáutica Civil na prova, deu autêntico festival extra-competição, pilotando um Beechcraft T-34 Mentor. Tive o privilégio de fazer com ele o percurso Penina-Tires e depois de verificar a sua serenidade, a sua confiança, a sua precisão, o seu «savoir-faire», vou ter muita vergonha sempre que o dedo me bater na tecla errada cá na máquina do meu dia a dia. E não me esqueço do pormenor que nos põe os cabelos em pé: a extensa mancha cinzento-avermelhada que cobre a região de Lisboa, num aviso sério da poluição tornada visível. Quem viu, sabe: aquilo é de estarrecer.

A ORGANIZAÇÃO

Desportivamente, esta «IV Volta Aérea a Portugal» foi quanto a mim um êxito: não absoluto mas assinalável. As poucas pessoas que acorreram aos locais de passagem tiveram o privilégio de saber do acontecimento, já que a divulgação foi de facto insignificante. Mesmo assim, na Penina contei eu mais de centena e meia de pessoas, número bastante superior às que se encontravam (por exemplo) em Tires, tanto à partida como à chegada.

Por outro lado, assinala-se a presença de nove aviões pilotados por estrangeiros e da inscrição de outros tantos que por motivos vários não alinharam à partida. Sinal (sem dúvida) do interesse da prova e do bom trabalho dos delegados portugueses na «Volta à Europa».

Segundo a opinião de alguns concorrentes com quem pude contactar, esta «IV Volta» ao continente foi bastante dura e, apesar de todas as deficiências, foi sensivelmente melhor do que a de 71. No entanto, os estrangeiros (nomeadamente o inglês Len Shaw e o francês Baillais) lamentaram que não se tivesse aproveitado o ensejo para lhes dar a conhecer as localidades onde fizeram escala.

Da organização, eu gostaria de não falar. Queria não ter de dizer mal. Mas digo: que outro remédio me não fica. As pessoas que, com todo o seu dinamismo (que o houve) e com espírito de sacrifício às carradas

(que foi uma constante de quatro dias) se metem a organizar coisas destas têm que ter pelo menos duas coisas: qualificação para planear e capacidade para executar. Da primeira eu não duvido, por muita gente que ache que lá faltava e por outra que (presente) deita abaixo qualquer plano que se faça. Da segunda duvido e muito. Para ter os elementos dos órgãos de informação entregues à sua sorte (e a minha até foi das piores, sabemos todos porquê) não merecia a pena tanto esforço para lhes assegurar a viagem. Não havia ninguém que tratasse da vida às pessoas (concorrentes ou não): nos hotéis a confusão era geral. Horários cumpridos foi coisa que nunca houve. Cuidados, também não: esteve presente algum dos responsáveis quando o avião n.º 33 foi reparado em Espinho?

Claro que se me disserem que organizar uma prova destas tem muito que se lhe diga, eu aceito. Se me lembrarem (não é preciso) que o eng.º João Rocheta se sacrificou (voluntariamente embora) para assegurar a realização da «Volta Aérea» eu não tenho dúvidas em afirmar que o sacrifício mereceu a pena. Agora que a organização não andou bem, isso não andou. E esteja quem estiver contra, soprem os (maus) ventos que soprem, há uma voz que não se cala: a minha. E que não se cala, ainda com mais denodo, para gritar: venha a «V Volta Aérea a Portugal».

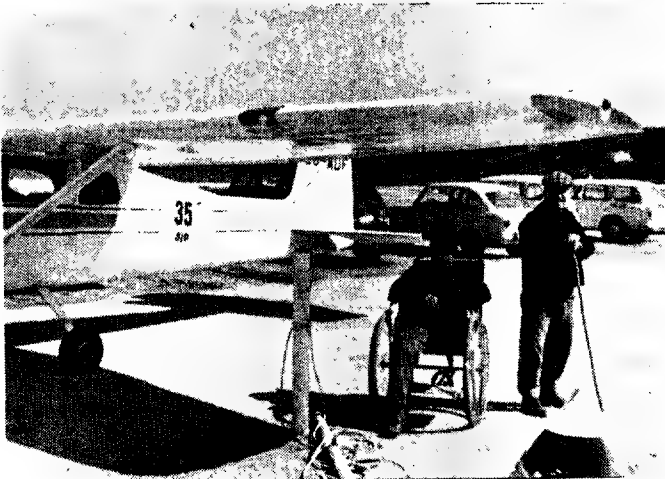
O FIM

Para quem tenha dúvidas sobre o «espírito» de certas pessoas que estiveram ligadas à prova, registre-se o pequenino diálogo que ouvi em Coimbra:

— É pá, eu para o hotel tal (disse o nome) não vou. Aquilo cheira a baflo!

— Está bem, pronto. Põem-se lá os mecânicos e a imprensa...

Uma referência final para os franceses Nicole e Ernest Eichler, verdadeiros «reis» da simpatia e para o portuguêsíssimo Joaquim Silveira pelo ambiente de excelente camaradagem que conseguiu criar. Para o eng.º João Rocheta (e equipa) um aceso de solidariedade pelo esforço, pelo entusiasmo e pela coragem que, ao cabo e ao resto, tornou possível este «passo em frente» na história da aeronáutica deste país: a «IV Volta Aérea» organizada pelo Aero Clube de Portugal. Pois, parabéns ao João.



A «Volta Aérea a Portugal» atrai as atenções de toda a gente.

Nove militares mortos em desastres aéreos

BEIRA (MOÇAMBIQUE), 9 — (R.) — Um helicóptero da Força Aérea Portuguesa despenhou-se em Moçambique, tendo morrido o piloto e seis comandos, segundo revela um comunicado aqui distribuído pelas Forças Armadas. O desastre registou-se há duas semanas.

O mesmo comunicado oficial distribuído ontem à noite diz que cinco dias após a queda do helicóptero em Cabo Delgado, um avião que transportava abastecimentos para as forças militares no distrito de Tete caiu também, tendo morrido o piloto e o mecânico de Bordo.

SINDICATO NACIONAL DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DO PORTO

CONVITE

AOS METALÚRGICOS DA INDÚSTRIA DE ELECTRICIDADE

Afim de tomarem conhecimento da situação presente sobre a arbitragem do Contrato Colectivo de Trabalho para as Indústrias de Electricidade e deliberarem sobre a posição a tomar, realiza-se, na Sede do Sindicato, à Rua D. João IV, 672, pelas 19 horas do próximo dia 17, uma reunião de todos os associados interessados.

Edifícios / Terrenos / Alenquer

Vende-se, no todo ou em parte, edifícios e terrenos para armazéns, instalações de fábricas, muito bem localizados em Alenquer. Resposta ao telefone 532794.

DL / DESPORTOS

AUTOMOBILISMO



VI RALLY INTERNACIONAL TAP

As primeiras equipas partiram já de Copenhague

Para os concorrentes saídos de Copenhague começa já hoje o VI Rallye Internacional TAP que este ano registou a inscrição de 117 equipas, das quais fazem parte os melhores rallye-men europeus. Lisboa é o itinerário com maior número de concorrentes à partida (60), e que foi escolhido por maior

número de vedetas, tais como Darniche (Alpine), Tony Fall (Datsun 240 Z), Paganelli (Fiat 124 Spider), Warmboldt (BMW), Culchet (Triumph Dolomite), Chris Sclater (Datsun 240 Z), e naturalmente, pelos principais favoritos portugueses.

A partida de Copenhague foi dada às 16 horas de hoje (hora local) estando inscritos para sair da capital dinamarquesa 8 concorrentes. As partidas dos restantes itinerários serão dadas respectivamente logo às 00.00, de Amsterdam (6 concorrentes); 00.30, de Milão (5

concorrentes); 3.30, de Bruxelas (10 concorrentes); 06.00, de Londres (10 concorrentes); 09.00, de Paris (9 concorrentes); 18.58, de Lisboa (60 concorrentes); 18.30, de Madrid (4 concorrentes) e 19.29, do Porto, (5 concorrentes).

Na quarta-feira de ma-

nhã as equipas procedentes dos diversos itinerários europeus entram em Portugal pela fronteira de Quintanilha, reunindo-se em Bragança às que saíram de Lisboa e do Porto, após terem percorrido distâncias entre 1100 e 2800 km de percurso de concentração. Daí tomarão um

percurso comum de Bragança até Ofir (267 km) no decorrer do qual será disputada, em Ruivães, a primeira prova de classificação e que determinará a ordem de partida dos concorrentes para a segunda etapa, entre Ofir e o Estoril, na extensão de 433,2 km.

Para seguirem o Rallye Internacional TAP encontram-se em Portugal dezenas de dirigentes do automobilismo internacional e representantes dos mais importantes jornais e revistas estrangeiras, bem como operadores de cinema e de diversas cadeias de Televisão.

O RALLYE TAP INCLUÍDO NO CAMPEONATO DO MUNDO DE RALLYES DE 1973

Após uma reunião da F.I.A. realizada anteontem em Paris, a que assistiu César Torres, ficou assente a inclusão do Rallye Internacional TAP no próximo Campeonato do Mundo de Rallyes, que começará a disputar-se em 1973. Tal facto reveste-se de grande importância para o desporto automóvel nacional que passa agora a figurar com uma prova entre as mais importantes do mundo. De realçar o mérito de Alfredo César Torres que, depois de ter levantado uma prova de grande prestígio conseguiu vencer todas as resistências e fazer incluir o TAP no mundial de mar-

cas. Apenas 12 provas integram o Campeonato do Mundo de Rallyes: Rallye de Monte Carlo, Rallye da Suécia, East African Safari, Rallye da Acrópole, Rallye de Marrocos, Rallye TAP, Rallye dos Alpes Austríacos, Rallye dos 1000 Lagos, Press and Regardless (Estados Unidos), Rallye de Itália, Volta à Córsega e Rallye do R.A.C. (Grã-Bretanha).

Cada um destes Rallyes terá um observador nomeado pela Comissão Desportiva Internacional. César Torres será observador do Rallye de Marrocos, enquanto o observador do Rallye TAP será um holandês.

STEWART VENCEU O GRANDE PRÊMIO DOS ESTADOS UNIDOS

WATKINS GLEN (ESTADO DE NOVA IORQUE), 8 (F.P.) — O brasileiro Emerson Fittipaldi é oficialmente campeão do mundo dos condutores de 1972, depois da prova do Grande Prémio Automóvel dos Estados Unidos, ganha pelo escocês Jackie Stewart, detentor do título em 1971, que se classificou este ano em segundo lugar.

A classificação geral final do Campeonato do Mundo de Condutores é a seguinte:

1.º, Emerson Fittipaldi (Brasil), 61 pontos; 2.º, Jackie Stewart (Grã-Bretanha), 45; 3.º, Denis Hulme (Nova Zelândia), 39; 4.º, Jacky Ickx (Bélgica), 26; 5.º, Peter Revson (Estados Unidos), 23; 6.º, François Cevert (França) e Clay Regazzoni (Suíça), 15; 8.º, Mike Hailwood (Grã-Bretanha), 13; 9.º, Ronnie Peterson (Suécia) e Chris Amon (Nova Zelândia), 12.

Classificação oficial do Grande Prémio Automóvel dos Estados Unidos, última das doze provas do Campeonato do Mundo dos Condutores de 1972 e cujo prémio (que constitui um recorde) era de 275.000 dólares (cerca de 7700 contos):

1.º, Jackie Stewart (Grã-Bre-



Jackie Stewart.

tanha), em «Tyrrell-Ford», as 59 voltas do percurso, sejam 320 kms (200 milhas), em 1.41.45,35 — à média de 189,070 km/h — recorde da prova; 2.º, François Cevert (França), em «Tyrrell-Ford», a 32 segundos; 3.º, Denis Hulme (N.Z.), em «McLaren-Ford», a 37,5 segundos; 4.º, Ronnie Peterson (Suécia), em «March-Ford», a 1.22.5; 5.º, Jackie Ickx (Bélgica), em «Ferrari», a 1.23.11; 6.º, Mario Andretti (E.U.), em «Ferrari» a uma volta.

O brasileiro Emerson Fittipaldi e o americano Peter Revson, desistiram.



BANCO FONSECAS & BURNAY

Em 25 de Julho abriu a sua nova Agência de VAGOS

Em 27 de Julho abriu a sua nova Agência de SEVER DO VOUGA

Em 2 de Agosto abriu a sua nova Agência de FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Em 4 de Agosto abriu a sua nova Agência de ESPOSENDE

Em 7 de Agosto abriu a sua nova Agência de BRAGA

Em 10 de Agosto abriu a sua nova Dependência de LISBOA — AVENIDAS NOVAS (Av. 5 de Outubro)

Em 4 de Setembro abriu a sua nova Agência da GOLEGÃ

Em 6 de Setembro abriu a sua nova Agência de PORTIMÃO

Em 11 de Setembro abriu a sua nova Dependência de LISBOA — PRAÇA DO CHILE (Av. Almirante Reis)

Em 25 de Setembro abriu a sua Agência de PEDRÓGÃO GRANDE

Em 2 de Outubro abriu a sua Agência de VISEU

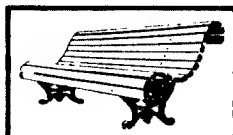
E agora...

TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO
(EM INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)
DA SUA NOVA AGÊNCIA DE

MONTEMOR-O-VELHO

RUA ABADE JOÃO, 8

FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



DL/GERAL

SUPERMERCADO COOPERATIVO NO PORTO

Abriu no Porto um novo supermercado cooperativo da Unicoope. Localiza-se na Rua da Alegria, nos baixos do edifício «Miradouro», pertencente a outra cooperativa — a dos Pedreiros Portuenses.

O novo supermercado «Domus» ocupa uma superfície de 600 metros quadrados e está do-

tado de parque automóvel privado. De entre as secções normais num supermercado desta-

cam-se a de fabrico próprio de confeitaria e a de carnes verdes com pré-embalamento.

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

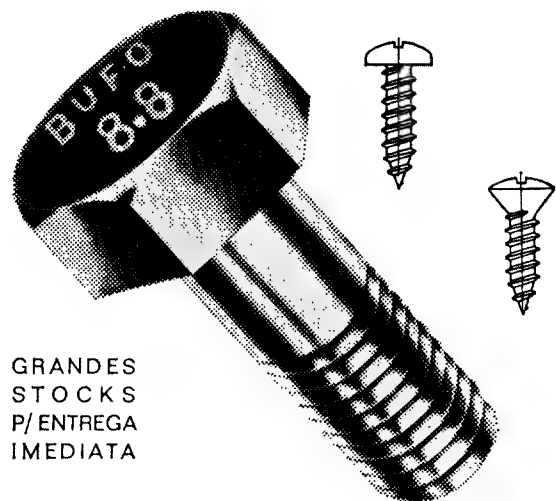
COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

COLISEU

HOJE às 21,30
(NOITE DA MODA)
(Grupo B - 10 anos)
GRANDE
COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE
CIRCO
As maiores atracções



GRANDES
STOCKS
P/ENTREGA
IMEDIATA

SEFIREX

RUA VOZ DO OPERÁRIO, 64-1.º • LISBOA
TELEFONE 86 76 39

SERVIÇO SAMAMEDE

FIAT

Gerência de A. J. FERRO
EX-MESTRE DA FIAT
RUA NOVA S. MAMEDE, 74-B (ao Rato)



ANDARES
E
APARTAMENTOS
MOBILADOS

Desde 200 contos

J. PIMENTA, S.A.R.L.



LISBOA
(Diversos locais)
AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)
REBOLEIRA
PAÇO DE ARCOS
(B' Com. Joaquim Matias)
CASCAIS
COIMBRA
PORTO
LUANDA

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

BOITE FANTASMA

BAILE TODA A NOITE
ATRACÇÃO
RUI DINIZ
R. Gomes Freire,
n.º 145 B e C
Grupo B - 21 anos

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ

ORCOSI

Telfs. 367444/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45

portas

Valdorem

Ap. 76 Tomar - Portugal

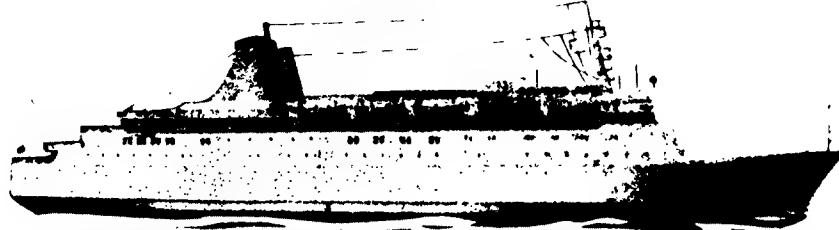
MIRASERRA

VINHO DE MESA ACTIVIZADO
ÚNICO VINHO PORTUGUES TRATADO PELO
SISTEMA DE PASTEURIZAÇÃO
VERMELHA - CADAVAL
LISBOA - TEL. 833.098

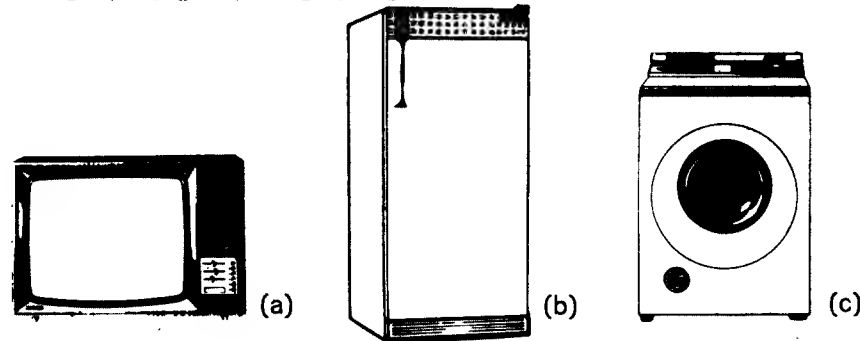
TRESPASSA-SE

Esplêndido 2.º andar, com 8 assoalhadas, serve para escritório ou armazém. Junto à Praça Luís de Camões, na Rua das Gáveas. Renda futura 6000\$00. Trata o próprio. Telf. 32 28 28, das 9 às 13 ou das 15 às 19 horas.

GRÁTIS UM CRUZEIRO AO NORTE DE ÁFRICA OFERTA LIMITADA



50 PRÓXIMOS COMPRADORES DE
AGORA A TODOS OS
25 PRÓXIMOS COMPRADORES DE



ÚLTIMOS MODELOS • SEM AUMENTO DE PREÇO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Inscree-se JÁ. (Sem qualquer compromisso.) Informe-se depois. Enviamos todos os esclarecimentos e GARANTIMOS a partida em camarote com ar condicionado e com banho, com todas as despesas pagas, de viagem, alimentação e alojamento, AOS PRÓXIMOS 25 CLIENTES que enviem o cupão anexo, colado num postal e venham adquirir posteriormente, um dos artigos que anunciamos.

Recorte
cole
num postal
e
ENVIE
JÁ

A FIRMA
A. OLIVEIRA — Av. Almirante Reis, 91-A - Lisboa

Inscrição
provisória

Queiram enviar-me SEM COMPROMISSO esclarecimentos sobre a oferta GRATUITA do vosso Cruzeiro, na compra de (a) ou (b) ou (c)

n.º

Nome _____
Morada _____

(por ordem de
chegada)

A. OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A - Lisboa

AUSÊNCIA DE INOVAÇÃO NO MAPA-TIPO DA R.T.P.

Nada de novo — no sentido de inovações, entenda-se — nos traz o mapa tipo da R.T.P. para 1972-73, que entra em vigor a partir do próximo dia 16. No plano nacional, vão surgir efectivamente novos programas, destinados a um êxito que neste momento é impossível de prever — enquanto outros desaparecem definitivamente; novas séries estrangeiras, de características diversas, irão preencher os largos períodos de emissão habituais. Melhoría franca dos filmes apresentar nas noites de cinema; apresentação pela primeira vez, de longas metragens realizadas especialmente para televisão.

NOVOS PROGRAMAS

«Enigma» — a cargo do dr. Belard da Fonseca, director do Museu de Beja, será um programa de características culturais em que os assuntos serão apresentados de forma acessível e simples. O responsável irá trazer novas achegas aos conhecimentos do grande público sobre o Infante D. Henrique, D. Sebastião, as cartas do Soror Mariana etc. Quinzenal.

«Histórias da Música» — O maestro António Vitorino de Almeida, actualmente fixado em Viena, irá apresentar facetas diversas das grandes figuras da música, em colaboração com a televisão austríaca, que filmará os seus programas. De salientar que é a primeira vez que uma estação de televisão estrangeira colabora desta forma com a R.T.P. Semanal.

«Cinematoca» — o dr. António Ruano irá fazer uma análise comparativa do cinema português a par do mundial. Semanal.

«Convívio Musical» — programa da responsabilidade de Carlos do Carmo, em que desfilarão artistas de variedades.

«Presença do Passado» — O dr. Russel Cortés, director do Museu Grão Vasco, de Viseu abordará diversos temas de arte. No primeiro programa, o tema será a cerâmica. Quinzenal.

«TV Palco» — a cargo de Igrejas Caeiro, um programa de actualidades teatrais. Quinzenal.

«Semi breve» — produzido por Luís Villas-Boas, Carlos Cruz e Dinis de Abreu, este programa dedicará-se à apresentação de grupos musicais ligeiros de características diversas. Semanal.

«A Grande Aventura» — produzido e apresentado pela professora Leonoreta Leitão, contará de forma simples e acessível a epopeia narrada em «Os Lusíadas». Semanal.

«Movimento» — produzido por Rádio Clube Português e apresentado por Fialho Gouveia e Henrique Mendes, o programa abordará temas de actualidade sob a forma de reportagem, e alternará com «Ensaio».

NOVO CONCURSO

A partir de Janeiro, a R.T.P. conta apresentar, às 2.ª feiras, um novo concurso. Intitular-se-á, possivelmente, «Sabatina» e interessará especialmente à juventude. O concurso deverá contar com o apoio do Ministério da Educação Nacional, dadas as suas características.

«ESTÚDIO ABERTO»

Um novo programa, destinado essencialmente a entretenimento da vasta audiência televisiva, começará a ser preparado a partir de Novembro. Denominado «Estúdio Aberto» e rea-

lizado no Teatro Villaret com a participação de público, terá em relação aos programas de características semelhantes que já ocuparam o pequeno «ecran» a novidade de ser produzido pelos próprios serviços da R.T.P. As entrevistas estarão a cargo de Luís Filipe Costa e a apresentação entregue a uma equipa constituída por Alice Cruz, Henrique Mendes, Fernando Clímaco e Maria Margarida. O realizador será Luís Andrade. Ao mesmo tempo, será transmitido no 2.º Canal o programa «Antologia», que incluirá obras de grandes mestres da Literatura adaptadas especialmente à televisão. Esta série será transmitida mais tarde no 1.º Canal.

Interrompido por razões que se prendem com a actividade do seu autor, «O Tempo e a Alma», a cargo do dr. Hermano Saraiva, vai voltar com as características de qualidade a que nos habituou. Outro regresso previsto é o de David Mourão Ferreira com «Imagens da Poesia Europeia».

Desaparecem, entretanto, os programas «Estúdio sem Marcação», «50 Anos de História», «As Grandes Batalhas» (cujas séries terminaram), «Porta Aberta», «Um Poeta, um Livro», «Homens e Aviões», «Povo que Canta» (temporariamente, pois que está a ser gravada a segunda série), «Vamos Aprender...» e «Universidade na TV» (substituída por filmes da National Geographic Society).

AS SÉRIES

2.ªs. Feiras — Série policial: «MC CLOUD», em que a figura principal é um xerife destacado para Nova Iorque e procura resolver um assassinio. Depois desta, seguir-se-á uma série de aventuras «O'HARA» o actor de «O Fugitivo» que desta vez é um agente especial das Alfândegas que vai descobrindo os traficantes das várias mercadorias.

«Merry Melodies», novos desenhos animados de 30 minutos cada, com as figuras do Speedy Gonzalez, Pato Duffy, Gato Silvestre e Piu - Piu.

3.ªs. Feiras — «Noite de Cinema» — inicia-se um novo ciclo de filmes dedicados aos «clássicos do cinema», que se prolongará até Janeiro de 1973.

Títulos dos filmes: «A Vida Futura», de William Cameron Muriel; «Desejo», de Ernest Lubitsch; «Sangue e Arena», de R. Mahoulian; «Sabotagem», de A. Hitchcock; «Breve Encontro», de David Lean; «A Terra Treme», de Luchino Visconti; «Carrocel Napolitano», de Ettore Giannini; «Jacabowsky e o Coronel», de Peter Glenville; «O Cabo da Guerra», de Jean Renoir; «Lei do Mar», de Peter Ustinov; «A Felicidade Não se Compra» de Michael Curtis e «Congresso que Dança» de E. Klagamann.

Seguir-se-ão ciclos dedicados aos realizadores Robert Wise e John Ford e ao Humor Europeu.

Ainda às 3.ªs. Feiras, na hora do almoço depois da série em exibição actualmente, «Sarrilhos no Ar», estreia-se «O Chimpanzé e eu». As aventuras de uma família americana e de um chimpanzé, que a filha mais nova trouxe para casa.

4.ªs. Feiras — Série dramática «Leonardo Da Vinci», a iniciar em 18 de Outubro. É uma produção da RAI, ORTF, TVE, em 5 episódios, realizada pelo italiano Renato Castellani. Com exteriores filmados na galeria dos Ofícios e no Palácio Bargello em Florença, no Pa-

lácio Storza em Milão, no Castelo de Ostia em Roma, esta produção, que levou mais de dois anos a fazer, é uma reconstituição fiel da vida do grande mestre, baseada no conhecimento actual da época em que ele viveu. A figura de Leonardo é interpretada por Philippe Leroy.

Seguir-se-ão as séries «As Nascentes do Nilo». Uma produção da BBC reconstituindo as expedições realizadas no século XIX por Burton, Speke, Livingstone, Stanley e outros exploradores, no intuito de encontrarem a nascente do Nilo, e «Evasões Célebres», uma

série feita em 13 episódios, notável reconstituição histórica.

6.ªs. Feiras — Série do Oeste (Semanal) «Os homens de Siloh», episódios de 90 minutos, com os actores que interpretaram «O Maioral».

Em alguns episódios entram nomes como Anne Baxter, Ernest Borgine, Charles Bronson, Raymond Burr, Claudette Colbert, Richard Chamberlain, etc.

Sábados — Folhetim «Orgulho e Preconceito» produção inglesa em 6 episódios, produzido pela BBC, baseado no roman-

ce da escritora Jane Austin.

Seguir-se-ão: «Les Dames d'Avignon» e «Omer Pachá», do conhecido realizador francês Christian Jacques.

«Tarde de Ópera» — Quinzenalmente serão apresentadas óperas famosas, com encenações especiais para Televisão, tais como: «Bodas de Figaro», «O Barbeiro de Sevilha», «Don Pasqual», «Carmen», «Manon», etc.

«O Mundo à nossa Volta» uma série da National Geographic Society, formada por documentários de qualidade que mostram terras, costumes, povos, desconhecidos e

longínquos.

Domingos — «Tarde de Cinema», em que serão apresentados, nomeadamente, os seguintes filmes: «M7 não responde», «Negócio Garantido», «O Espião de Negro», «Os Amigos Silenciosos», «Os Recrutados», «Hércules», «As Aventuras de David Balfour», «Knock», «O Marciano de Natal» e «O Sinal do Zorro».

«Noite de Estreia», rubrica em que serão apresentadas grandes metragens realizadas nos últimos anos propostamente para a Televisão, cujos temas versam os mais variados assuntos.

Só Bulova Accutron* o relógio electrónico com diapásão



Ref.* 26 451
Ouro 13 600\$00

Ref.* 23 452
Chap. a ouro 6 200\$00

Ref.* 21 452
Aço 5 650\$00

oferece uma gama de mais de 50 modelos diferentes!

E só BULOVA ACCUTRON*:

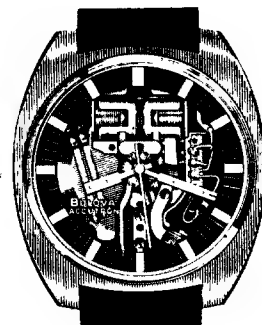
- Pode ser adquirido a preços desde 3 950\$00 até 16 500\$00
- Garante por escrito uma precisão de 99,9977%
- É fabricado por Bulova, o inventor do sistema electrónico com diapásão que possui uma experiência única de 11 anos.

O homem que no seu trabalho exige a precisão e a técnica mais avançada usa BULOVA ACCUTRON*.

BULOVA ACCUTRON

O RELÓGIO ELECTRÓNICO COM DIAPASÃO

* Marca Registrada



Ref.* 23 106
Chap. a ouro 4 550\$00

Ref.* 21 276
Aço 3 950\$00

Escolha o seu modelo nas relojoarias com mais experiência em electrónica, entre as quais:

EM LISBOA

OURIVESARIA DA ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 252

TORRES — JOALHEIROS
Rua do Ouro, 255

ARREDORES

OURIVESARIA SAFIRA
Av.ª Eng.º José Frederico Ulrich, 13-A

ANTIGA OURIVESARIA PEDROSO
Rua dr. Paula Borba, 79

CASCAIS

SETÚBAL

DL/DESPORTOS

TOMAR E BEIRA-MAR proveitosa economia de esforços

E aí temos o Benfica impárravelmente colocado no primeiro posto da classificação: 4-1 no Sporting, jogo-monstro do fenómeno Eusébio, tropeço inacreditável do árbitro Lobo, sportinguistas briosos vendo passar a bola: enfim, uma inesquecível partida de futebol que vale, realmente, o nosso suplemento de hoje.

Excluído, portanto, o jogo do dia, passemos adiante: e à nota sensacional da jornada (uma bi-nota, por sinal) correspondente ao êxito do União de Tomar sobre o Vitória de Setúbal e ao êxito do Futebol Clube do Porto no terreno do Lavradio, perante a CUF.

Em Tomar, muito se complicou a vida futura dos setubalenses. Está mais que visto: o Vitória continua o mesmo, capaz de ganhar (por três, quatro ou cinco) ao mais pintado, como perder com um qualquer União de Tomar, de vedetas de saldo e treinador «fala muito». Com esta derrota (dizem as crónicas que o jogo foi interessantíssimo, a luta aguerrida e o conteúdo técnico nada de desprezar) e mais dois pontos perdidos há tempos no Restelo o Setúbal fica-se pela mediania. Para quem tanto prometeu não é obra a merecer aplausos por aí além. O F. C. do Porto, talvez tenha encontrado o seu caminho. Mo-

desto, é certo, para as ambições dos seus adeptos, mas na senda da recuperação até ares mais benignos. Para já, uma vitória na Cuf tem forçosamente que constituir incentivo, tanto mais que vem aí outra eliminatória europeia e o Porto, dizem que contra vontade, embalou mesmo para a Europa. Os golos (um de José António na própria rede, outro de Abel), e as oportunidades criadas garantem, pelo menos, que Riera encontrou a fórmula. Saibam-na agora aplicar os jogadores.

Falámos em nota sensacional, ao referir estes dois encontros. Mas, também no Montijo aconteceu uma vitória de quem certamente se não esperava: o Beira-Mar de Ramin, descrente desde que apanhou nove na Luz e cedeu um ponto frente ao Atlético, em Aveiro. Só que tudo isso os aveirenses esqueceram e um golo de Cleo, soberanamente defendido, valeu dois pontos que podem ser ouro sobre azul. Ontem foi ouro sobre negro, o ouro esbatido das camisolas amarelas da casa, o negro vivo de quem viajou e regressa satisfeito. Cansado mas feliz.

Mais para o Norte, a normalidade e a obrigação de Guimarães e Boavista ganharem a quem o sorteio reservara como parceiros, respectivamente Barreirense e Boavista. Já agora,

têm reparado nos altos e baixos do Boavista, que tanto ganha com uma limpeza de estarrecer como é batido sem dar mostras de vender cara a derrota? Será que para os pupilos de Aimoré Moreira só vale o tudo ou o nada? Para a história, os lances decisivos nestas partidas: Jorge Gonçalves, Nino (2), pelo Vitória, Nelson Faria, pelo Barreirense, Horácio (2) e Esteves, pelo Leixões. Sem novidade, portanto.

Resta falar dos quatro empates. Querem coisa mais insipida que um jogo sem golos? Pois na jornada de ontem houve dois em que campeou a aridez das balizas desabitadas, um na Tapadinha e outro no Algarve (mais exactamente em Faro).

Se para o Belenenses não foi de todo mau arrancar um ponto fora, se para Manuel Oliveira este empate talvez seja garantia de permanência no lugar por mais alguns tempos, para o Atlético não é tão interessante a situação. Certo que a equipa não perde há dois domingos seguidos. Mas, certo também, que apenas colecciona dois pontos e na luta pela despromoção muitos mais há que conquistar. Vale a certeza de que também muitas jornadas estão para vir e enquanto há vida, não se pode cessar a luta. Ainda que ela se trave apenas durante noventa mi-



Ainda sobrou gente para assistir, na Tapadinha, a um jogo sem golos.

nutos dos milhares que tem uma semana.

Quanto a golos, estamos conversados. Eusébio resolveu que não pode entregar, tão cedo, o ceptro e vai de marcar, sem parança, agora aos quatro de cada vez. Já vai nos treze enquanto o mais próximo se queda a menos de metade. Sem problemas portanto e sem empecilhos na corrida para mais uma bolinha como melhor marcador. A jogar

como jogou ontem, não para nem no Samouco: e é capaz de chegar lá para as cinco dezenas de pontapés certos.

Uma relevante curiosidade: o Beira-mar marcou cinco golos e somou cinco pontos e o União de Tomar marcou os mesmos para seis pontinhos na tabela. Chama-se a isto economia de esforço.

Para que conste, eis a classificação actual a tabela dos melhores marcadores:

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	5	5	—	—	28	2 10
Sporting	5	4	—	1	11	5 8
«Os Belenenses»	5	3	2	—	8	4 8
V. Setúbal	5	3	—	2	14	6 6
V. Guimarães	5	3	—	2	10	5 6
Un. de Tomar	5	3	—	2	5	7 6
Beira Mar	5	2	1	2	5	13 5
Montijo	5	2	—	3	5	6 4
F. C. Porto	5	1	2	2	3	5 4
C. U. F.	5	2	—	3	7	10 4
Leixões	5	2	—	3	6	11 4
Boavista	5	2	—	3	7	11 4
Farense	5	1	1	3	5	10 3
Barreirense	5	1	1	3	6	12 3
Un. Coimbra	5	1	1	3	2	8 3
Atlético	5	—	2	3	3	8 2

SEMANA DESPORTIVA NA EUROPA

O programa das principais provas que esta semana se realizam na Europa é o seguinte:

Hoje: Início do Rali TAP, em Portugal; na Bulgária, o Campeonato Europeu feminino de basquetebol.

Amanhã: Em Londres, o combate de boxe entre Jurgen Blin (Alemanha) e Joe Bugner (Inglaterra) para o título europeu dos pesados.

Quarta-feira, 11: Em Inglaterra, o encontro entre a selecção do Reino Unido e a Jugoslávia, em futebol; na Rússia, o Campeonato Soviético de Ciclismo.

Quinta-feira, 12: Torneio Internacional de Patinagem Artística, na Rússia; em Inglaterra, o Torneio de Golfe de Piccadilly, a contar para o Campeonato do Mundo.

Sexta-feira, 13: Em Bucareste, o final da «Taça Davis» de ténis entre as equipas dos Estados Unidos e da Roménia; na Itália, combate de pugilismo entre os «meios-médios» Bruno Arcari (Itália) e o porto-riquenho Miguel Barreto.

Domingo, 14: Em Vallençay, corrida de automóveis da Fórmula 2.

Durante o fim-de-semana disputam-se os seguintes jogos para a fase preliminar do Campeonato do Mundo de Futebol: Alemanha - Oriental-Albânia, Suécia-Malta, Áustria-Hungria e Rússia-França.

LAURINDO: SÔ O SUSTO

Como fruto de um choque violento com o guarda-redes do Farense, Laurindo ficou bastante magoado e foi retirado do rectângulo num estado que chegou a inspirar sérios cuidados ao corpo médico do Belenenses. O extremo direito «azul» perderá o conhecimento, mas mais tarde, antes do regresso a Lisboa, recuperou e já pode viajar com os seus colegas no autocarro do clube. As melhoras do categorizado jogador foram tão evidentes que foi autorizado a pernoitar em sua casa, devendo apenas passar hoje pelo Restelo para um exame mais pormenorizado.

O traumatismo cranial foi muito atenuado e é crível que Laurindo recomece a preparação junto aos demais futebolistas do Belenenses, amanhã de manhã.

O tesoureiro do F. C. do Porto, António Ferraz, está demissionário confirmará a sua deci-

são na próxima reunião. Segundo parece há desinteligências graves no seio directivo azul e branco o que pode inclusivamente, provocar outros abandonos de actuais directores.

Pelé chegou a acordo com a direcção do Santos e assina amanhã um novo contrato por dois anos e meio — dizem nos meios desportivos brasileiros.

O acordo foi alcançado no sábado à tarde, depois de Pelé haver conferenciado em particular com diversos directores do Santos Futebol Clube, acabando-se assim com duas semanas de negociações.

A certa altura Pelé, que conta 32 anos, chegara a ameaçar deixar o futebol se as suas exigências não fossem aceites.

Segundo «o Estado de São Paulo», o futebolista acabou por concordar receber cerca de 200.000 dólares (5.400 contos) pelo primeiro ano e dois meses do seu contrato, enquanto no ano e três meses seguintes os seus salários mensais reverterão a favor de instituições de caridade.

O presidente do Santos, Vasco Fae, afirmou que Pelé receberá quinze mil cruzeiros por mês (cerca de 68 contos) durante a primeira fase do contrato, até 31 de Dezembro de 1973. Além disso, terá 7.000 dólares (189 contos) por cada jogo que o Santos dispute fora do Brasil e 1700 dólares (46 contos) por cada jogo particular disputado no Brasil.

Anteriormente, o rei do futebol sul-americano recebia dez mil dólares (270 contos) por cada jogo no estrangeiro, e dissera que não se estranharia agora com menos de oito mil.

Totobola:

Leixões - Boavista	1		
Montijo - Beira Mar			2
Atlético - U. Coimbra		x	
Benfica - Sporting	1		
Guimarães - Barreirense	1		
Farense - Belenenses		x	
U. Tomar - Setúbal	1		
C. U. F. - Porto			2
Oliveirense - Fafe	1		
Tirsense - Riopole		x	
Sesimbra - Portimon.	1		
Sintrense - Caldas		x	
Nazarenos - U. Leiria			2



Com a evidente superioridade das equipas do Sul, disputaram-se no fim-de-semana as segunda e terceira jornadas do Campeonato Metropolitano de Hóquei em Patins. Em Seniores, o Benfica venceu o F. C. do Porto e o Infante de Sagres, por 4-0 e 4-2 respectivamente, enquanto o Sporting derrotou o Infante de Sagres (jogo de que oferecemos uma imagem) por uns magros 5-4, resultado que melhorou amplamente contra o F. C. do Porto (8-2) classificação é comandada pelo Benfica com nove pontos (três jogos e três vitórias), seguido do Sporting com 7, do F. C. do Porto com cinco e do Infante de Sagres com três. Nas categorias inferiores temos como resultados: INICIADOS — Salesiana-Boavista, 8-1; Sporting-F. C. Porto, 5-3; Sporting-Boavista, 9-1 e Salesiana-F. C. Porto, 9-1. A Salesiana comanda. JUVENIS — Salesiana-Valongo, 15-2; Sporting-F. C. Porto, 5-2; Sporting-Valongo, 6-0 e Salesiana-F. C. Porto, 2-1. Em primeiro lugar, segue o «leões». JUNIORES — Benfica-F. C. Porto, 6-2; Oeiras-Carvalhos, 5-1; Oeiras-F. C. Porto, 4-1 e Benfica-Carvalhos, 3-6. É o Oeiras quem segue na frente da classificação. De salientar que ficam apurados para a fase nacional as duas primeiras equipas, a que se juntarão os campeões de Angola e Moçambique. A competição prossegue na quarta-feira com os encontros Sporting-Benfica, no Pavilhão dos Desportos e Infante de Sagres-F. C. do Porto, no Pavilhão do Académico.

DL/DESPORTOS

Micronotícias

PUGILISMO: O campeão da Europa dos pesos médios (Jean-Claude Bouttier) venceu o argentino José Chirino por desqualificação ao 4.º assalto. O árbitro tomou esta decisão em virtude de Bouttier ter ficado ferido na arcada supraciliar esquerda depois duma cabeçada do seu adversário. O campeão da Europa possuía, no momento, ligeira vantagem de pontos.

CICLISMO: O belga Eddy Merckx ganhou a corrida «A Travers Lausanne». O segundo e terceiro lugares foram ocupados pelo francês Bernard Thevenet e pelo holandês Joop Zoetmelk.

PRIMEIRO PASSO: Numa iniciativa maravilhosa que começou há muitos anos, o Sporting reedita uma vez mais o seu famoso torneio. Captação de novos valores para o atletismo é a sua máxima. Realiza-se nos próximos dias 22 e 29. Oportunidade para muitos...

DAMAIA: O Sport Futebol Damaiense leva a efeito no próximo dia 15 a corrida denominada «2.ª Grande Prova Pedestre do Outono». Destina-se a atletas populares e tem por fim incutir nos jovens o gosto pelo atletismo. Na distância de 5000 metros, a corrida inicia-se pelas 11 horas. Mas antes disso há outras corridas de interesse.

PRATIQUE DESPORTO: O Ginásio Clube do Sul tem abertas as inscrições para quem pretenda praticar ginástica, judo, «ballet» e halterofilismo. Aproveite a oportunidade, se mora na região da simpática colectividade.

BELENENSES: O clube do Restelo leva hoje a efeito, pelas 21 horas, no Pavilhão da Ajuda, um torneio da modalidade. Nele participam as equipas do F. C. Porto, Benfica e Alges, além da do clube da Cruz de Cristo (já integrado do novo reforço, o americano John Nottingham).

FUTEBOL NO MUNDO: São os seguintes os clubes que comandam os campeonatos de algumas nações da Europa: «Bulgária», Locomotiv Plovdiv, com 11 pontos; «Holanda», Feyenoord, 15 pontos; «Grécia», Paok, 12 pontos; «Suíça», Grasshoppers, 15 pontos; «França», Nice, 17; «Bélgica», Bruges, 8; «Espanha», Barcelona, 11; «Escócia», Dundee United, 10; «Inglaterra», Tottenham e Arsenal (este com mais um jogo), 1; «Alemanha Ocidental», Bayern de Munique, 11.

CICLISMO: Venceslau Fernandes, do Benfica, foi o vencedor do «Regional» de Rampa da Associação de Ciclismo do Sul, na categoria de profissionais. José Amaro, do Pinheiro de Loures, foi o vencedor dos amadores. — No «Regional» do

Porto, os vencedores foram: Joaquim Andrade (profissionais) e Manuel Oliveira (amadores).

XADREZ: Portugal, integrado no Grupo C das Olimpíadas que estão a desenrolar-se em Skolpje, está a vencer a equipa do México por 2-1. Jogos parciais: Ribeiro-Campos, 1-0; Durão-Frey, empate; Silva-Escondrillas, empate. Foi adiada a partida entre Santos e Padilla.

HOQUEI: No jogo de apuramento da Zona Norte em que se defrontaram Oliveirense e Beira-Mar, a vitória coube aos aveirenses que marcaram oito golos contra quatro dos seus adversários.

BASQUETEBOL: No Campeonato Regional de Setúbal verificaram-se os seguintes resultados: Luso-Barcelense, 30-53; Seixal-Montijo, 61-74; C. U. F.-V. Setúbal, 87-45. A C. U. F. e o Montijo são os comandantes, ambos com quatro pontos.

TV TEM «NEGA»: O BeLENENSES não autorizou que o jogo entre a sua principal equipa de futebol e a do Vitória de Guimarães, a realizar no próximo sábado (à noite), fosse televisado.

ACORDO: Chegaram a bom termo os contactos para que fosse antecipado o encontro entre o Atlético e o Barcelense referente à sétima jornada. Tal encontro realizar-se-á, portanto, às 16 horas do dia 21, na Tapadinha.

«MUNDIAL» DE FUTEBOL: Resultados da fase preliminar: R. D. Alemã-Finlândia, 5-0; Itália-Luxemburgo, 4-0.

MAIS ALTO: A austríaca Ilona Gusenbauer, antiga recordista mundial do salto em altura (1,92 metros) melhorou a sua marca pessoal, ao passar a fasquia a 1,93. O recorde actual é de 1,94 m., estabelecido a 24 de Setembro, em Zagreb, pela búlgara Yordanka Blagoyeva.

POR QUE SERA? O campeão sul-africano de golfe, Gary Flayer, tem recordações vivas das cinco provas internacionais importantes que ganhou: pouco depois de cada uma foram nascendo os seus cinco filhos. Registou agora a sexta vitória internacional: o «campeonato da associação norte-americana de profissionais de golfe». E revelou aos jornalistas: «Minha mulher, Vivienne, anunciou-me que espera um filho para Abril».

«STRIPTASE» É PECA-DO: O famoso jogador de futebol italiano Angelo Domenghini será julgado por um tribunal, acusado de ter assistido a espectáculos de «strip tease» em que actuavam raparigas de menor idade, segundo revelaram fontes judiciais. Essas fontes disseram

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

1.ª Secção de Actividade «LAVOURA»

CONVOCAÇÃO

Nos termos do parágrafo único do art.º 57.º, do n.º 2 do art.º 59.º e do parágrafo único do art.º 32.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção de Actividade a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 17 do corrente, às 21 horas, nas instalações deste Organismo, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º andar, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

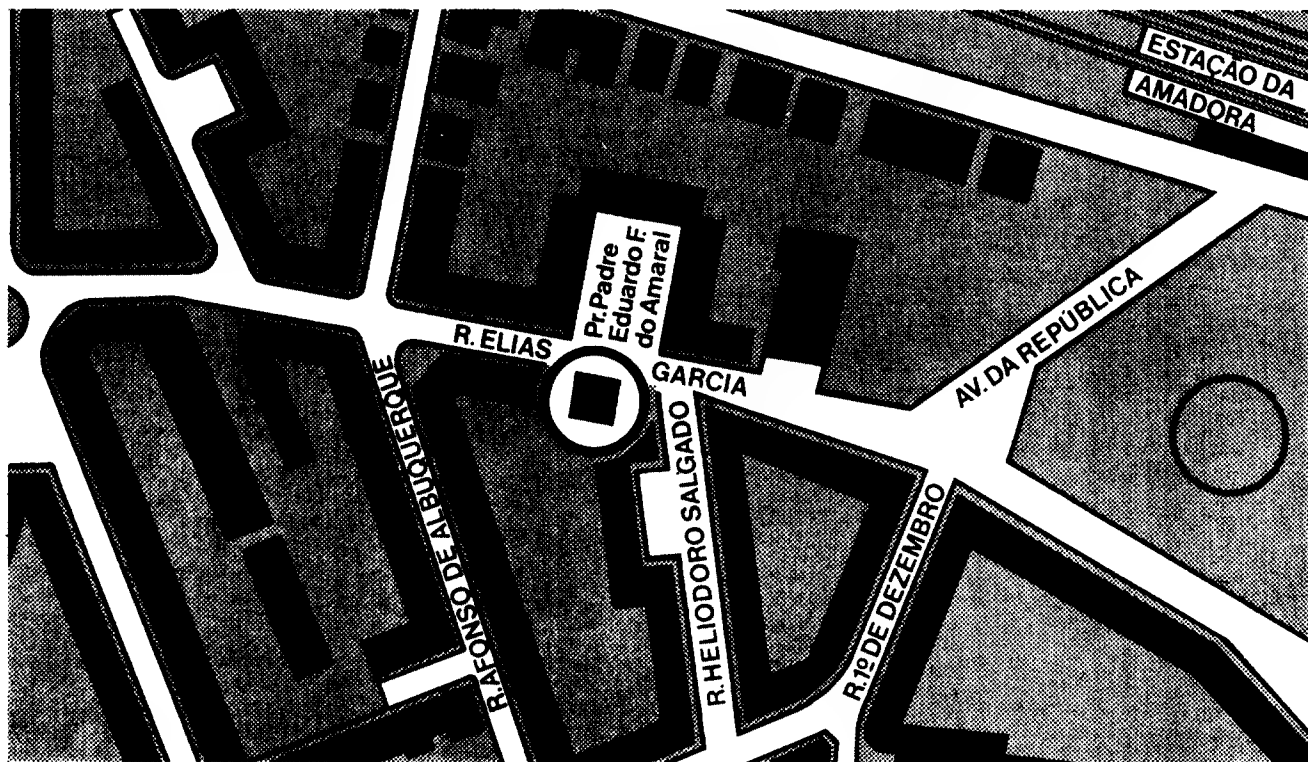
Aprociação do texto da decisão da Comissão Arbitral sobre o Contrato Colectivo de Trabalho proposto às Federações dos Grémios da Lavoura da Estremadura e do Ribatejo.

Se à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 9 de Outubro de 1972.

A COMISSÃO DIRECTIVA

AGÊNCIA NA AMADORA



Rua Elias Garcia, 245-B

(Instalações provisórias)

**PERTO DE SI
PARA LHE PRESTAR
MELHORES SERVIÇOS**



Banco Borges & Irmão

MATERIAL FOTOGRÁFICO

Filmar, projectar e de slids.

Consulte «GALERIAS ROLDÃO»

Av. Almirante Reis, 13-E (metro Intendente)

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); Boa Hora, R. dos Quarteis, 25-27 (T. 637777).

ALFAMA
Amali, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940).

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138 (T. 774682); Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); Paria, R. Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (T. 710131); Gasparinho, R. Gama Barros, 54-A (T. 710465); Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 712803).

AREIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (T. 724941); Onilide, Av. João XXI, 13-A (T. 726848).

ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (T. 45079).

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); Universal, R. Actor Taborda, 5 (T. 44158).

BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (T. 842152).

BAIRRO ALTO
Labor, R. Diário de Notícias, 81 (T. 323428).

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (T. 310172).

BAIXA
Mório, R. das Assunções, 17 (T. 321289); Estácio, Rossio, 63 (T. 327067/324224).

BENFICA
Benfica, E. de Benfica, 678 (T. 702532); Sousa, E. de Benfica, 429 (T. 780027).

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304).

CAMPO DE OURIQUE
Portirio, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760).

CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumar).

CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (T. 770776).

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181).

CONDE REDONDO
Davi, R. C. Redondo, 68 (T. 54342).

ESTRELA
Martins, C. da Estrela, 167 (T. 660823); Pavaes Parente, R. de Santo António, 98 (T. 665196).

GRAÇA
Mório, L. da Graça, 63 (T. 960700).

INTENDENTE
Góis, L. da, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 940101).

LUMAR
S. Tomé, E. do Desvio, 12-C (T. 780704); Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 780942).

MARVILA
Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612).

OLIVAIS
S. Paulo, R. José Campos, Lote 823 (E. de Moscavide), (Olivaissul) (T. 310711); Higlène, R. Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivaissul) (T. 310026).

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, R. Domingos Jardim, 28-A (à Av. D. Afonso III) (T. 843439).

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703-728395).

RATO
Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (T. 684282).

REGO
Prates Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728).

RESTELO
Occidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (T. 611814).

SALDANHA
(Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO
Libonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020).

SANTOS O-VELHO
Florencia de Carvalho, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075).

S. PAULO
Central, R. de S. Paulo, 108 (T. 320389).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (T. 47213); Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (T. 47385).

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (T. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Tel. 2430691).

PARADE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204).

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052).

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caxias (Tel. 282407).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146, B.º Janeiro (Tel. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja, P.

da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Tel. 938424).

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461).

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
Oitima, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456).

SINTRA
Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES
Abreja (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA
Galeno R. Capitão Leão, 85-B (Tel. 2760565).

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO
Higlénia, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182).

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743).

SEIXAL
Soromenho, P. Pava Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves Moreira, Av. Rodrigues Freitas, 167; Clérigos (dos), Rua dos Clérigos, 36; Cruz (da), Rua Costa Cabral, 1082; Maia, Rua do Campo Alegre, 192; Monte dos Burgos, Rua do Monte Burgos, 802.

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2; Botelho, Rua da da Alegria, 863; Estácio, Rua Sá da Bandeira, 120; Meneses de Lima, Pr. Dr. Ped. Teot. Perei, 227; Vilarinha (da), Rua da Vilarinha, 161.

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel. 22961); Donato, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel. 22603); Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11-B (tel. 24737).

BARS BOITES

PRINCEPE NEGRO — Dancing com Variedades. Calçada da Glória, 2. Tel. 368987.

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao Conde Redondo). Tel. 580538.

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades. Baillet Lény Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

TOSCO — Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua da Trindade, 9. Telef. 327109. Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver. Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

RESTAURANTES TÍPICOS

ADÉGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa, Emeralda Amado, Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra p.p. Loubet Bravo. Armando Hilário, Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luís Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os ARAUTOS. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760.

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria João, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. Travessa de S. Miguel, 22. — Alfama. Tel. 868552.

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DANCINGS

VIELA — Rua das Taipas, 14. Tel. 327256. O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira, Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221. Telefone 368579.

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Tel. 790177.

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859/368197.

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 h. e 30 às 03 h. e 30, R. da Misericórdia, 12. Tel. 368649.

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos. Tel. 320164.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. Telefones 26451, 26452, 26458, 264621 e 264946.

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A FÚRIA DA RAZÃO» com Clint Eastwood e Harry Guardino

SATÉLITE (Tel. 562832)
15.30, 18.50 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª semana
Sonia Petrova e Lilian Arden
«FOGO SAGRADO» (Feu Sacré)
O filme seleccionado para abrir o Festival de Cannes

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.45
Grupo D (18 anos)
A obra prima de Hitchcock «A SUSPEITA» com Gary Grant e Joan Fontaine

AVIZ (Tel. 47163)
15.30-21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 37.ª semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DÍVIDA DE ÓDIO» e «CHARRADA»

APOLLO-70 (Tel. 783391)
15.00, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 8.ª semana
Tecnicolor - Prémio Kalimar
O melhor filme estrangeiro de 1970 - «DJAMILIA» com Natália Arimbassarova

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um drama sentimental
«CRIME DE AMOR» com Nuriya Espt e Américo Coimbra.
Estamancolor

ROYAL (Tel. 655037)
16.00-20.30
(Grupo B - 10 anos)
O SILÊNCIO DE TARZAN e ELES COM ELAS

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª semana
Bronson/Delon
«ADEUS AMIGO»

ODEON (Tel. 326253)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
34.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garcês.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 6.ª Semana
Um belo conto de amor e morte
«AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière.

CASINO ESTORIL
17-21.30
(Grupo D - 18 anos)
DÍVIDA DE ÓDIO

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
(M. 18 anos) 2.ª semana de êxito
Enrico Maria Salerno
«RAÇÃO FRIA» O drama de um homem só...

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
DOUTOR JIVAGO

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª semana
Tecnicolor. «O DESEJO DO CALOR HUMANO» «ENCONTRO COM UMA MULHER SÓ» com Candice Bergen e James Caan.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª semana
«O AMANTE DA URSA MAIOR» com Giugliano Gemma e Santa Berger.

LYS (Tel. 48560)
14.45 - 21.15
(Grupo D - 18 anos)
«O Baile dos Bombeiros» e «O Comissário Pepe»
Metropolitano: Intendente)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª semana
Um filme realista «VERÃO 42» com Jennifer O'Neill e Gary Grimes Technicolor

TIVOLI (Tel. 50595)
As 15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Tecnicolor
Um filme de Paul Newman
«OS INDOMÁVEIS» com Paul Newman e Henry Fonda

S. JORGE (Tel. 5412/4)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Uma comédia sensacional!
«O GRANDE NEGÓCIO» com Michel Serrault e Claude Brasseur

EDEN (Tel. 302768)
As 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Estamancolor Nuriya Espt e Américo Coimbra em «CRIME DE AMOR»

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos color)
Lee Marvin e Gene Hackman em «CARNE DE PRIMEIRA»

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Panavision Metrocolor
Um fenómeno chamado Twigg no jobologo, music Hall de 1972 «BOY FRIEND» com Twigg e Christopher Gable.

BERNA (Tel. 731313)
15.15, 18.30 e 21.45
(grupo D - 18 anos) 2.ª semana
O melhor tempo para se crescer é quando se é jovem.
«DESPERTAR PARA A VIDA» com Richard Grenna e Claire Bloom Technicolor
Hoje às 24.15
(Grupo D - 18 anos)
O ACROSSADO, com Jean P. Belmondo e Jean Seberg.

LEIA motor

outros espectáculos

LISBOA Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
Grande Companhia Internacional de Circo

VARIEDADES
20.45 - 23.00 (18 anos)
«A cama dos comuns»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00
«Cá vamos pagando e rindo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (14 anos)
«Fuga do Planeta dos Macacos»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Noite de pavor»

OLÍMPIA
22.00 (18 anos)
«Os Horrores de Frankenstein»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«O Parceiro do Diabo»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Mala diplomática para o Calvo»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Vidas cruzadas»

PEOMOTORA
21.00 (18 anos)
«O Estranho caso do Inspetor Max»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30
«O sangue do terror»

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Este difícil amor»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.15 (10 anos)
«O Facho e a Flecha»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Momento de matar»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

PORTO Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«As mil e uma noites»
Para adultos

S. João
21.30 (1

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELEF. 654531/23-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

O GOVERNADOR DE ANGOLA TOMA POSSE ESTA SEMANA

O eng.º Santos e Castro, recentemente nomeado Governador-Geral de Angola, deve tomar posse do cargo no dia 16 do corrente, embarcando para Luanda no dia 23, a bordo do

«Infante D. Henrique».

O trabalho do eng.º Santos e Castro na presidência da Câmara de Lisboa é apontado em Luanda como aval da sua competência e das esperanças que a população do Estado depositam no novo Governador, numa hora em que o progresso económico do território se afi-gura prioritário na actual política ultramarina.

Após o curso de engenharia agrónomo, Santos e Castro fez parte do grupo de técnicos que elaborou o inquérito nacional ao custo da produção do trigo em 1947, ingressando depois nos quadros da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

de que viria a ser presidente em 1969. Entretanto foi chefe de redacção do «Diário da Manhã», chefe de gabinete do Secretário de Estado da Agricultura, eng.º Quartim Graça, chefe de repartição do quadro técnico da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e presidente da Junta Nacional do Vinho. Na legislatura de 1965-1969 foi procurador à Câmara Corporativa e, em 1969, já presidente da C.M. de Lisboa, ingressou na Assembleia Nacional como deputado da A.N.P..

Em reunião pública extraordinária da vereação, o eng.º Santos e Castro despede-se de Lisboa nesta semana.

O Banco Borges & Irmão abriu uma agência na Amadora

O Banco Borges & Irmão abriu hoje uma agência na Amadora, situada na Rua Elias Garcia, 245-B, no decorrer de um acto informal a que assistiram os srs. dr. Manuel Marques Guedes, administrador; dr. José Lopes Raimundo, director-geral; eng.º Alvaro Pinto Correia, director; Fernando Almeida Abrantes e dr. José Pinto Alho, sub-directores; e Armando da Conceição Diogo, gerente da agência.

Ainda que provisórias, as instalações dispõem já das condições indispensáveis para permitir um fácil e rápido acesso

do público e a execução eficiente das diversas operações bancárias. De resto, o curto prazo em que este estabelecimento foi instalado evidencia a preocupação do Banco Borges & Irmão de prestar apoio bancário a uma zona que nos últimos anos tem registado um aumento populacional extraordinariamente rápido, o que tem sido acompanhado, naturalmente, de uma grande diversificação e alargamento das actividades comerciais. Além de representar maior comodidade para os clientes do Banco, a nova

agência constituirá, pois, valioso apoio para os habitantes daquele populoso e activo centro dos arredores de Lisboa.

Encontra-se esta iniciativa na linha de preocupação sempre evidenciada pelo Banco Borges & Irmão de ampliar a sua rede de estabelecimentos em todo o País, a fim de aumentar o seu apoio às actividades económicas nacionais, encontrando-se mais próximo dos locais onde a necessidade da sua presença mais se faça sentir. Assim, depois da inauguração desta agência da Amadora e das aberturas recentes das de Marco de Canaveses e Melgaço, o Banco Borges & Irmão passa a contar com 39

agências na província, além de 21 dependências e das instalações da sede e da filial no Porto e em Lisboa.

Brevemente serão inauguradas uma dependência em Lisboa, na Praça Martin Moniz e agências em diversos locais do País, entre os quais Viana do Castelo, Palmela e Ponta Delgada. Este alargamento, obedecendo a um plano que tem sido cumprido com particular rapidez nos últimos anos, e um indicador expressivo da assinalável expansão que o Banco tem vindo a registar e que se concretiza no aumento do movimento e no maior auxílio ao desenvolvimento nacional.

MELHORES LIVROS PARA MAIS LEITORES

EIS PAX

Jorge de Oliveira/Norberto Nunes

Uma nova personagem na história da banda desenhada. PAX comenta o Mundo em que vivemos e o nosso quotidiano. Ou o cómico e o absurdo da civilização. Col. PAX n.º 1 20\$00

ARNIE NA ILHA DOS MARES DO SUL

Pierre Levie/Nadine Forster

O primeiro de uma série de oito álbuns em que se contam as (maravilhosas) aventuras da jovem ARNIE e dos seus estranhos amigos: Wal, o canguru; Bafou, o pelicano; «Pusse-Pusse», o polvo. Quem não gostará de os conhecer? Álbuns de grande formato e profusamente ilustrados. Col. ARNIE n.º 1 50\$00

VIDA SEXUAL CONJUGAL

Paolo Monteleone

Segundo volume da Biblioteca da Educação Sexual que será composta por 22 volumes. BIBLIOTECA DA EDUCAÇÃO SEXUAL n.º 2 - 45\$00

PLÁTANO EDITORA

AV. DE BERNA 31, 2.º E. LISBOA



Por escolha que muito aprez registar, reuniu-se há dias no nosso país o conselho de administração do Grupo STAB (Swedish Match Company), composto pelos srs. Jacob Wallenberg (Presidente), Erik Boheman (vice-presidente), Rolf Deinoff (administrador-delegado), Ake Bergqvist, Holger Grafoord, Bo Ehrner, Carl de Geer, Rudolf Pfenninger, Lars-Erik Thunholm e Sune Wetter, nomes conhecidos internacionalmente nos domínios da indústria e das finanças.

Aproveitando a sua vinda a Portugal, aquelas individualidades visitaram a fábrica de fósforos no Porto e a de aglomerados

de madeira da SIAF, em Souselas, bem como a unidade fabril que esta empresa tem em construção na Abrunheira, concelho de Sintra, destinada à produção de portas e móveis de cozinha.

Na visita às instalações da SIAF, tomaram parte, em representação dos acionistas portugueses, os srs. dr. José Maria Espírito Santo Silva, embaixador Alberto Franco Nogueira, e comandante António Ricciardi.

Em honra dos ilustres visitantes o sr. dr. Manuel Espírito Santo Silva, presidente do conselho de administração do Banco Espírito Santo, ofereceu um jantar na sua residência em Cascais.

ARTIGOS ESCOLARES MAIS BARATO QUE NAS CANTINAS DAS ESCOLAS E LICEUS PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

SEDE

RUA DA MADALENA, 42 — TELEF. P. P. C. 86 97 41/2/3

FILIAIS:

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C — TELEF. 5 01 09

AVENIDA DE ROMA, 10-E — TELEF. 72 07 72

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49, EM LISBOA — TELEF. 4 83 98

BRINDES

Descontos de 10 % em todos os artigos escolares, excepto em livros. Oferta nas compras superiores a 100\$00 e 250\$00.

Só têm direito a estes brindes as compras feitas aos nossos balcões e pagas a pronto de 1 a 31 de Outubro de 1972. ATENÇÃO: Os livros escolares não têm direito aos brindes.

No aproveitar é que está o ganho. Enviamos encomendas para a Província contra reembolso, despesas por conta do cliente.

Almada Negreiros

EXTERNATO

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º
Tels. 538308 - 538349

Junto ao Teatro Monumental

CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL

INSTITUTOS

DIURNO — NOCTURNO

(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

O CONTRABANDO NA ERA INDUSTRIAL

ADEUS, RAMUNTCHO!

Sobrevivência de uma época passada, o contrabando nunca foi tão próspero como hoje em dia, tendo mesmo visto o seu campo de acção alargar-se com a queda das barreiras económicas e o nascimento do Mercado Comum, que favorecem a fraude aduaneira; tornou-se um negócio industrial, senão mesmo, por vezes, um negócio de industriais.

Todos os anos no mês de Agosto, em Sare, aldeia dos Pirinéus próxima de Saint-Jean-de-Luz, que sugeria a Pierre Loti o cenário de Ramuntcho, realiza-se uma surpreendente competição: o «cross dos contrabandistas», que conta regularmente com muitos participantes. Embora a autenticidade do título de mais um concorrente se for duvidosa, a prova nem por isso goza de menos popularidade, atraindo numeroso público. Nos nossos dias, já não há em Sare senão o contrabando impregnado deste perfume de folclore. Quanto ao resto, deixou de ser uma empresa individual para se tornar um bom negócio. A fraude aduaneira é, hoje em dia, demasiadamente lucrativa para ser deixada nas mãos dos amadores. O descendente de Ramuntcho trocou o cesto pelo semi-reboque. Beneficiando da expansão das trocas com o estrangeiro no decurso dos últimos quinze anos, bem como da intensificação da circulação nas fronteiras (trezentos milhões de passageiros em 1970), ele passou ao estúdio industrial.

Existem duas maneiras de fazer contrabando: fazendo entrar no território mercadorias proibidas (o «ramo» actualmente mais lucrativo, e não apenas no caso da droga), e usurpando o valor das taxas e direitos que a alfândega cobra normalmente. O objectivo, porém, é o mesmo em ambos os casos: ganhar dinheiro, muito dinheiro, e rapidamente.

Em França, o contrabando localiza-se essencialmente em redor de dois focos tradicionais: o Mediterrâneo e a fronteira suíça. Desde há muito que a bacia mediterrânica tem «beneficiado» de uma situação particularmente privilegiada. Trata-se de um dos lugares do mundo em que as distorções económicas e fiscais são mais importantes: entre um Sudeste subdesenvolvido e um Noroeste

industrializado, a tentação do contrabando é grande.

De um país para o outro, as trocas são muito activas, na medida em que as produções e as necessidades, fundamentalmente diferentes, encorajam este movimento: o petróleo, por exemplo, é produzido no Sudeste e consumido no Nordeste. Trata-se também de uma região onde a taxa de desemprego é muito importante: encontramos aí, portanto, uma grande percentagem da população sem trabalho disposta a fazer seja o que for por qualquer preço. A facilidade de navegação num mar geralmente calmo torna-o acessível a qualquer tipo de barco, mesmo de tonelagem modesta. Todos estes factores explicam a existência tradicional ao longo de toda a costa de uma classe activa, a qual conta aliás com a cumplicidade tácita da população, e prospera, por vezes, ao abrigo de organizações solidamente estruturadas, tais como a Mafia. Foi assim que, ao longo das costas mediterrâneas, se desenvolveram «centros de contrabando» mais ou menos especializados: Tanger, Gibraltar, Malta, Chipre, etc.

O fenómeno suíço é um pouco diferente. Para os funcionários alfandegários, a Confederação Helvética é o «entrepósito do contrabando». Não só a sua concepção do segredo bancário faz dela um refúgio para o dinheiro susceptível de ter sido ganho em condições duvidosas, mas também a sua região do comércio suscita a cobiça dos traficantes. A topografia da região de Genebra e o traçado artificial da fronteira herdado de 1815 facilitam-lhes a tarefa: entre Annemasse e Saint-Julien-en-Genevois, a estrada nacional 206 é em França, mas a Suíça começa para além do passeio da direita; dezenas de caminhos mais ou menos transitáveis — e, regra geral, pouco vigiados — desembocam do território

helvético e suportam, certas noites, uma intensa circulação. Durante cerca de trinta quilómetros, a fronteira é um verdadeiro «passador» e um pesadelo para os cinquenta funcionários alfandegários que constituem as duas brigadas móveis da região.

A necessidade que os contrabandistas experimentaram de passar a um estado industrial coincidiu com o agravamento dos custos de cada operação. Um negócio de contrabando já não se improvisa; deve ser combinado nos seus mais pequenos pormenores e necessita de muitos actores, cúmplices e meios materiais; donde a necessidade, para amortizar estas despesas, de trabalhar com grandes quantidades de produtos.

O caso do iate «Combinatie» foi muito falado no seu tempo. Todavia, nessa época, os barcos só transportavam algumas centenas de quilos de cigarros louros. Hoje em dia, a unidade básica do tráfico marítimo de tabaco é a dezena de toneladas. É preciso dispor de avultadas quantias para pagar — a pronto — a mercadoria, armazená-la, fretar um barco e a respectiva tripulação (paga, em parte, antecipadamente), fazer carregar o navio, financiar uma rede de vigilância (a confiança nem sempre reina nos meios do contrabando) e equipamentos de rádio (as instruções só são transmitidas no último momento a fim de se evitar uma desagradável surpresa), assegurar o desembarque fora dos portos (prevendo, portanto, todo o material susceptível de substituir as infra-estruturas portuárias), e dispor de uma rede de distribuição.

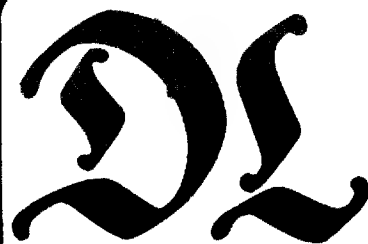
Quaisquer que sejam as variantes deste esquema ideal, semelhante operação traduz-se, em números, por um negócio de «loiros» relativo a 30 toneladas de cigarros com destino a Itália, pelo preço de 8 milhões de francos. Neste caso, se a operação for bem sucedida, pode-se contar, após a revenda em Itália, com um lucro bruto de 35 por cento e líquido de 15 por cento. Em França, o lucro teórico é de 100 francos por quilo (equivalente ao montante dos impos-



O contrabandista dos tempos «heróicos» em que o gosto individual da aventura e do lucro ainda não fora absorvido pelas grandes organizações internacionais...

Continua na página quatro

Por JAMES SARAZIN
Exclusivo «Le Monde»
«DL»



MUNDO

CIRURGIA A LONGA DISTÂNCIA

Pasadena, Califórnia — A possibilidade de o cirurgião operar um doente que se encontra num hospital situado a milhares de quilómetros de distância dele foi admitida por uma autoridade em sistemas de controlo a distância.

O Dr. N. S. Rasor pensa ser possível chegar a este resultado utilizando os instrumentos electrónicos e os dispositivos de manipulação concebidos para o programa espacial. Deste modo, as clínicas rurais, as naves espaciais ou os barcos em pleno oceano poderiam ter acesso aos melhores cirurgiões.

Rasor, um físico do Cox Heart Institute, de Dayton, Ohio, fez estas declarações numa conferência nacional sobre sistemas comandados a distância realizada recentemente nesta cidade sob o patrocínio da N.A.S.A. e do California Institute of Technology.

O Dr. Rasor descreveu algumas das experiências com animais actualmente em curso, as quais o levam a admitir que a cirurgia por controlo a distância é possível.

Durante os últimos anos, prosseguiu o cientista, o Cox Heart Institute desenvolveu um novo tipo de regulador de ritmo cardíaco e uma técnica para o colocar dentro do coração sem abrir o peito.

O regulador de ritmo cardíaco, que é accionado por

meio de energia nuclear e pouco maior do que a borracha da ponta de um lápis, é colocado no interior da câmara direita inferior do coração por meio de um tubo introduzido numa veia do pescoço.

Segundo Rasor, os cientistas estão convencidos de que é possível realizar algumas operações dentro do coração, tais como a substituição de válvulas e a correcção de defeitos nas paredes, utilizando instrumentos de manipulação enfiados através do tubo que faz as vezes das mãos do cirurgião dentro daquele órgão.

O cientista declarou ainda que existem cães no Instituto que sobreviveram vários anos com os reguladores de ritmo cardíaco colocados por meio deste sistema. Até agora, porém, ainda não foi experimentado em seres humanos.

Muitos embora a equipa do Dr. Rasor o não tenha tentado, parece ser possível efectuar operações dentro do estômago ou da bexiga e em órgãos no interior do peritônio (cavidade abdominal) por meio dos instrumentos de manipulação especiais controlados do exterior do corpo e introduzidos através das aberturas naturais deste.

As intervenções cirúrgicas realizadas ao coração por este processo têm a vantagem de não necessitarem de um aparelho coração-pulmão nem de uma incisão considerável para se chegar ao órgão em questão, disse Rasor.

Este tipo de instrumentos es-

tá já a ser utilizado em operações de esterilização das mulheres. Faz-se uma ligeira incisão no umbigo, através do qual se introduz um instrumento que pode cauterizar a trompa uterina sem incapacitar as mulheres mais do que quatro ou cinco minutos.

Rasor pensa ainda ser

possível utilizar uma pequena câmara de televisão e instrumentos de manipulação juntamente com o sistema, permitindo que o cirurgião se encontre a muitos quilómetros de distância da sala operatória enquanto procede à intervenção cirúrgica.

O cirurgião sentar-se-ia de-

frontera de um quadro equipado com um monitor de televisão e os comandos destinados a dirigir os movimentos dos instrumentos — na realidade, extensões das suas mãos — operando o paciente que se encontrasse na distante sala de operações.

O sistema poderia ainda

compreender micromanipuladores — dispositivos que tornam possível controlar os movimentos de um bisturi, por exemplo com muito maior precisão do que se o cirurgião o tivesse nas próprias mãos — bem como lentes que aumentariam a zona de intervenção no monitor do cirurgião.

Por
HARRY NELSON

Exclusivo
«THE LOS ANGELES TIMES»/«DL»

OS "MILAGRES" DA CRIOLOGIA

FARMINGDALE; (Nova York) — O camião branco abalou aos solavancos pela estrada do cemitério, e voltou em direcção a um parque de estacionamento situado entre duas filas de edifícios de um andar. Curtis Henderson saltou do camião e introduziu uma chave na fechadura de um dos armários. No interior, uma lâmpada iluminava uma pequena área, quase totalmente preenchida por qualquer coisa que tinha o aspecto de um grande reservatório branco de «fuel-oil».

«Este está vazio», disse Henderson, e o recipiente emitiu um som cavernoso quando lhe deu uma pancada com o punho. Depois, dirigiu-se a um quarto um pouco maior, com a lâmpada um pouco maior, e o reservatório um pouco maior, como enorme chaleira.

Ali, através do nevoeiro, des-

mem coberto como que de uma camada de gelo moído. «O gelo é devido à condensação», declara Henderson. «Se lho enxugar, o rosto apresenta-se-lhe o mesmo que no dia da morte. A morte ocorrerá havia dois anos. O cadáver é o de uma das 15 pessoas que, desde 1967, foram cientificamente congeladas ou colocadas em «suspensão crónica», na esperança de que um dia, quando tiverem sido descobertos os remédios das doenças de que morreram, se possa reani-

cientificamente o primeiro homem. A suspensão criológica do professor James H. Bedford, da Califórnia, de 74 anos de idade, e vítima de um cancro do pulmão, foi descrita num livro intitulado «Congelamos o primeiro homem».

O sangue é primeiro retirado do corpo e arrefecido a 10 graus centígrados; depois as artérias e os pulmões são cheios de glicerol em lactate de ringier (R.L.) uma solução de protecção. Pode também utilizar-se um óxido sulfúrico

perto de Los Angeles e F. Edgard Hope, de Phoenix, Arizona.

Os cadáveres congelados são agora, segundo palavras de Ettinger, «cromonautas congelados durante a sua viagem para a vida».

Quem eram aqueles? Segundo Ettinger, o único ponto comum era o seu amor da vida, significando implicitamente que amavam demasiado a vida para a abandonar completamente pela morte. Mas a sua idade escalona-se entre os 80 e os 74 anos, tinham três religiões diferentes, grande número de ocupações, e morreram de causas diversas; ataque cardíaco, cancro, doenças dos rins, paragem suprarrenal e até suicídio. Uns foram congelados segundo o seu desejo pessoal. Os outros, a pedido da família. «Neste último caso, acrescenta Saul Kent a rir», imagine-se a surpresa da pessoa ao acordar 100 anos depois!...

Kent admite que quando se encaram bem as coisas, as probabilidades de trazer essas pessoas de novo à vida são absolutamente mínimas, porque a maior parte foi congelada em muito más condições, em certos casos vários dias após a sua morte clínica. Ettinger refuta vigorosamente esta opinião, e afirma que as probabilidades de vida não são poucas são é ainda desconhecidas, e por isso entram na ordem das coisas possíveis.

Masmesmooscriologistasrenhos, começando por Ettinger, confessam que os métodos actuais apresentam erros graves; em particular os estragos feitos nas células durante a congelação e a descongelação. O sangue humano, o esperma, e a pele, provaram ser «viáveis» depois da congelação. Mas enquanto um ser humano não tiver sido descongelado cientificamente, não é possível medir com precisão os estragos causados, sobretudo às células do cérebro.

Outro inconveniente importante é o custo dessa operação. Comparada com os funerais americanos médios, que custam à roda de 1500 dólares, a suspensão crónica pode custar 5.500 dólares para começar, mais 1000 por ano para conservação...

Por
NANCY L. ROSS

Exclusivo «THE WASHINGTON POST»/«DL»

má-los e até rejuvenescê-los.

Os adeptos desta criologia médica (da palavra grega Krios que quer dizer frio) é a primeira tentativa a sério de luta contra a morte e pela obtenção... da imortalidade...

Os cépticos chamam a congelação de cadáveres uma «escroqueria» perpétua contra os mortos e suas famílias.

Embora tenha já havido outras discussões sobre a possibilidade de congelar seres humanos, Henderson, como muitos outros, interessou-se pela criologia ao ler um livro «a esperança da humanidade», publicado em 1964. O seu autor, Robert C. W. Ettinger, professor de física no Colégio de Highland Park em Detroit (Michigan) afirma que uma congelação no momento da morte clínica (paragem do coração, da respiração e/ou das ondas do cérebro) pode fazer estacar a morte celular. A degeneração «irreversível» ou desorganização das células individuais do corpo, só chega ao seu termo geralmente dois dias depois da morte clínica.

«O facto é que a morte biológica depende não só do estado do corpo mas do estado das ciências médicas; assim, um cadáver de hoje será um doente de amanhã. Assim, se conseguirmos prevenir um agravamento da condição do cadáver, será provavelmente daquilo a que hoje se dá o nome de velhice.» — escreve Ettinger.

Três anos mais tarde vinha a saber-se no meio de grande estupor que fora congelado

de dimethyl. Embrulha-se então o cadáver numa folha de alumínio e coloca-se num reservatório de gelo seco para reduzir a temperatura do corpo a 79 graus centígrados. (A folha de alumínio contribui para proteger o corpo, mas serve também para esconder a nudez).

Desta armazenagem temporária, o corpo passa para uma cápsula permanente, que se assemelha a uma garrafa termus gigante, cheia de azoto líquido, a 196 graus centígrados. Todo e qualquer movimento celular pára, e o cadáver permanece em perfeito estado indefinidamente. Uma outra folha de alumínio fácil de deslocar, sobre o rosto, e permite uma rápida identificação.

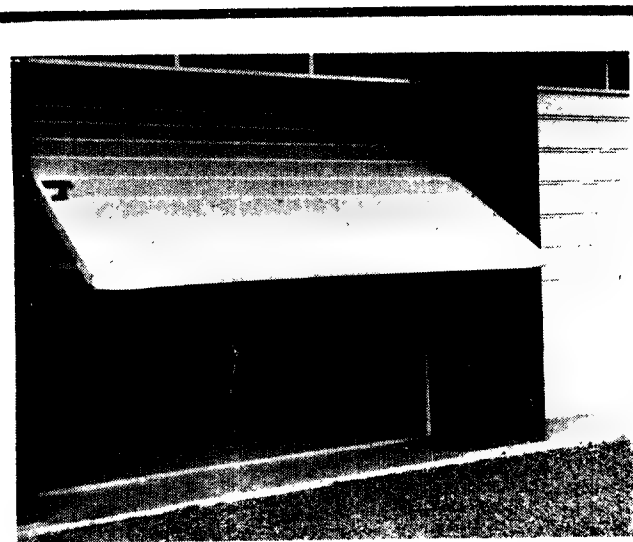
Um ano mais tarde, Curtis Henderson tornou a fazer os mesmos gestos. Henderson, de 45 anos, ex-advogado numa companhia de seguros, e empregado numa fábrica de discos de Long Island, Nova York, declarou numa entrevista que não tinha a mínima intenção de se dedicar à congelação. Mas, sendo presidente de uma das primeiras sociedades de criologia, fundada em Nova Iorque em 1960 viu-se obrigado a agir quando se apresentou um candidato à suspensão, Steven Mandell.

Desde então, Henderson e os seus associados, Fred Horn, director de uma casa funerária, e Saul Kent, escritor-conferencista, congelaram três pessoas mais. As outras foram suspensas por Nelson, que habita

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



«BOLTON»

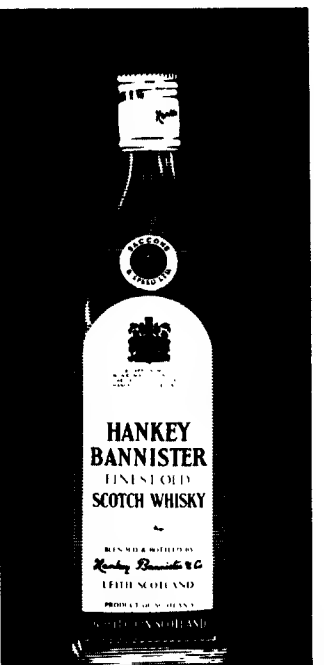
PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

3 ANOS DE GARANTIA

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540



taste
of life...

sabor da vida - o prazer de um momento único prolongado pela vida fora.

Sabor da vida...
sabor de Hankey Bannister.

HANKEY
BANNISTER
FINEST OLD
SCOTCH
WHISKY

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEF. 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

OS ÚLTIMOS HOMENS DAS CAVERNAS

Na floresta de Tasaday, Filipinas — A tribo perdida de habitantes das cavernas da região meridional de Mindanao, descoberta há 15 meses vivendo a existência dos homens da idade da pedra, já não é da idade da pedra.

A despeito das cautelas com que é levada a efeito a investigação científica em curso, bem como da dificuldade de acesso a este grupo de seres humanos pacíficos e que não usam qualquer vestuário, um ano de contactos com os membros da tribo, que conta agora 57 pessoas, teve sobre eles efeitos «civilizados».

Já ninguém deplora as alterações do seu modo de vida senão os próprios civilizados. Manuel Elizalde Jr. continua dominado por uma dúvida terrível: tendo descoberto esta tribo, deveria tê-la deixado em paz?

«Ao fim e ao cabo», diz ele, «os tasadays encontravam-se isolados de todos os estranhos havia 600 anos ou mais, conforme sabemos agora, vivendo uma existência quase idílica. Foi então que nós chegámos».

Desde que tive a oportunidade de os observar pela primeira vez, o ano passado, uma das alterações de comportamento mais notáveis é o facto de já não terem receio da aproximação de um helicóptero, pois



Tão longe desta imagem como do homem civilizado...

sabem que transporta Elizalde, o seu amigo e protector.

Elizalde é presidente da Fundação Panamin, grupo benévolo cujo financiamento é de carácter privado na sua maior parte, incluindo Charles A. Lindbergh, e que se ocupa da protecção das minorias tribais das Filipinas. Elizalde é ainda assistente do Presidente Ferdinand Marcos para as minorias nacionais, com a categoria de ministro.

Quando o helicóptero pousa com grande ruído na clareira laboriosamente talhada na selva, os tasadays acorrem apressadamente de um planalto vizinho para acolher Elizalde. Os homens envergam ainda as suas tangas de folhas de orquídea e as mulheres uma pequena saia de erva. Todavia, se o seu pudor continua a manifestar-se deste modo, a timidez desapareceu, recebendo o seu amigo. Mando com os abraços de um igual. Com Elizalde e os seus assistentes falam agora, pelo menos, algumas palavras da língua tasaday, é possível assistirmos a uma conversa amável pontuada pelos tasadays com gritos agudos de «chee», susceptíveis de ser em aproximadamente traduzidos por «verdadeiramente» e «oh-ho», para mostrar aprovação.

Quando os tasadays pegam na nossa bagagem e descem a pista

dante dos seus vagarosos visitantes, notamos então uma alteração cultural importante.

Todos os homens têm «bolos», longas lâminas de aço metidas em bainhas de madeira talhada e seguras por meio de fitas de estanho feitas de caixas de conservas usadas, nas quais se podem ver ainda os vestígios do sumo de tomate e das sardinhas.

Os «bolos» e as bainhas são um presente da Fundação Panamin, a organização semi-governamental, semi-particular de Elizalde para a protecção das tribos minoritárias das Filipinas. Como explica Elizalde, industrial de Manila, milionário, educado em Harvard, «convém evitar o que aconteceu ao índio americano».

Os tasadays, compreendendo as vantagens evidentes de uma espada sobre os utensílios de pedra para obterem alimento e cortarem madeira, estão encantados com os «bolos».

Servem-se igualmente deles para abrirem caminho na selva densa, podendo deste modo explorar zonas que até então tinham evitado.

A tribo fez também grandes progressos na caça ao rato, ao macaco, ao porco selvagem e à corça anã, acrescentando assim as proteínas necessárias ao seu regime quotidiano, que se

limitara até então a minúsculos peixes, caranguejos e rãs apanhadas à mão nos regatos da selva.

Todavia, os tasadays recusam certos presentes, alguns deles depois de os terem experimentado, tendo enterrado outros para não ofenderem o doador. As seis famílias tasaday, entre as quais reina a maior harmonia e que não têm inimigos externos, recusaram o uso da lança e do arco e flechas, dado que não são utensílios práticos para procurar alimento.

A tribo tão pouco aceitou o arroz e o milho como substitutos do miolo de palma e dos inhames selvagens esmagados, tendo rejeitado terminantemente a sugestão de cultivar o seu próprio alimento, achando estranha a ideia de que semelhança trabalho possa ser útil, na medida em que a Natureza vem há gerações oferecendo à tribo dos habitantes das cavernas provisões amplas e sempre renovadas. Elizalde proibiu rigorosamente todo e qualquer presente de bombons às 15 crianças da tribo tasaday.

A despeito dos remorsos que Elizalde sente por ter introduzido uma certa cultura moderna no modo de vida independente e agradável dos tasadays, fiquei agradavelmente surpreendido ao verificar que as imperfeições

híbridas eram em número tão reduzido.

O receio inicial de que os tasadays estivessem a desaparecer não foi confirmado pelos números. Só se registou uma morte aparente (o desaparecimento de um rapaz quando procurava alimento), um nascimento (há cerca de um mês) e um casamento. Elizalde desempenhou o papel de intermediário, levando à tribo uma viúva blit, cuja tribo vive próximo da floresta. As línguas blit e tasaday têm certas analogias. A mulher aceitou, trocando os vestuários e pérolas dos blit pela saia de erva e a vida comunitária com o seu companheiro na caverna.

O número extremamente reduzido das mulheres tasaday desapaixona os sábios. Por certas razões inexplicáveis, o equilíbrio nas crianças espansi: 13 rapazes por cada 2 raparigas. A maior parte das mulheres casadas com homens tasaday pertencem a outras tribos «perdidas» que se sabe existirem na vasta selva virgem de Mindanao. A última expedição dos tasadays destinada a procurar mulheres realizou-se, segundo se julga, há quatro anos.

«Deveríamos agora procurar as outras tribos perdidas?», pergunta Mando. As dúvidas, porém, assaltam-no, e não consegue encontrar uma resposta.

A PROPÓSITO DA "ANTOLOGIA DO CONTO ULTRAMARINO"

A viúva de Castro Soromenho acusa Amândio César de "tendenciosa inveracidade"

De Mercedes de Castro Soromenho, residente em São Paulo, no Brasil, viúva do escritor Castro Soromenho, recebe, o nosso director a seguinte carta, que vinha acompanhada de uma outra dirigida a Amândio César e que igualmente se reproduz:

«Foi um grande amigo já desaparecido, Adolfo Casais Monteiro, quem me alertou sobre os dados biográficos que o sr. Amândio César publicou a respeito de meu marido na sua «Antologia do Conto Ultramarino».

Gostaria de ficar devendo a esse conceituado jornal (ao qual já fiquei grata pela homenagem do seu Suplemento Literário por ocasião da morte do escritor) a publicação da carta que escrevo a dito senhor, esclarecendo os pontos de tendenciosa inveracidade com que são apresentadas ao leitor algumas fases da vida do romancista».

A carta A AMÂNDIO CESAR

«Ilmo. senhor Amândio César — Confesso que é com marcada relutância que me dirijo a si, talvez pelo à-vontade com o qual o senhor resolve tratar factos que desconhece ou conhece mal. Sinceramente, acho que seus leitores mereciam mais consideração da sua parte.

É evidente que, como crítico literário, o senhor tem pleno direito de tecer as reflexões que bem entender sobre a obra de um escritor, inclusive aquele de se contradizer...

Tampouco pensaria em contestar-lhe o privilégio (aliás desleal) de utilizar a propriedade de um autor cujo mérito literário lhe mereceu tantas restrições.

Outro tanto, porém, não acontece quando se trata da biografia de um escritor falecido,

em que a mais elementar honestidade obriga a respeitar os factos e qualquer deturpação dos mesmos pode e deve ser considerada grave.

A menção de título inexistente («Desterrados» constituiu simplesmente título provisório do romance que viria a chamar-se «A Chaga»); desconhecimento de que «Histórias da Terra Negra» foi título genérico dado pelo escritor à edição ilustrada em 2 vols., reunindo todas as obras da chamada «primeira fase» («Noite de Angústia», «Rajada e Outras Histórias», «Homens sem Caminho» e «Calenga»); indicação errada dos últimos anos que o escritor viveu no Brasil, inclusive da data de seu falecimento, são pequenas inexactidões sem qualquer gravidade e que tão só evidenciam o pouco cuidado que o senhor dispensou a esta sua antologia.

Outras inexactidões, todavia, ali figuram que justamente por me parecerem graves não posso deixar de denunciar.

«Nesse mesmo ano (1949) visitou a Argentina a convite do general Peron». (1)

Castro Soromenho nunca teve a menor participação na política argentina. Quando, em 1949, foi pela primeira vez a Buenos Aires, um objectivo muito simples motivou essa viagem: casar com Mercedes de la Cuesta.

A sua chegada, as autoridades do general Perón apressaram-se a retirar-lhe o passaporte que retiveram até que, por intervenção do Consulado português em Buenos Aires, este documento de identidade (cuja apresentação no Registo Civil era indispensável) lhe foi finalmente devolvido. A sua actividade na Argentina limitou-se às crónicas sobre Buenos Aires que nessa altura foram publicadas pelo «Diário Popular».

Em Julho de 1952, data em

que, pela segunda e última vez, Castro Soromenho voltou à Argentina, de novo as autoridades do general Perón lhe confiscaram o passaporte, desta vez para devolvê-lo em fins de Outubro do mesmo ano, ou seja, nas vésperas de seu regresso a Lisboa, onde desembarcou a 4 de Novembro.

«A vida em França corre-lhe mal e seu emprego pouco mais era do que um inválido a cuidar de inválidos». (2)

A mulher do escritor esteve, de facto, gravemente doente em França, mas não consta que tivesse ficado «inválida». Se tivesse ficado, em quê tal circunstância merecia a honra de «vir a lume» (como não seja fornecer-lhe a ocasião de «arrumar» toda uma fase da vida do escritor numa frase que talvez o senhor tenha considerado uma síntese espirituosa) continua para mim inexplicável.

Durante o tempo que permaneceu em França (1960 a 1965), Castro Soromenho viveu do produto de edições portuguesas e estrangeiras (francesa, italiana, alemã, russa, checoslovaca e húngara); dos cargos que desempenhou para o Musée de l'Homme, de Paris, para a Gallimard (como leitor), para a Universidade de Wisconsin, Estados Unidos (onde esteve de Janeiro a Julho de 1961); da colaboração em jornais e revistas francesas e africanas.

Para completar, acrescento

OBRAS

Equipa de operários especializados dirigidos por decorador a acabar obra de snack-bar encarregado-se de qualquer trabalho
Telef. 21 68 66.

te-se o romance «A Chaga» (acabado em Paris em 1964) e ter-se-á uma ideia senão justa, pelo menos aproximada do

«pouco mais» que foi em França o «emprego» do autor de «Terra Morta», desse «inválido a cuidar de inválidos».

MERCEDES DE CASTRO SOROMENHO

(1) e (2) «Antologia do Conto Ultramarino» — Amândio César — Editorial Verbo, Lisboa 1972.

A C. P. INFORMA

LISBOA-PARIS (Via Salamanca)

Horário dos comboios a partir de 1/10/1972

(Inverno 1972/73)

C	E	A	P	Lisboa (Santa Apol.)	C	B	F	D	I
12-55	14-30	19-35	P	Lisboa (Santa Apol.)	C	11-25	15-15	16-45	7-15
13-49		20-35	P	Santarém	C	10-23		15-43	6-12
14-14	15-53	21-00	P	Entroncamento	C	9-56	13-47	15-11	5-31
14-34	16-11 (a)	21-19	P	Fátima	C	9-34	13-26 (a)	14-47	5-08
14-44		21-28	P	Caxarias	C	9-26		14-38	4-58
14-56		21-39	P	Albergaria	C	9-16		14-28	4-47
15-06		21-49	P	Vermoil	C	9-06		14-17	4-35
15-13	16-39 (a)	21-57	P	Pombal	C	8-57	12-57 (a)	14-06	4-26
15-25			P	Soure	C			13-53	4-13
15-37			P	Alfarelos	C			13-41	3-58
15-51	17-14	22-32	P	Coimbra-B	C	8-24	12-22	13-23	3-21
16-03	17-28	22-46	C	Pampilhosa	P	8-12	12-10	13-11	3-00
14-10	15-05	20-58	P	Porto (Campanhã)	C	10-28	14-29	15-00	7-00
14-19	15-15	21-07	P	Gaia	C	10-20	14-19	14-52	6-52
14-34	15-28	21-23	P	Espinho	C	10-01	13-54	14-36	6-26
14-59	15-57	21-48	P	Estarreja	C	9-31	13-11	14-07	5-49
15-14	16-15	22-04	P	Aveiro	C	9-16	12-53	13-53	5-30
15-48	17-00	22-38	C	Pampilhosa	P	8-43	12-08	13-20	4-33
16-18	17-40	22-54	P	Pampilhosa	C	8-01	11-55	12-53	2-15
16-11		23-17	P	Mortágua	C	7-38		12-26	1-48
16-55		23-31	P	Santa Comba Dão	C	7-26		12-13	1-32
17-28			P	Nelas	C			11-47	1-01
17-39	18-55	0-10	P	Mangualde	C	6-50	10-50	11-35	0-47
17-56		0-26	P	Gouveia	C	6-33		11-18	0-25
18-18			P	Celorico da Beira	C			10-56	0-00
18-36			P	Vila F. das Naves	C		10-06	10-42	23-42
19-04	20-08	1-27	C	Guarda	P	5-44	9-46	10-19	23-17
19-15	20-24	1-32	P		C	5-41	9-44	10-13	23-09
19-57	21-03	2-13	C		P	5-05	9-05	9-35	22-20
20-47	21-27	2-32	P	Vilar Formoso	C	4-45	8-50	9-00	21-00
20-50	21-30	2-35	C		P	4-40	8-45	8-55	20-16
21-55		3-00	P	Fuentes de Oñoro	C	4-18		8-30	18-08
0-08		5-05	P	Salamanca	C	1-53		8-01	17-30
1-17		6-25	C	Madina del Campo	P	0-32		4-49	16-20
1-34		6-46	P	Burgos	C	0-19		4-36	15-57
3-42		8-51	C	Miranda de Ebro	P	22-15		2-29	13-44
4-51		10-02	C	San Sebastian	P	20-53		1-09	12-25
7-38		12-51	C		P	18-05		22-25	9-13
8-10		13-22	C		P	17-45		22-05	8-50
8-35	8-15	13-30	P	Irún	C	17-00		21-20	7-51
8-40	8-20	13-35	C	Hendaye	P	16-55		21-15	7-45
9-25	8-55	14-40	P	Paris (Austerlitz)	C	16-50		21-13	7-40
17-25	16-35	22-30	C		P	9-00		14-00	22-50

(a) No efectiva paragem de 24/6 a 2/10 e de 2/12 a 1/2

A De Lisboa e Porto: Im 1 e 2/10 de 1972. De 2/12 de 1972 a 1 de 1973. Carrações directas de 2.ª classe: Lisboa-Hendaye e Porto-Hendaye. Carrações directas de 1.ª classe: Lisboa-Hendaye. Ligação de 1.ª classe: Porto-Pampilhosa (transbordo em Pampilhosa). B De Paris: Im 1 10/72 e de 1/12 de 1972 a 31/1 de 1973. Carrações directas de 2.ª classe: Irún-Lisboa e Irún-Porto. Carrações directas de 1.ª classe: Irún-Lisboa. Carrações directas de 1.ª classe: Pampilhosa/Porto (transbordo em Pampilhosa). C Carrações directas de 2.ª classe: Lisboa-Hendaye e Porto-Hendaye. D Carrações directas de 2.ª classe: Irún-Porto.

E SUD-EXPRESS. Carrações directas de 1.ª classe e carrações-camões de 1.ª e 2.ª classes: Lisboa-Hendaye. Carrações em restaurant: Lisboa-Vilar Formoso. F SUD-EXPRESS. Carrações directas de 1.ª classe e carrações-camões de 1.ª e 2.ª classes: Irún-Lisboa. Carrações restituidas: Vilar Formoso-Lisboa. Ate 12/10 de 1972: Transbordo em Vilar Formoso. A partir de 13/10/72: Transbordo em Salamanca e em Vilar Formoso. G Classe única Salamanca-Vilar Formoso. H Carrações directas de 1.ª e 2.ª classes: Vilar Formoso-Lisboa.

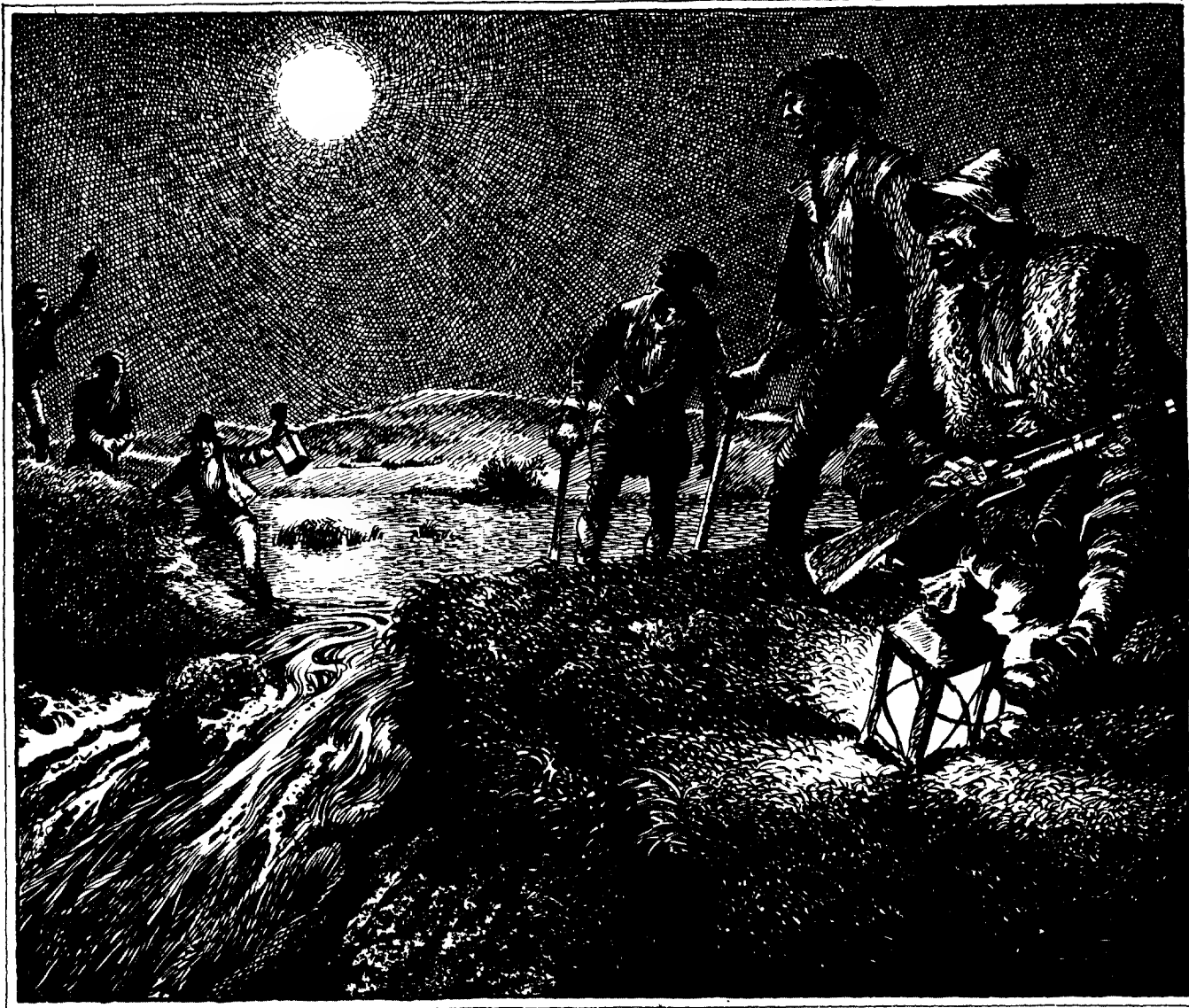
O CONTRABANDO NA ERA

Continuação da primeira página

tos); na realidade, é menos elevado, pois os cigarros de contrabando são vendidos — no Midi ou entre Pigalle e Clichy, — a um preço inferior aos da fábrica.

A fim de reunir capitais tão avultados — que supõem uma fortuna de milionário para sobreviver a um eventual fracasso — os financeiros têm agora tendência para se reunirem em verdadeiras «sociedades anónimas» a que presidem «personagens importantes» autênticas, garantias da «regularidade» das operações. Para melhor evitar os escolhos da lei, estes contam com a «assistência jurídica» de advogados — geralmente comprometidos — conhecedores das leis do comércio e do mar.

Com os seus financeiros, os seus importantes investimentos e as suas sólidas estruturas, o contrabando dos nossos dias já não pode ser objecto de comparação com o de ontem, excepto talvez sob um aspecto: o ridículo de numerosas situações, que provoca a hilaridade nos postos alfandegários dos Pirinéus: há alguns meses, os espanhóis descobriram, com certa surpresa, que uma fábrica inteira de fabricação de têxteis sintéticos entrara clandestinamente no seu território a partir de França: a totalidade do material, incluindo cubas de várias dezenas de metros cúbicos, tinha atravessado a montanha pelos caminhos do contrabando, mesmo nas barbas dos guardas civis e dos funcionários alfandegários ibéricos, que talvez tivessem, é certo, recebido uma confortável «propina».



Outra imagem de antigas façanhas...

alfandegários de Marselha descobriram que eles eram simultaneamente traficantes de heroína. O seu laboratório encontrava-se instalado em Mazaugues (Var). Antes de deixarem a Suíça, completavam a sua carga de anetol com o ácido acético, necessário para a transformação da droga.

MANDRIN DESCOBRE A EUROPA

Curiosamente, na mesma altura em que o contrabando tem tendência para se transformar numa indústria, verifica-se que determinados meios industriais não hesitam em voltar-se para o contrabando. O desenvolvimento das trocas internacionais, o afrouxamento das formalidades, a complexidade dos regulamentos nacionais e a multiplicidade dos regimes, particulares ou privilegiados, criaram novas formas de tráfico que, desde as falsas declarações de valor à obtenção fraudulosa de restituições, se assemelham sob certos aspectos à fraude fiscal pura e simples. Como Mandrin, que, há dois séculos, desviava em seu proveito o imposto sobre o sal, industriais e comerciantes dão provas de uma fértil imaginação a fim de iludirem direitos e impostos ou apoderarem-se das subvenções, inventando processos cada vez mais sutis para enganarem a alfândega.

Fraude com a origem: os funcionários alfandegários apreenderam recentemente cento e cinquenta caixas de aparelhos electrónicos supostamente provenientes da Alemanha e importados na realidade do Japão. O importador pensava não só iludir o contingente fixado em relação a este país, mas também escapar aos direitos alfandegários. Fraude com a natureza dos produtos: há alguns anos, foram exportados no Havre «vestidos de alta costura» com destino aos Estados Unidos, que não passavam de trapos velhos, o exportador recuperando, bem entendido, a «T.V.A.» por uma taxa avaliada acima do valor real. Fraude com papéis falsos atestando a origem ou o preço dos produtos: um reputado banco suíço acaba de ser condenado a uma multa por ter fornecido a comerciantes documentos falsos que permitiram introduzir em Itália «produtos franceses» provenientes nem mais nem menos dos países de Leste. Fraude fiscal: determinado laboratório farmacêutico, fabricante de um produto que custa 1 franco, afectado de um coeficiente de lucro de 0,40, só poderá ganhar 40 céntimos por unidade. Em contrapartida, se o enviar para uma das suas filiais estrangeiras que o transforma um pouco antes de o reexportar a 10 francos cada, este laboratório não só realizará lucros mais elevados (o coeficiente permanecendo o mesmo), mas terá com toda a tranquilidade colocado 9 francos no estrangeiro.

Todavia, as fraudes alfandegárias às quais está reservado o futuro mais risonho são, sem sombra de dúvida, as que beneficiam da complexidade dos mecanismos da Comunidade Económica Europeia, e nomeadamente da «Europa Verde», com as suas antecipações, as suas restituições, as suas subvenções, as suas compensações... Quinzentas toneladas de manteiga exportadas ficticiamente de França; lucro: quatro milhões de francos em

E POR ALGUNS BILHÕES MAIS...

O contrabando tem tendência para se tornar um verdadeiro comércio com os seus financeiros, os seus investimentos, os seus imperativos de rentabilidade e, também com alguns riscos suplementares que o incentivo de lucros fabulosos faz contudo esquecer.

A fraude aduaneira oferece possibilidades extremamente vastas aos que investem nessa actividade. O indivíduo que se dedica ao contrabando poderá numa vasta gama, escolher em função das suas afinidades — mas mais provavelmente da rentabilidade do momento — entre o álcool, os tapetes orientais, os diamantes (numerosos casos que ultrapassam o milhão de francos foram descobertos no decurso dos últimos anos) ou a produção pornográfica (330 casos que ascendem a 1,5 milhões de francos, foram resolvidos pela alfândega em 1970). Todavia, o tabaco continua a figurar à cabeça do contrabando tradicional. Os impostos são tão pesados, em França, mas sobretudo em Espanha e Itália, que os cigarros continuam a tentar os traficantes. No decurso dos últimos três meses a alfândega francesa apreendeu quatro barcos que transportavam 78 toneladas de cigarros. Um funcionário da alfândega italiana avalia as importações ilegais de tabaco no seu país, em 1970, em 1200 toneladas, ou seja metade do consumo oficial.

Como os mercados e os riscos crescem paralelamente, os contrabandistas recorrem hoje em dia a meios ainda mais im-

portantes, utilizando barcos-entrepósitos navegando sob o pavilhão maltês, grego ou panamiano, carregados de centenas de toneladas de tabaco e que percorrem interminavelmente o mar no limite das águas territoriais, aonde embarcações mais pequenas vêm buscar a carga. Com os seus aviões e as suas vedetas de vigilância costeira, os funcionários alfandegários franceses observam assim, desde há vários meses, as manobras de um grande navio, arvorando o pavilhão grego, o «N...», que navega entre a França, a Espanha e a Itália, regressando por vezes a um porto franco a fim de reabastecer os seus porões. O «N...» encontra-se especialmente equipado para os transbordos no alto mar, com um lado chanfrado e um flanco coberto de espessa camada de espuma plástica para que a abordagem não deixe vestígios.

CENAS DE «WESTERN» NA FRONTEIRA SUÍÇA

A par dos eixos de trânsito tradicionais — Gilbraltar e Malta — novas correntes de tráfico de tabaco estabeleceram-se a partir da Europa setentrional. Como na Grã-Breta-

nha e nos países baixos existem mercados muito activos de pequenos barcos de ocasião, os traficantes que vão a estes países para adquirirem embarcações aproveitam a oportunidade para neles receberem uma primeira carga. Os funcionários da alfândega de Marselha observam actualmente com atenção um navio que partiu de Amsterdão em princípios de Junho e entrou no Mediterrâneo dois meses mais tarde, cujos porões encerram algumas toneladas de «louros».

A via terrestre é igualmente muito frequentada, ligando a Suíça à Espanha através do território francês. Sob o aspecto puramente nacional, trata-se apenas, essencialmente, de um contrabando de trânsito que não põe em perigo a economia ou as finanças francesas. Porém, além dos acordos de cooperação existentes entre as alfândegas francesa, italiana e espanhola, o código das alfândegas obriga quem quer que circule no Hexágono a justificar a proveniência dos produtos que possui (mesmo que sejam franceses!), qualquer que seja o seu destino. Em nome destes princípios a fronteira da região de Genebra continua a ser periodicamente teatro de incidentes épicos, na grande tradição do contrabando com carroças automóveis, tiroleiros, barragens forçadas e pneus repletos.

Há alguns meses, um grupo de funcionários alfandegários

preparara uma armadilha perto da estrada nacional n.º 208. Após várias horas de expectativa, vê-se surgir de um caminho um automóvel matriculado nos Pirinéus - Atlânticos conduzido a velocidade reduzida. Quase logo a seguir, um «break» extremamente carregado chega, com todas as luzes desligadas, pelo mesmo itinerário. Os dois veículos tomam a estrada nacional e partem numa velocidade vertiginosa em direcção a Saint-Julien. Encontram-se agora em França e os «gabelous» podem entrar em acção. Alcançam os fugitivos e atiram para os pneus. O primeiro dos veículos põe-se em fuga. O «break» é atingido dá a impressão de querer parar, mas só alguns quilómetros depois diante da subprefeitura de Saint-Julien consegue ser imobilizado. As armas fazem-se ouvir. Os gendarmes chegam com grande ruído de cereias convencidos de que a subprefeitura está a ser atacada. Os contrabandistas são dominados. No «break» são descobertos 500 quilos de charutos.

O metal é igualmente muito procurado pelos contrabandistas. Extraído do anis, é o produto básico do «pastis»: são precisos dois gramas, misturados com meio litro de álcool, para fazer um litro de aperitivo anisado. Fabricado por um laboratório suíço, a sua importação em França é estritamente reservada aos fabricantes de aperitivos e aos farmacêuticos, os quais recebem apenas pequenas quantidades. Comprado por atacado em Genebra, custa 10 francos o quilo e, por vezes, menos. Nas farmácias francesas, atinge, pelo menos,

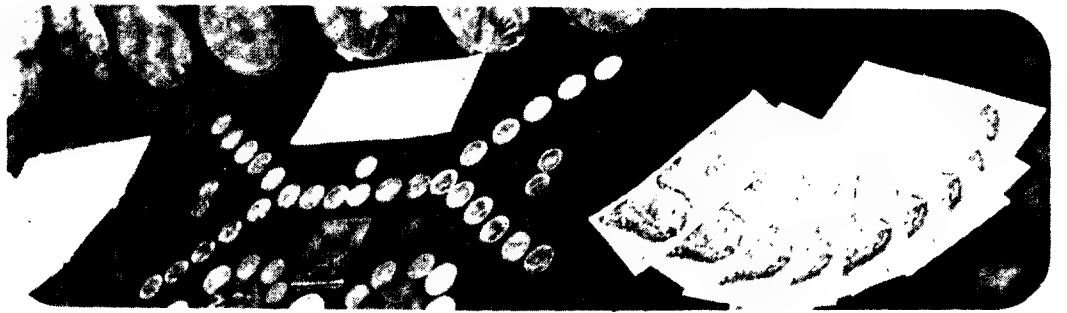
os 100 francos. Por outro lado, os impostos franceses que incidem sobre os aperitivos anisados são particularmente elevados: 17,89 francos por litro. O contrabando de anetol e a fabricação clandestina de «pastis» são, portanto, muito lucrativos, tanto mais que os investimentos em material são reduzidos e a procura elevada. A zona de consumo de «pastis» franduloso não deixa de crescer desde há alguns anos, estendendo-se hoje em dia até Valence e Grenoble. Este facto explica a multiplicidade dos casos de que os funcionários alfandegários se ocupam todos os anos na fronteira suíça.

Há algumas semanas, seguiram até Orange um automóvel que transportava 375 quilos de produto (suficiente para fazer cerca de duzentas mil garrafas de aperitivo); há três meses, apreenderam 200 quilos em dois automóveis; na Primavera, 250 quilos num 504, no posto dos subúrbios de Annemasse. Na maioria dos casos, os mais incomodados foram as empresas de aluguer de automóveis, cujos veículos são habitualmente utilizados pelos contrabandistas.

A opinião pública é, por vezes, indulgente para com este género de fraude. Anetol, tabaco, pedras preciosas, Whisky... o que está em causa são unicamente as finanças do Estado, e enganar os «gabelous» é muitas vezes considerado uma espécie de façanha desportiva.

Na realidade, o contrabando constitui, em primeiro lugar, um meio de ganhar dinheiro, qualquer que seja o seu odor. Ao deterem, em Março de 1969, diversos contrabandistas de anetol, os funcionários

INDUSTRIAL



três meses. Manteiga teóricamente em trânsito, na realidade exportada e reimportada:

4,8 milhões de francos em dois meses e meio. Importação de pernas de carneiro (indesejáveis e sujeitas a um imposto de 1,50 francos por quilo) de Nova Zelândia fazendo-as passar por presunto (subvencionado na importação): 120 toneladas apreendidas, mas 400 já passadas. Cento e cinquenta

lanchões dando a volta aos países do Mercado Comum carregados de um produto que se faz passar por sêmola em cada saída de um país — a fim de recuperar os impostos — e por resíduos de moagem em cada entrada, a fim de não pagar direitos; lucro bruto: 60 milhões de francos em seis meses.

O serviço nacional de inquéritos alfandegários possui

uma montanha de «dossiers» deste género. Esta nova forma de fraude é tão lucrativa que já tentou não só os industriais, mas também «malfeitores» profissionais que consideram esta actividade mais «elegante», menos perigosa e tão lucrativa como os assaltos à mão armada. Um indivíduo implicado há alguns anos num famoso processo judicial acaba assim de se ver comprometido num tráfico de manteiga.

à colaboração de «intermediários» praticamente munidos de um «passaporte de contrabando de armas». Quando o negócio corre mal e uma indiscrição chama sobre eles as atenções, é este intermediário que reivindica toda a responsabilidade.

Existe, em Paris e Marselha, todo um pequeno mundo que se torna difícil ligar ao contrabando. O tráfico é encorajado pela política dos excedentes militares: algumas armas são reformadas antes de terem sido alguma vez utilizadas; outras, antiquadas para um exército moderno, são ainda satisfatórias para países do terceiro mundo. Estas armas são teoricamente vendidas sob reserva de desmilitarização, mas o controlo é delicado. A partir de que momento um tanque ou um radar são considerados «desmilitarizados»? Um blindado sem o respectivo canhão entrará nesta categoria? Será preciso reduzi-lo a peças separadas... as quais se tornam então muito mais fáceis de exportar do que o conjunto? Motores, lagartas e aços especiais terão perdido toda a importância militar a partir do momento em que foram extraídos dos engenhos? Bastará retirar as insígnias de um «jeep» ou de um camião para fazer dele um veículo civil? Eis algumas perguntas a que ninguém tem pressa de responder.

Entretanto, determinados entrepostos do porto de Marselha encontram-se periodicamente peçados de caixas de «peças sobresselentes» ou de «refugos industriais», destinados sobretudo ao Próximo-Oriente. Embora estas exportações já não tenham de modo algum o carácter quase oficial das remessas para o Biafra aquando da guerra de 1969, não estão contudo sujeitas a quaisquer entraves. Quantos radars e armamentos médios têm partido desde há três anos com destino a países do Médio-Oriente sob a forma de «ferro velho»? É certo que — por uma questão de consciência? — as remessas destinadas a ambas as partes são sensivelmente equilibradas. Há algum tempo, em Marselha, dois serviços da alfândega quase tiveram uma disputa por causa de uma pilha de caixas que continham material aeronáutico em peças separadas: advertido pela direcção da vigilância do território, um dos serviços fora encarregado de impedir a partida das caixas para o Próximo-Oriente, enquanto que um outro serviço decidira consultar uma administração diferente que o aconselhara a autorizar o embarque das referidas caixas. Finalmente, como a remessa se fazia acompanhar de licenças de exportação em ordem, foi embarcada pouco depois.

Por vezes, acontece que este tráfico lucrativo se volta contra o seu autor. Assistimos a isso em 1967 com o caso de Manufatura de Armas de Bayonne (que encerraria as suas portas pouco tempo depois por razões muito diferentes). Um contrato para o fornecimento de doze mil armas ligeiras a um país do Próximo-Oriente acabava precisamente de ser assinado quando rebentou a guerra dos seis dias entre Israel e o Egipto. O governo autorizou o prosseguimento dos fornecimentos, com a condição de serem discretos. As armas foram entregues a partir desse

momento a um particular residente em Marselha, com instruções de as dissimular em automóveis velhos. Alguns funcionários da alfândega chegaram mesmo a assitir ao carregamento das estranhas embalagens. Os automóveis eram seguidamente embarcados, à luz do dia, em navios como bagagens acompanhadas. A manobra durou até as autoridades se aperceberem de que os automóveis regressavam, pouco depois tão pesadamente carregados como à partida, mas com uma mercadoria muito diferente:

morfina-base. O contrabandista de armas e o traficante de droga seriam apenas um? O inquérito, rapidamente encerrado, nunca o revelou. Cinco anos mais tarde, um caso do mesmo género chama de novo a atenção para a possibilidade de haver uma estreita ligação entre o tráfico de armas e o da droga. Os funcionários alfandegários que se dirigiam ao Próximo-Oriente em DS negros matriculados na Suíça, carregados de armas, e que nelas regressavam a França repletos de droga.

DA MANTEIGA AOS CANHÕES

Do tabaco à manteiga comunitária, da pornografia ao metal, dos diamantes à electrónica japonesa, fazem-se fortunas à sombra do contrabando. Todavia, esta actividade estende-se igualmente a outros tráficos, ainda menos confessáveis, tais como o dinheiro e as armas.

A Suíça é, tradicionalmente, um país que acolhe as fortunas, às quais oferece a segurança e a possibilidade de colocação no mundo inteiro. Combinadas com a discricção dos bancos helvéticos, estas duas qualidades são particularmente preciosas num período de perturbações, quando as moedas vacilam e o controlo dos câmbios dificulta a procura de colocações lucrativas. Em qualquer altura, mesmo em plena calma monetária, a fortaleza suíça é, por outro lado, um asilo inviolável para todo o dinheiro desonestamente adquirido — através da fraude fiscal, da ginástica financeira... ou do tráfico, — que aí encontra o único meio de escapar à curiosidade dos funcionários das finanças.

Por essa razão, o tráfico entre a França e a Suíça é extremamente activo: os funcionários alfandegários avalliam-no em 10 milhões de francos. Porém, nos momentos de crise — em 1968, 1969 e no Outono de 1971 nomeadamente, — a hemorragia atingiu diariamente 30 a 40 milhões de francos.

Salvo em casos muito raros, bem entendido, os proprietários deste dinheiro não se encarregam eles próprios do seu transporte, recorrendo a empresas de «passadores» especializados neste género de trabalho e que dispõem de pontos de apoio em Paris e Genebra. Logo que o cliente «faz a sua encomenda» (num período de controlo dos câmbios após a cotação do franco em França e na Suíça), alguns homens saltam para automóveis rápidos que os funcionários da alfândega perseguem, por vezes, na auto-estrada A 6, em DS 21 «inchados». Dissimulados no veículo, sob um assento ou por detrás de uma roda sobresselente, 2 ou 5 milhões vão ao caminho do seu paraiso. É extremamente fácil esconder o dinheiro, dado que ocupa muito pouco espaço. Na pasta mais pequena, um especialista pode arrumar 3 milhões de francos em notas de 100 francos. O volume e peso da embalagem média são de tal modo reduzidos que determinada equipa especializou-se na passagem das sacolas por avião. Há algum tempo, em Saint-Julien-en-Genevois, os funcionários da alfândega interceptaram um indivíduo que tentava passar 40 000 francos numa perna de pau.

O verdadeiro «passador» não se ocupa de importâncias tão módicas. Ganhando em média 50 000 francos por mês,

trabalha numa escala muito maior, por conta de importantes clientes que não conhece e no seio de uma rede solidamente estruturada. Cada uma das suas expedições é minuciosamente preparada. Os pontos de passagem são alterados em cada caso.

UMA «VÍTIMA» CURIOSA

Cidadãos de rendimentos modestos e, contudo, contribuintes, os funcionários da alfândega perseguem sem descanso estes «passadores», mas a sua intervenção é extremamente difícil. Não é uma tarefa fácil surpreender o portador de uma destas malas, quando lhes basta, por vezes, saltar uma sebe para se encontrar na Suíça, sob a protecção de funcionários da alfândega minuciosos no capítulo da integridade territorial. Os «gabelous» franceses alcançaram mesmo assim alguns êxitos ao deterem, um após outro, três «passadores» de uma mesma equipa.

Um deles, no fim do ano passado, transportava 1 milhão de francos atrás da banqueta de um «Simca 1 000». Algumas semanas mais tarde, um outro «passador», transportando consigo 700 000 francos, era detido perto da estação de Aix-les-Bains... ao ser assaltado por dois indivíduos (o interrogatório revelaria que o seu comanditário acabava de mudar de rede e que os seus agressores desejavam conhecer a identidade dos novos «intermediários»). Finalmente, em Julho, um terceiro homem, de nacionalidade suíça, era detido na posse de 450 000 francos dissimulados sob a roda sobresselente do seu automóvel. Em todos os casos, a defesa é a mesma: «Era a minha segunda viagem», afirmam os «passadores». Os funcionários da alfândega, porém, não são tolos, e as multas que aplicam são pesadas: 160 000 francos no primeiro dos três casos citados e 100 000 no segundo, enquanto que o terceiro aguarda ainda uma conclusão.

Mais do que os «passadores», estas multas tão severas visam aqueles que os empregam. Regra geral, o interesse do proprietário de capitais aconselha-o a vir em auxílio dos seus «empregados» em caso de necessidade. A loquacidade intempestiva de um «passador» conta, todavia, frequentemente, menos do que o trabalho de fornecimento dos funcionários da alfândega (orientado, é certo, por algumas valiosas informações) para «chegar ao

filão». A multidão das personagens honestas que já se sucederam nos escritórios do Boulevard des Batignolles, no Serviço Nacional de Inquéritos Aduaneiros, ou mesmo na Rue de Rivoli, mostra que o conseguem por vezes. Uma busca inesperada — poder que o código concede aos funcionários da alfândega — serve, por vezes, para encontrar listas comprometedoras.

Para evitar estes riscos, os contrabandistas recorrem frequentemente ao método mais discreto e rápido que é a compensação. Um francês pretende exportar 3 milhões de francos para a Suíça; na mesma ocasião, um ou mais capitalistas suíços desejam colocar dinheiro em França. Para satisfazer todos, é preciso e é suficiente que se proceda a uma intervenção dos titulares. Mediante um simples telefonema, o dinheiro muda assim de proprietário sem passar a fronteira e sem deixar mesmo as reservas dos respectivos bancos. Esta prática é formalmente interdita aos estabelecimentos bancários, mas é possível encontrar directores de agências dispostos a prestar um pequeno serviço a um bom cliente. Esta fórmula é contudo limitada pelas possibilidades de investimento dos cidadãos suíços em França.

AS ARMAS E O PUDOR DO ESTADO

As armas alimentam uma das formas mais antigas de contrabando. Actualmente, este tráfico apresenta aspectos muito diversos. Seria impossível, no âmbito de um inquérito às diversas formas de tráfico através das fronteiras francesas, analisá-los todos. Diremos apenas alguns exemplos. Uma corrente insignificante de contrabando de armas individuais, provenientes sobretudo da Bélgica e da Checoslováquia, e destinadas a usuários «particulares», transita pela ponte de Kehl. Podem ser sobretudo obtidas em Pigalle em todos os bairros mal afamados das cidades do Norte e do Leste.

Um tráfico de exportação pouco mais importante é alimentado por certos grupos de refugiados políticos com destino aos seus países de origem.

Todavia o comércio mais próspero é aquele cujos clientes são os exércitos estrangeiros. Trata-se efectivamente de comércio, pois se poucos governos se atrevem a reconhecer que fornecem armas a Estados estrangeiros (excepto no que diz respeito aos contratos assinados em tempo de paz), eles alimentam um verdadeiro «contrabando oficial camuflado», recorrendo



Os diamantes são eternos e... tentadores

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CICLO PREPARATÓRIO
LICEU

Familiares de alunos-DESCONTOS ESPECIAIS-Militares
R. Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 m. do Metro-Anjos)
Telfs.: 561897-561268 — Informações das 15,30-21,30

compre na BAIXA compre melhor



SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

AS CASAS ASSINALADAS COM =

A C E I T A M - N O

modas e confecções

 A BRUXA MODAS OUTONO-INVERNO Rua da Trindade, 36-C Telef. 328765	MODAS Gama RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — Lisboa-2 Telef.: 32 78 26	 Ducal Prudêncio & Pereira, Lda. CAMISAS GRAVATAS Rua Aurea, 190-192 — T. 327089	CONFECCOES Ribalta para Homem e Senhora LANIFICIOS NOVIDADES Tel. 87 42 53 Rua dos Fanqueiros, 199	 Castro LISBOA VESTUÁRIO PARA HOMENS E CRIANÇAS Rossio, 71 & T. 362411 Rossio, 82 & T. 322179 Av. Roma, 36 & T. 715460	 meia lua PRONTO A VESTIR MALHAS PARA SENHORA e HOMEM Rua dos Fanqueiros, 261 Tel. 36 12 54
---	--	--	---	---	--

 Glores PRONTO A VESTIR CONFECCOES DE LUXO Rua dos Fanqueiros, 97-101 Tel. 36 24 62	CONFECCOES Sertorius TEL. 87 43 06 288, R. FANQUEIROS, 290	 Phoebus CAMISEIROS CHAPELEIROS PRONTO A VESTIR Rua Aurea, 287 Telef. 369153/3221122	CAMISEIROS CHAPELEIROS PRONTO A VESTIR Rua Aurea, 287 Telef. 369153/3221122	Loja da América MALHAS * NOVIDADES * CONFECCOES NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR Rua do Ouro, 206-208 — LISBOA
---	---	--	--	--

artigos diversos

GALERIA SÃO DOMINGOS T. NOVA S. DOMINGOS, 30-32	PASTELARIA «Benard» R. Garrê, 101	 A. M. SILVA (ARMEIRO) RUA DA BETESGA, 1 — TELEF. 361313/4/5	ARMAS — MUNIÇÕES CAÇA PESCA DESPORTOS A. M. SILVA (ARMEIRO) RUA DA BETESGA, 1 — TELEF. 361313/4/5	A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS KERMESSE DE PARIS R. 1.º de Dezembro, 127 Telef. 35031	DISCOS Fabricantes e editores VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL
--	---	--	--	---	---

 LVIS XV DE LUXO CRIAÇÕES EXCLUSIVAS SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES Telef. 32 42 59 RUA AUGUSTA, 209-211 — LISBOA	 COSTA BRANCO ARTIGOS DE DECORAÇÃO BALANÇAS — MÊNAGE LISTAS DE CASAMENTO Rua da Assunção, 75—Tel. 325935	JOQUE NO CAMPIÃO
--	--	---

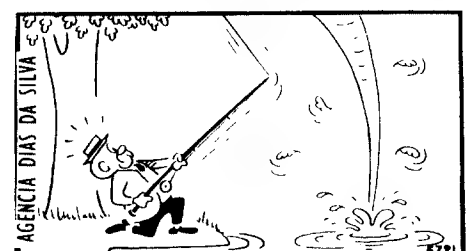
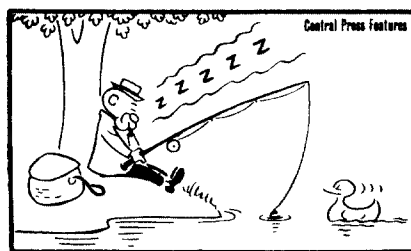
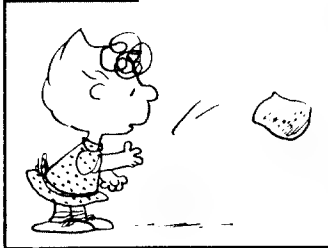
 LINO CONFECCOES ANTILOPES CABEDAIIS GABARDINAS HOMEM, SENHORA, CRIANÇAS Calçada do Carmo, 17 Tels. 322206-327937	Valgôde, Barata & Ca., Lda. ALFAIATES MODAS PARA HOMENS E SENHORAS P. Restauradores, 10	ADÃO-CAMISEIROS • ADÃO JUVENIL ABREM-LHE AS PORTAS AO BOM GOSTO!... 1972 — 1973
---	--	---



OS NOVOS BRINQUEDOS

O Vietname continua a ser um «tema» inesgotável... Aqui estão duas crianças (mas ainda há crianças naquela parte do mundo?) observando um morteiro, arma mortífera por excelência, irmã gémea de outras que talvez amanhã dêem motivo para outra fotografia destas crianças — mortas...

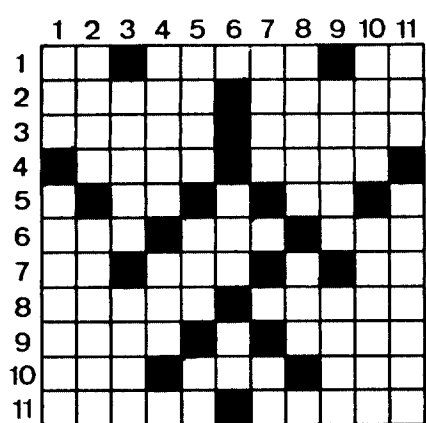
PEANUTS



Problemas Cruzados

HORIZONTAIS

- Actínio (sq). Aferção Artigo definido.
- Um dos pontos cardeais. Animal do grupo dos acarídeos, que inclui os causadores da sarna do homem e as carraças dos cães.
- Encerrar. Rebenta.
- Aversão. Queimo.
- Basta. O sono das crianças.
- Apelido. Espaço de doze meses. Espécie de formiga (Bras).
- Aqui. Acreditar. Preposição.
- Rezara. Algarismo sem valor absoluto.
- Arido. Triturar.
- Relativo ao tanismo. Patas. Cardeal italiano que publicou em 1822 fragmentos importantes da República de Cícero.
- Natural da Arábia. Nome de fruto seco.



VERTICAIS

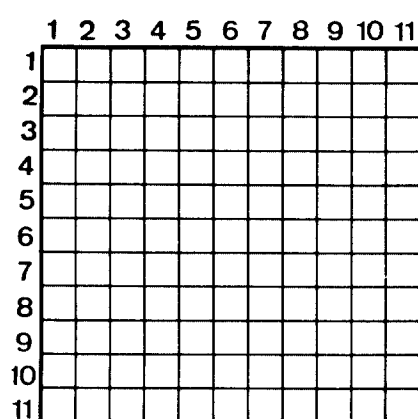
- Período de 365 dias. Apoia.
- Visco. Confrontar.
- Sobra. Recua.
- Carrega. Nome de jogo.
- Nome de fruto. Arara. Nome de letra.
- Liguei. Preposição.
- Fome. Sadia.
- Poente. Dá mios (inv.º).
- Quermou. Desejo (fig).
- Curva de abóbada. O fruto das searas.
- Ecoe. Enganaria (fig).

Resolva completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6374

HORIZONTAIS

- Preposição latina que designa movimento. Manuscrito. Quatrocentos em romano. Aqui.
- Descascou. Freguesia do concelho de Coimbra.
- Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Farripas. Nosso Senhor (abrev).
- Dissipar. O mesmo que coça (Bras).
- Cause amuo a. Língua vernácula indiana.
- Ilha do Pequeno Belt. O MESMO QUE AINDA.
- Cidade de Espanha.
- Antes de Cristo. Passaro do Brasil. Prata (sq).
- Pronome pessoal. Grande quantidade. Espádua.
- Uma das Grandes Antilhas. Conferir.
- Limpo metais. Gemera (Bras).



VERTICAIS:

- Grita. Astúcia.
- Situação embaraçosa de que não há saída senão por um de dois modos, ambos difíceis e penosos. Filtra.
- Artérias. Feche as asas para descer mais depressa.
- Picares. Pronome pessoal.
- Transpirei. Oveira (pop).
- Concelho do distrito de Cabo Delgado (Moçambique).
- Comer a ceia. Região balcânica montanhosa, ao longo do Adriático, que compreende a Istria, a Carínia e a Carníola.
- Arrume. Nota musical.
- espécie de esquilo lanoso. Capa sem mangas.
- Cidade da ilha de Creta. Grande afeição.
- Insulta com vaías. Já.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10217

HORIZONTAIS:

- Maca. Eno. Am.
- Risco. Agá.
- N. S. Soa. Acai.
- Doa. Alaga.
- Abra. Alim.
- Riam. Sal.
- Pe. Te. Adir.
- Quase. Age.
- Urta. Pia. Os.
- Ega. Gamas.
- Ra. Der. Liso.

VERTICAIS:

- MANDAR QUER.
- Sob. Purga.
- Cr. Arreara.
- Ais. Af. Sa.
- Som. Até. Ge.
- Ega. Ame. PAR
- No. Af. Gim.
- Alisa. Aal.
- Acamada. Si.
- Agag. Ligo.
- Maias. Resto.

PROVERBIO: Mandar quer par.

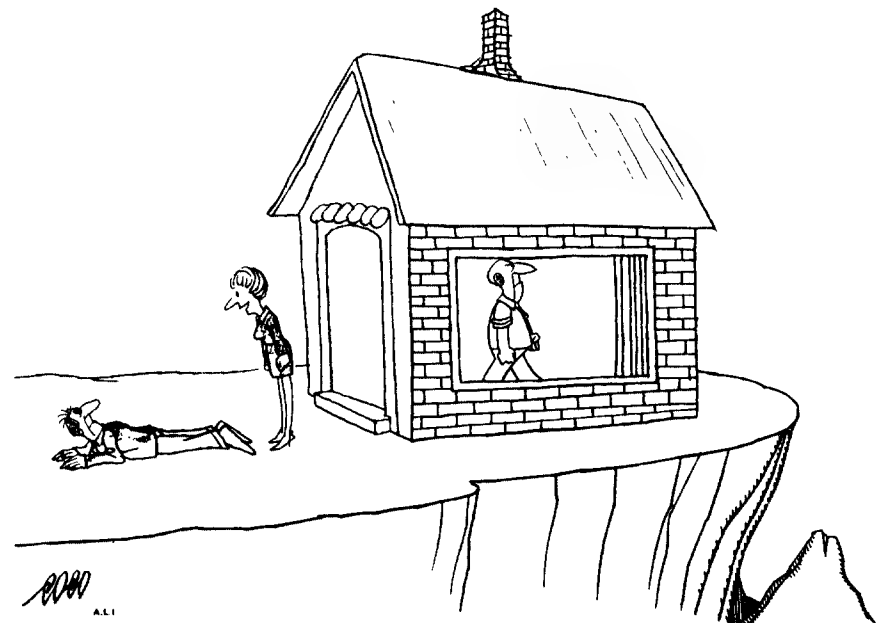
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6373

HORIZONTAIS:

- Salém. Avila.
- Ano. Mor.
- Mu. Arrás. CC.
- Ara. Ter. Aio.
- Rasparíamos.
- Ari. Nio.
- Xá. Óscar. Az.
- Eras. Orta.
- Lás. Pão. Ion.
- Riana. Beral.
- Ossos. Amame.

VERTICAIS:

- Gamar. Xeiro.
- Ura. Araís.
- La. Asa. Asas.
- Ena! Prós. Nó.
- Mortais. Pás.
- Rer. Cua.
- Amarina. Obá.
- Vós. Airó. Em.
- Ir. Amo. Rirá.
- Cio. Atoam.
- Arcos. Zante.



— Quantas vezes será preciso dizer-lhe que não gosto desta cor?...

NOVO SISTEMA EXIGE NOVO CHEFE

WASHINGTON — Os Estados Unidos vetaram a recondução de Pierre-Paul Schweitzer no cargo de administrador-director do Fundo Monetário Internacional para um terceiro período de cinco anos, com início em Setembro de 1973, segundo foi recentemente apurado pelo «Washington Post».

Nestas condições, é possível que Schweitzer anuncie em breve a sua demissão, após a recente reunião anual do F.M.I.

O desagrado dos Estados Unidos relativamente a Schweitzer foi transmitido directamente pelo Secretário do Tesouro, George P. Shultz, o qual

lhe disse que os Estados Unidos não apoiariam a sua recondução. A in-

Por
Hobart rowen

Exclusivo
«WASHINGTON
POST» «DL»

fluência americana no F.M.I. é suficientemente grande para tornar este apoio necessário.

Schweitzer, economista francês, chefia o F.M.I. desde 1963. No Outono passado, incorreu no desagrado do antigo Secre-

tário do Tesouro, John Connally, ao preconizar abertamente uma desvalorização do dólar como contribuição americana para o realinhamento das taxas de câmbio, que se tornou uma realidade em Dezembro.

Os responsáveis americanos declararam nessa altura que a atitude de Schweitzer enfraquecera a sua posição.

Schweitzer é também um dos que, ultimamente, têm preconizado com mais energia uma maior rapidez na modernização geral do sistema monetário internacional. Os funcionários do Tesouro são da opinião de que Schweitzer, na sua



Schweitzer, de cachimbo, conversa com McNamara. Por enquanto, ainda é o presidente do Fundo Monetário Internacional...

qualidade de funcionário público internacional, tem estado a apressar os Estados Unidos excedendo os limites da sua autoridade.

Tradicionalmente, o administrador-director do F.M.I. tem sido europeu, enquanto que o presidente do Banco Mundial — a outra instituição financeira internacional criada em Bretton Woods, New Hampshire, em 1944 — tem sido americano.

Simultaneamente, soube-se que Jeremy Morise, administrador do Banco de Inglaterra, preenche as condições necessárias para o lugar-chave de presidente do grupo de 20 delegados criado no seio do F.M.I. no fim do mês passado.

Aos delegados caberá a tarefa de conseguirem um acordo sobre a reforma monetária, tarefa essa susceptível de se prolongar por dois ou três ou mais anos. Morise é igualmente governador substituto do F.M.I. para o Reino Unido.

Os principais candidatos a sucessores de Schweitzer são Jelle Zijlstra, presidente do Nederlandsche Bank, e governador do F.M.I., e Rinaldo Ossola, do Banco de Itália. Fontes bem informadas admitem que Zijlstra leve presentemente certa vantagem.

Após o afastamento de Connally do Departamento do Tesouro, acreditou-se em certos círculos internacionais que os Estados Unidos não se oporiam a que Schweitzer continuasse no seu posto, especialmente numa altura em que se falava com mais insistência de reforma monetária.

Todavia, as tensões entre o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos e o F.M.I. não se atenuaram, agravando-se ainda recentemente em virtude de um relatório dos administradores, publicado em 6 de Setembro, sobre várias maneiras de se chegar à reforma monetária. Uma vez mais, parece que os Estados Unidos se sentiram alvo de pres-

sões por parte dos funcionários do F.M.I., os quais dependem de Schweitzer. Os Estados Unidos insistiram numa revisão considerável do relatório antes da sua publicação.

A posição oficial dos Estados Unidos é que não há qualquer urgência em se chegar a uma decisão quanto à substituição de Schweitzer, na medida em que o seu mandato só expira dentro de um ano.

Todavia, julga-se que, quando Shultz disse a Schweitzer que se podiam adiar novas discussões quanto ao seu sucessor até ao mês de Março ou Abril do próximo ano, este último teria dado a entender que a sua utilidade terminara, pelo que talvez fosse melhor anunciar a sua demissão pouco depois do encontro do F.M.I.

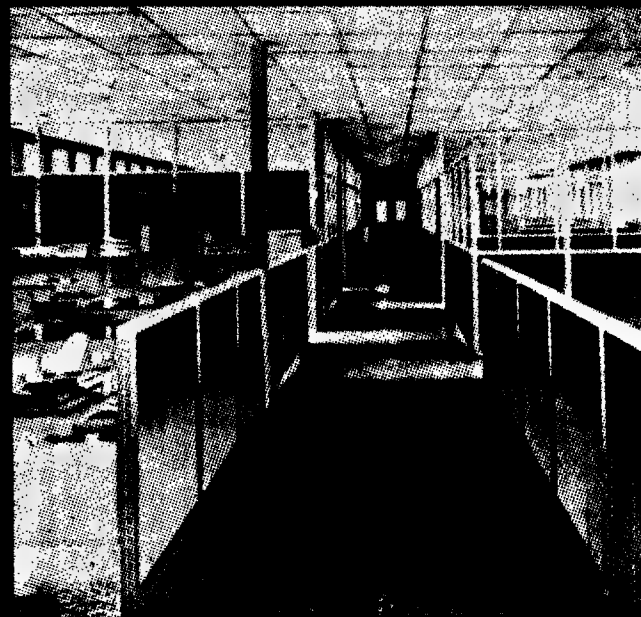
Técnicamente, o administrador-director é seleccionado pelos 20 administradores do F.M.I. Na realidade, como é natural, as principais potências têm de chegar a acordo entre si.

No seio do governo americano, os funcionários convencidos de que não havia qualquer utilidade em afastar Schweitzer foram aparentemente derrotados pelo Departamento do Tesouro.

«Se devemos ter um novo sistema internacional, podemos também nomear um novo chefe para o F.M.I.», teria declarado um funcionário do Tesouro. Consta que o Subsecretário para os assuntos monetários, Paul A. Volcker, e seu assistente, Jack F. Bennett, são decididamente anti-Schweitzer.

DIVISÓRIAS METÁLICAS

FOC



Para Bancos, Escritórios, Laboratórios, Hospitais, Colegios...
De alumínio extrudido anodizado, desmontáveis.
Painéis de vidro, madeira, termolaminado e fibrocimento.
SUPERAM TUDO O QUE EXISTE ATÉ AGORA!

FOC

FÁBRICA JERÓNIMO OSÓRIO DE CASTRO (MERO), LDA.

SERVIÇOS COMERCIAIS:

Rua D. Rodrigues, 177-A e C • Telef. 53 88 81/6 • Apartado 1412 — LISBOA
Rua de São João, 506 • Telef. 334 84/3 40 31 — PORTO

MATTA & C.^a

Casa Fundada em 1907

Fabricantes de Mobiliário em todos os Estilos
Estofos e Decorações

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 159-1.º ANDAR
Telefone 325777

COMUNICAM AOS ILM.º CLIENTES E AMIGOS QUE
A PARTIR DO DIA 7 DE OUTUBRO O SEU ESTABELECIMENTO ABRE AS 9 E ENCERRA AS 19 HORAS

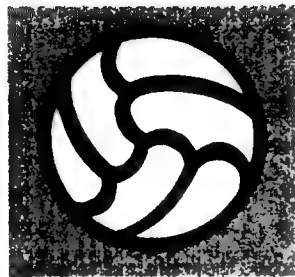
Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.
Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A — Tels.: 727201-728793-725196

Diário de Lisboa



BENFICA-SPORTING

"SHOW" DE EUSEBIO



Com a soberana naturalidade de quem sabe o que pretende da vida, Eusébio e seus pares deram um banho de bola no Sporting, colocando o Benfica em posição invicta, sem pares, sem sombras e, o que é melhor (para suas cores, entenda-se) com o belo «score» de 26-2, respeitante à melhor defesa, ao melhor ataque, ao melhor «tudo».

De facto, «carrasco» sem emoções, Eusébio da Silva Ferreira, o mais fabuloso futebolista de todas as gerações deste negócio português da bola aos pulos, fez quatro golos nas malhas do Sporting, encheu a Luz e, mais uma vez, atirou para as malvas as profecias de uns quantos doutores que, logo na infeliz tarde em que alinhrou preso, por arames contra a Bélgica, diagnosticaram o seu passamento. Eusébio, o maior, deu ontem nova resposta: como se ela fosse necessária, como se toda a gente do Mundo não soubesse que o mais perigoso rematador do futebol que fala língua portuguesa (estou a lembrar-me bem que Pelé está abdicando...) é, neste momento, o chutador-mor do reino e ainda para cúmulo, um «pobre» rapaz de 30 anos, «inválido» para a maioria das profissões, até porque (coitado) tem um joelho direito que não vale nada: só que ontem assinou, com o tal joelho inapto, um terceiro golo que fica na história do futebol europeu... Vão lá entender-se os profetas!

PORQUE PERDEU O SPORTING?

Claro, exacto: porque o Benfica é, em noventa por cento dos casos, um «team» de força superior que, ainda por cima, tem a sorte do adversário (últimamente) se apresentar sempre depauperado ante o seu «onze». Uma vez foi Fernando Vaz que inventou um grupo de nove «backs»: apanhou cinco e valeu a tarde mais esplendorosa da vida de Damas para salvar um nadinha do rabo na fuga. Depois, com a força da sua energia e do seu tremendo entusiasmo, também Mário Lino não ousou vergar as águia-zinhas: nos pés de Yazalde e de Nando estiveram os golpes fatais, mas Manaca (pobre dele) anulou tudo quanto a trave repeliu.

Daí que se tenha chegado ao desiderato de ontem: Benfica, «team» de grandes vedetas, de nomes esplendorosos, à espera de um grupo apenas entusiasta, com a famosa asa esquerda da «Taça Independência» desfeita em dois rasgões, sem extremos que nome tenham, com uma defesa de segunda apanha, com uma linha média complicada e, depois, com os predilectos de Ronnie Allen a funcionarem de equipamento vestido: Manaca, Márinho e Nelson (quem os viu?) integrados, de fio a pavio, em desconforme bloco verde que, com a maior das naturalidades (e, também, um brio e uma coragem insuplantáveis) fizeram o que podiam perante o avassalador cilindro rubro.

Antes que me esqueça: os senhores viram um sujeito que arbitrou a jogatana e dá pelo nome de Lobo? Francisco Lobo, esse mesmo. Pois, salvo um ou outro minuto, em que teve por si a sorte dos deuses, o sujeito de Setúbal conseguiu cumprir aquela coisa simples e bonita que foi o jogo da Luz. Inventou «penalties», discutiu com os jogadores, admitiu discussões, replicou com gestos pouco brandos aos diachotes que vinham de um dos bancos e, não seguro de si, nada compenetrado do papel, desatou a errar, a torto e direito, sem se dignar (sequer) parar um bocadinho para meter água. Realmente, só é lobo quem lhe veste a pele: mas, de preto, foi o primeiro que 70 mil pessoas tiveram pelas barbas.

LARANJEIRA, ELE

O Sporting entrou a adormecer os contrários: bola recebida era bola entontecida. Laranjeira empurra Nené na área das 18 jardas e o árbitro sorriu, apenas. Humberto Coelho prende os pés de Yazalde, na

zona perigosa, e Lobo virou costas. Ótimo, sabemos a lei em que vivemos (devem ter pensado os jogadores). O essencial (conhecimento de pista) estava feito.

Desenha-se o perfil da partida: Manaca quer, nos seus bons propósitos, acorrentar Simões: nunca o conseguiria. Toni, fluente e líquido, descala sobre os flancos e era um ver se te avias: porque Wagner, preocupado com as achegas ao inexperiente e timorato Carlos Pereira, nem atacava, nem defendia e, o que era ainda pior, não mostrava força nas canetas para estar a meio do terreno, em zona de bloqueio, travando (por exemplo) as perigosas incursões de um jogador adulto (Jaime Graça) que fez do terreno a seu cargo o vladuto para a entrada na frente de pontaria.

Laranjeira, o único defesa a sério que equipou de verde, estava onde podia: ora provocando livres por faltas em Eusébio, ora acudindo à gritaria do seu treinador (Ronnie Allen) para insuflar entusiasmo e confiança nos companheiros. Mas, coitado do excelente jogador, uma andorinha não faz a Primavera: e, sem Hilário, sem Alinhado, sem o compadrio de José Carlos, sem uma ambientação clara e certa dos jovens Carlos Pereira e Bastos, com Pedro Gomes totalmente desfazado e sem corrida, que poderia o Sporting fazer em sua defesa?

Isso, mesmo: o que sucedeu. Depois (não esqueçamos) há que referir como Damas deve ter entrado no rectângulo, apontado a dedo pelos fanáticos que foram na conversa de Ronnie Allen após o massacre de Edimburgo, na sequência daquelas outras com que o presidente do Sporting tem mimosado os seus mais representativos jogadores e tem assistido (impávido e sereno) às descon-siderações feitas ao prestígio do símbolo sportinguista que é o excelente massagista Manuel Marques. Ronnie Allen, longe de catapultar a equipa do clube que lhe paga para uma situação psicológica pelo menos idêntica à que Mário Lino sempre inoculou na «sua rapaziada», entrou de derrubar os seus alicerces: não poderemos ser nós, aqui do lado de fora, que iremos contestar se estará (ou não) dentro de qualquer razão. Se tem, ou não, motivos para proceder assim: mas, também, se estará dentro de qualquer sentido justiciero ao afastar, de um simples golpe, Hilário (que teve lugar numa selecção europeia e não serviu para enfrentar um Nené a cinquenta por cento), José Carlos (que vale ouro em termos de experiência), Tomé (que até servia para meter golos quan-

BENFICA: dinheiro em caixa



Eusébio passa por Carlos Pereira como gaio por pedrinha da estrada

do alinhava de verde ao alto, no Vitória setubalense). Allen é que deve saber porque lhe interessa perder dinheiro, se fez algum pacto com o diabo e o pretende cumprir. Se quer (afinal de contas e em portu-

no mas não fica a marcar a superioridade da defesa verde no confronto mais directo. A verdade é que todo o bloco de retaguarda dos «leões» estava a viver, assim, de arrancos e proezas: especialmente por

Nené, esteve (também ele) a um passo do descontrolo maior. E, sempre, pelo tempo fora, numa luta de cristas que (se perguntar a Hilário) só prejudicam quem defende as costas.

Adiante. Nené, numa dessas tais escapadas, dá um pulo e aparece à frente de Damas: o guarda-redes atira-se pelo chão fora e a bola bate-lhe nas pernas. Wagner, de mãos nas ilhargas, estava parado, lá na extrema: ele que nunca foi um «ponta». Márinho combinava (ainda) com Manaca, quem deveria ir à «dobra». E tudo foi tão rápido e tão fulgurante, mesmo feito por um Nené que jogou a passo, que logo se viu até onde poderia competir um Sporting sem retaguarda nem castelo murado.

Manaca é, aliás, um bom destruidor de jogo adversário: se apanhar a bola, claro. Quando a intercepta, é rápido e despachá-la, honra se lhe faça: mas não pode, de jeito nenhum, segurá-la e dá-la depois em condições jogáveis. Atira-a para longe como calha, para onde está virado: e, como Fraguito foi inexistente em todo o primeiro tempo, como Wagner andou perdidíssimo no terreno em flutuações (estilo Simões)

Por NEVES DE SOUSA

guês puro) reeditar a carreira que o marcou quando esteve ao serviço do Atlético de Bilbao onde nenhum jogador, nem mesmo os seus protegidos de então querem recordar as suas proezas ditatoriais. Só que desta vez, ainda estará para se descobrir, nesse negócio de prepotências, quem triunfará dentro do Sporting de 1972.

Passemos adiante. Toni a dar baldeações ao convés, Simões a deslizar por Manaca como faca cortando manteiga. E, à guarda das balizas do Sporting, um Damas cheio de medo, arrepiado, temeroso e a morder os lábios: «será que vou dar um frango, será que vou deixar a bola passar debaixo das minhas pernas, será que as coisas vão mudar a meu favor?»

Isolado, sem ninguém pela frente, Eusébio fica sem bola: o desarme de Bastos é oportu-

banda de Laranjeira que é, de alto a baixo, o grande nome do Sporting a merecer medalha de ouro após o prélio da Luz.

NENÉ E EUSÉBIO: OS POLOS

Nené, realmente em baixa de forma, poderia ter sido o corredor para entrar na vinha do Benfica: porém, quem o tentava? Evidentemente: ninguém. E Nené, mesmo apupado por um bloco de simpatizantes da «águia» que querem golos (e só golos) a todo o transe, procurava entrar pelo centro do terreno, numa derradeira tentativa de fuga à marcação do implacável Carlos Pereira que, pela primeira vez, metido nestas andanças de cotejos maiores, enveredou no campo de despique preparado: provocando o «cartão amarelo» para

para as quais não tem capacidade (sobretudo de coração, de pulmões e de pernas) o Sporting também não tinha linha média que conseguisse, naqueles primeiros 45 minutos do calendário, esgrimir com o Benfica no miolo do relvado. Daí que o cotejo tenha, da imediato, beneficiado um Toni esplendoroso de força, um simões que não anda ali por ver andar os carros eléctricos, um Jaime Graça que dobrava Malta da Silva e Nené para se tornar, a breve trecho, o mandatário sublime da progressão rubra pela asa destra.

À frente (já falámos de Nené, em luta com uma deficientíssima condição física e com os brados da multidão aos apelos por Artur Jorge) estavam, de camisola e nome, Jordão e Eusébio, delfim e rei. Se o jovem angolano se perdia em conjecturas sobre o custo de vida ou, simplesmente, sobre o modo mais aconselhável de passar Pedro Gomes sem o deixar triste e aborrecido, Eusébio nem pena tinha de vergar, uma a uma todas as barreiras opo-nentes. E foi belo de ver, belo e inesquecível, inesquecível e





apoteótico (para glória do futebol, tantas vezes anesclariados) foi sublime de presenciar como Eusébio dava um «show» de bola, não apenas culminando com os dois portentosos tentos da primeira parte ou os dois chutos magníficos e derrotadores da segunda metade da melancia mas, e sobretudo, pelo modo como sua magestade o gigante, com nome feito e sem necessidade (já), corria como um garoto em busca da bola para mostrar que sabe jogar, que sabe fintar, que sabe fintar, que sabe ser (em relevos de qualquer lado do Mundo) o homem que mais perigo transporta para todas as barreiras que lhe colocam pela frente. Se ontem a defesa adversa não valia um pataco, a culpa não lhe pertenceu: mas a intenção dele lá estava. Eusébio, ídolo-mor de milhões, nós lhe tiramos o chapéu: esta a melhor vassalagem ao profissional que vimos no Brasil jogar com um buraco de estarrecer numa canela ensanguentada, que vimos na Holanda e em Inglaterra, em França e na Espanha, na Itália e nas Américas, por todo esse Mundo de Cristo, provar (a gregos, troianos e até a apátridas) que é, simples e puramente, o maior e mais excelente embaixador do nome de Portugal para a boca dos Povos.

QUAL A META?

Como íamos contando, Vagner andava por ali, de número 11 pregado nas costas. A defesa do Benfica, colocada em linha, poderia ter sido facilmente batida pela lei do fora de jogo: só que, de cada vez que dava efeito, era ao contrário. E incriminado ficava, fatalmente, Nelson: pequeno e buliçoso, cheio de entusiasmo, mas na verdade, incapaz de levar de vencida a sua carência de condições para figurar na fila cimeira do «plantel» verde-branco. Depois, também Yazalde não conseguia mais que dar uma corridinha, ensaiar umas fitas que não resultavam, apelar para o céu e esperar assim: de meias em baixo e mãos nas ancas, como um insolente cow-boy que não divertia a sua plateia e apenas fazia convite ao sorriso da claqué que não estava pelo seu emblema. Por último, neste Sporting rachado em pedaços (mas sempre muito animoso e alegre, sempre muito brioso e coriáceo) ainda restou o posto que Ronnie Allen atribuiu a Márinho: que, como se viu, mesmo sem oposição directa e franca, não dá

sustos nem a um passarinho. Com este ataque, que queria o Sporting conquistar?

E vêm os tais dois golos que vão fazer correr tinta durante toda a semana. No primeiro (que até foi motivo para desmaios e ataques epiléticos) Damas saiu, Eusébio vinha já pertinho, o moçambicano dá uma cabeçadinha de bola para o solo, Damas está batido, Eusébio contorna o obstáculo e, com o espantoso domínio de si próprio que é apanágio de um predestinado, limita-se depois a arremessar a bolinha para a rede. Um prodígio a pedir paleta de mestre.

Mais uma lasquinha e segundo tento. Néné, corrida a passo (desculpe-se o paradoxo) entregou para a frente Bastos, pela quarta ou quinta vez, deixou o comboio partir: e Eusébio (magnífico) atira junto ao poste direito de Damas, ergue os punhos para o céu e fica ali, recortado na luz amarela da tarde fabulosa, a agradecer tal dívida de um Sporting estarrecido e enfeudado.

Até ao final da metade inicial, pouco mais a dizer. Nelson a saltar sempre a destempe: pulava antes da bola vir e quando ela chegava (e a defesa a repelia) estava o bom do madeirense na fase da aterragem. Eusébio ia dando seu banho na jovem-guarda de Allen. Damas ia detendo o que podia: e a mais não era obrigado. Graça tornava-se, real e precisamente, o catapultador de jogo que (com a sua «delicadeza») combinava optimamente com o poderio físico do opulento Toni e com a «cabeceira» de mestre Simões. O Benfica (numa síntese) era dono e senhor do terreno, fazia o jogo que lhe apetecia e não se preocupava, sequer, com as diábruras de Fraguito ou as «gambetas» de Yazalde: porque sabia que lá atrás tinha uma defesa excelente, de não-principiantes, de «internacionais» de mão-cheia. Enquanto isso, Eusébio (rei ao sol) recebia o tributo à sua classe: e o Eusébio da Luz rugia de entusiasmo de cada vez que o Benfica arremetia como um galgo.

DEPOIS, IGUAL

Segunda face: a mesma moeda. Damas aparece de «capitão» por carência física (certamente) de um Pedro Gomes esgotado até de saliva. Chico entra no bloco: tarde de mais, como toda a gente deve perceber. Mas, logicamente, até marcado pela estranha ausência a que é votado pelo seu treinador inglês, Chico começou a dar nova vida ao ataque verde. Manaca, a defesa lateral direi-

to, era o credo na boca de todos os sportinguistas. Só Chico era a esperança. Chico e Dinis: que estava (ainda) no banco.

Mas Dinis não vinha, o Sporting continuava como Allen o pretende, nos seus esquemas ou em sonhos utópicos. Um «onze» de futebol que, por vontade própria, enjeita a possibilidade de jogar com extremos: e, sabido como eles hoje se inscrevem no espectáculo desse moderno tipo de «show», veja-se como é difícil de entender o pensamento do inglês que veio das Espanhas com fama de «querer, poder e mandar».

Fraguito, excelente técnico, nunca tinha visto tanta gente junta: só recuperou do susto lá para as quinhentas. E, bem fez em tentar meter a bola à frente de Yazalde: só se esqueceu que, na defesa do Benfica estão três senhores que se chamam Malta da Silva, Humberto Coelho e Messias, acolitados por um generoso Adolfo e, quando era caso disso, ainda de qualquer «estrela» sorteada entre Simões, Toni ou Graça...

Por isso, porque o meio-campo não funcionava, o Sporting permanecia presa fácil de um Benfica que estava nas tintas para o facto dos verdes quererem, à força, que Chico só alinhe um bocadinho (e à extrema-esquerda), que Manaca jogue o tempo todo, que Nelson e Márinho não tenham (ao menos para satisfação de outros pensantes) dado uma «chance» ao extremo canhoto Dinis e ao possante Tomé que sabe chutar e entregar, pensar e agir. Mas, cada pessoa tem as suas ideias: e ninguém pode (do lado de fora) atirar com as culpas só para Ronnie Allen. No fim de contas, ele não é empregado de um clube que até tem dirigentes profissionais?

DINIS, TARDE E EM MÁ HORA

Aí estamos no meio da segunda parte. O Sporting a aguentar-se de modo inaudito. O Benfica a deixar passar o tempo. Eusébio (felino na toca) à espreita de saciar a multidão.

Defesa parada, Damas a barafustar com Bastos, Carlos Pereira e Néné a trocarem mimos, o público de olho no relógio. Juíz Lobo continua a deixar passar foras-de-jogo, o exagerar nas atitudes a contemporizar com as faltas que mereciam grandes castigos e a silenciar, sem peso nem medida, por outras coisas menores. Setenta mil a vibrarem: e o jogo, bonito, rendilhado, capitoso, a mos-



Fraguito, Toni, Carlos Pereira e Néné: adivinhem quem ganhou...

trar como conquista facilmente o alheamento de multidões de outros problemas maiores.

Laranjeira (ele, ele, ele) portento de atenção, a querer fazer tudo: mas esse «pirata» Toni a atirar para os pés de Jordão e de Eusébio o que deveria, para abono do sportinguista, chegar pelo ar. Por fim, Allen lá se comoveu: Dinis entrou no relvado. Messias aleijou-se: Rui Rodrigues ergue-se do banco e explode a maior ovação da tarde no Estádio da Luz. «Aí temos um dos homens» — proclamam os sportinguistas, ainda esperançados no santinho protector. «Aí temos um dos homens» — desabafam os benfiquistas que andam há que tempos à espera do milagre de verem, no mesmo jogo, pelo menos treze dos seus futebolistas de elite. Só que aconteceu o inesperado: Dinis, entrando furibundo, zangado com o ostracismo a que tem sido votado, pouco fez e logo teve a desdita de chamar ao árbitro o que não se diz para nenhum filho. E, como Hamilton Marques da Pena bem borrifou com éter a perna «tocada» de Messias, aí temos de

novo Rui Rodrigues a sentar-se entre os suplentes, depois de vestir o fatinho de treino e recolher à algebrilha em que Jimmy Hagan guarda os seus outros homens válidos, talvez à espera de mais duras batalhas que as que o Sporting teima em opor-lhe.

Francisco Lobo lá vai arrastando a sua momentânea falta de bom julgamento: deixa passar em claro um pontapé de Laranjeira a Adolfo na grande área, limita-se a barafustar para o banco do Sporting quando dois dos suplentes lhe dizem «umas coisas», faz vista grossa à falta de Bastos sobre Eusébio a dois palmos da linha fatal. E, como o Sporting, sacudido um pouco a pressão do adversário, lá vai tentando, o público não perdoa lapsos desses.

LOBO DE NEGRO, EUSÉBIO DE BRANCO

Vem, logo a seguir, a baraca do «penalty» que é livre indirecto, do livre-indirecto que é só «penalty», de todo aquele imbróglio do setubalense que, por sereno julgamento de Deus, culminou no golo sportinguista apontado por Yazalde. Só visto: um espectáculo de incapacidade, de nervos, de tremedismo para a sensibilidade dos apaixonados. O árbitro a apontar para a bolinha. A bolinha poisada para a grande penalidade. Toda a gente conformada e certa de que a falta sobre o argentino era mesmo para o castigo máximo. Pois o amigo Lobo, sem saber o que fazer à vida e com medo de não arranjar um bode expiatório para a torcida benfiquista, foi ter com o fiscal do lado do terceiro anel e balbuciou meia dúzia de coisas: sem esperar pela resposta ei-lo que desorvara a caminho do risco. «Suspense»: será? não será? Foi: foi livre-indirecto. Só que o Criador, de uma vez ao menos, resolveu emendar tanta asneira e concedeu golo ao Sporting.

O que foram fazer a Eusébio! Começou logo a pedir a bola a José Henrique ainda Dinis estava a encaminhar-se para a linha lateral apoiado em «capitão» Damas. Mas, ela sempre lhe foi ter aos pés: e logo ali a medida perfeita da

sua potencialidade de futebolística ficou firme, no modo como se esgueirou para a direita, como flectiu para o centro, como deu a bola para Graça «soltar» até Jordão e este atirar um tiro de fuzilamento. Damas, (grande, enorme jogador) foi buscá-la, lá ao cimo, quando ela já fugia das suas mãos: e Eusébio, desportista primoroso, foi o único a ir junto do adversário animá-lo e aplaudi-lo. Sintomático...

A época do Sporting: José Henrique chamado a provar que não foi impunemente, nem apenas por ser do Benfica, que chegou à selecção. Duas, três defesas de antologia: e Zé Gato, como se o seu «team» tivesse necessidade disso, também a empolgar o Benfica e a dourear o espectáculo.

Mas, não estava a história feita. Eusébio saca a bola a Bastos, escapa-se ao seu pontapéar na atmosfera, contorna Carlos Pereira, alija Manaca da corrida e finta desconcertantemente Laranjeira: o terceiro tento do seu pé-canhão fica na minha memória como dos mais belos momentos de futebol de três décadas.

Não satisfeitos, os «maraus» do Benfica, ainda queriam mais. Jordão atira à trave, na resposta a um embate de Yazalde no poste direito de Henrique. Uma falta sobre Néné vale um chuto de Simões que sai a beijar a moldura. E, logo de seguida, ao cair da folha, o fenómeno Eusébio a fechar a loja com chave sem preço: em samba lento, desvia para a direita Damas e mete no canto esquerdo o pontapé da grande penalidade que castigava mais uma falta da defesa verde sobre Néné. Era o quarto-um, o fim da festa, o adeus à metralha.

Sporting, picado nos fígados, lutou com as armas que o comandante lhe entregou. Benfica, herói de todas as batalhas, era «leader» sem oposições. Francisco Lobo vinha para a cabina pior que uma barata.

E o público, e o cronista, e todos quantos tinham tido olhos na cara, saíram satisfeitos da Luz: uma vez ao menos, e logo quando fora preciso, «aquela máquina» funcionara. Eusébio, motor e génio, deralhe a força e o colorido de um talento sem paralelo.



Malta da Silva, Eusébio, Nelson, Néné, Dinis, o árbitro, Márinho, etc. etc. etc.







“Elogios” de Pedro Gomes ao árbitro Lobo

Nos anos que levamos de reportagens pelos campos de futebol, jamais nos foi dado ouvir, e com tamanha convicção, um rosário de «elogios» às «virtudes» e «glórias» de um árbitro de futebol, como o que Pedro Gomes enviou a Francisco Lobo. Para se avaliar até que ponto chegaram os ânimos dos «leões» e até que ponto os chocou e desmoralizou a derrota e as causas que a originaram (na sua opinião bem, entendido), atente-se no que segue, dito por Pedro Gomes:

— Mas, não há ninguém que veja isto, não há dirigentes que tenham mão em indivíduos destes? Não quero dizer que o Benfica tenha culpa do sucedido: só que acabou por receber os frutos da linda actuação do árbitro, provando mais uma vez que enquanto existem tais indivíduos, contra o Benfica e no estádio da Luz não há hipóteses. É necessário chamar a atenção para o facto de que, no futebol, há enormes interesses envolvidos. Um Benfica-Sporting (por exemplo) movimenta milhares de contos, e só pode ser visto a um nível profissional. Pois, mandam-nos para cá um incompetente, um amador para dirigir quem faz do futebol a sua vida e a sua profissão. Mas, se ainda fosse um amador honesto e consciente... Nada disso! O árbitro fez autêntica figura de palhaço ao transformar um lance de «penalty», sem dúvidas para ninguém, num livre indirecto, só porque pensou que podíamos ainda recuperar. Depois, expulsa um jogador, que é um profissional sério e uma jóia de moço, mas que também sabe as regras do jogo e sabe que um derrube e apertão na grande-área é falta para grande penalidade. Vai longe o tempo em que os indivíduos como o senhor Lobo pensavam ensinar as regras aos jogadores. Hoje, os profissionais sabem bem da sua vida e não precisam que um amador lhes venha roubar o pão. Pois, quem vai agora responsabilizar-se pelos prémios de jogos que o Dinis vai perder? O senhor árbitro? Se ninguém se responsabiliza a quem é que o Dinis vai pedir contas do «roubo»? Foi tudo uma farsa, a partir do momento em que o árbitro viu o Benfica em perigo e resolveu arrumar as coisas de modo a não estragar a vida aos da casa.

Na conclusão, o «capitão» do Sporting resume, perfeitamente, o tom e a intenção do recado para o árbitro:

— Os meus parabéns ao senhor Lobo, que se pode dedicar à pesca mas não pode mais entrar num campo de futebol para arbitrar um Benfica-Sporting.



**PERES E ARTUR JORGE:
DE QUE ESTARÃO A FALAR?**

Verso e reverso de treinador RONNIE ALLEN

A esta hora, certamente haverá já quem tenha pedido a cabeça de Allen, culpando-o pelos desastres da sua equipa, nos dois encontros mais importantes que este ano lhe coube disputar: na Luz e em Edimburgo. Nem aplaudimos isso nem criticamos. Apontamos apenas dois factos passados na Luz e que servem de positivo e negativo de um técnico, de verso e reverso de Allen.

O início da segunda parte. Allen senta-se calmamente no seu banco, mas já a confessar-se culpado perante setenta mil. Como? Mandando avançar Chico e dando ordem, passados cinco minutos, para Dinis aquecer. Ora se nessa altura os dois já podiam entrar (e acrescentamos que a

não entrarem seria «o fim») porque não começaram o jogo? Será que era para dar vantagem e permitir-se ao luxo de oferecer dois golos e só depois agir?

Foi evidente a impotência de Marinho e Nelson para jogarem ao lado de Yazalde. Tem sido manifesta a insuficiência desde ataque leonino para praticar um futebol positivo e visando o golo. Então, porque se espera, para meter as suas culpas mais influentes, quando já não há vento que tire a nau do charco?

Este, o verso da actuação de Allen no banco dos «leões». Mas, há também um reverso a seu favor e que vai incidir (exactamente) sobre



os dois lances capitais do jogo, os dois primeiros golos de Eusébio.

Repararam como Eusébio apareceu isolado atrás da defesa do Sporting, correndo para um lançamento que se adivinhava e que só os centrais do Sporting não viam? Repararam como as marcações a Eusébio jamais jogaram certo no plano individual? Pois as culpas seriam, «à priori» para o técnico que preferiu marcar «à zona» no ataque e só utilizar o «homem a homem» no meio campo (Manaca a Simões, Fraguito a Toni e Wagner a Jaime Graça). Simplesmente, parece significativo o desentendimento entre Bastos e Damas, sobretudo a partir do momento

em que Damas recebeu a braçadeira do «capitão». Bastas vezes o guarda-redes discutiu com Bastos: com frequência, e depois de o perigo passar, Damas veio à entrada da área pôr as mãos no ombro do seu colega e dizer-lhe por gestos para marcar em cima.

Queria Damas («capitão» da equipa a partir do intervalo) explicar que Bastos não estava a cumprir as ordens do técnico com as consequências que estão à vista?

Cremos bem que sim e, nesse caso, se houve erro na planificação (de Allen) houve erro na execução. Aqui, de Bastos, mas não só, em muitas outras fases

ALLEN: "O árbitro não sabe as regras"

Na antecâmara da cabine do Sporting, respirava-se o mesmo ar de desnoite que varrerá a equipa durante largos períodos do jogo. Todos acusando todos, especialmente o «capitão» (Pedro Gomes), desafiando um perfeito rosário de «elogios» ao setubalense senhor Lobo e o vice-presidente dr. Pereira da Silva, gritando para quem o queria ouvir que assim não pode ser e que é impossível a competição leal.

Claro que o técnico Allen também ajudava à missa, certamente lembrando que o mesmo Lobo lhe havia recomendado silêncio no banco sob pena de o mandar ver o resto do jogo sentado na bancada, longe das quatro linhas onde os seus pupilos saboreavam até à última gota o amargo de defrontar Eusébio.

A palavra para Allen:

Se o árbitro não expulsa o Dinis, acabamos por ganhar ou empatar o jogo. O Benfica estava nas covas; e, com o golo do 2-1, ninguém segurava os meus «chicos». Podem fazer o que lhes apetecer, podem castigar quem quiserem, mas não se pode calar a verdade. Ainda que algumas pessoas, no futebol português, não queiram ouvir verdades, elas são para dizer e é importante que se saiba que, assim, é perfeitamente impossível

ganhar ao Benfica na Luz. De-frontar os campeões portugueses já é difícil, mas com um árbitro a jogar descaradamente por eles e a expulsar os nossos jogadores mais influentes é impossível. Já no primeiro golo do Sporting ele nos «roubou»: antes do centro tinha havido duas faltas seguidas sobre o Marinho.

Noutro tom, mais moralista: — O futebol português, para se impor na Europa não precisa só de uma equipa mas de mais. Mas este árbitro lá entende que só o Benfica é que tem direito à vida e vai de se mostrar casel-ro. Se é que querem tudo para o Benfica, então mandem-no para uma divisão onde não tenha de lutar nestas desiguais circunstâncias com equipas e rapazes honestos e profissionais.

«Mister»: o Sporting não jogou abaixo das suas possibilidades?

O Sporting jogou muito bem nos primeiros vinte minutos mas à medida que os erros do árbitro iam crescendo, os jogadores acusaram os efeitos e enervaram-se. No segundo tempo, reagimos e fomos ao empate, se não fosse a arbitragem deste senhor que não sabe as regras. Viu o «penalty» sobre o Yazalde? Onde é que já se viu transformar aquela falta em livre? Só mesmo de quem não sabia ou tinha medo!

Descontracção benfiquista

Para os benfiquistas que estiveram dentro do campo, esta clara vitória sobre os velhos rivais, não despertou alegrias desmedidas nem entusiasmou por aí além. A descontracção era corrente, como se patenteia nas palavras de Simões, para uma bateria de jornalistas, repórteres radiofónicos e vários curiosos:

Gostei muito do jogo, e só não digo que os 4-1 foram justos porque tanto podíamos ganhar por mais como marcar menos um golo ou dois. As duas equipas respeitaram-se mutuamente, lutaram até ao fim e, quando assim é, tudo acaba em bem, ainda que um erro ou outro tenham manchado o espectáculo. Se falo em erro, não fujo às responsabilidades e digo mesmo erros do árbitro. Só que esses erros tanto foram a nosso favor como contra. Admito que a falta sobre Yazalde tenha sido suficiente para «penalty», mas também garanto que já antes, na área do Sporting, Eusébio fora impedido de chegar à bola, por uma obstrução em falta, de Bastos, que merecia castigo máximo.

Sobre a expulsão de Dinis, Simões não se quis pronunciar. Primeiro porque (garantiu) não vira nada, nem ouvira, nem sabia o que se passou. Em segundo lugar porque lhe competia defender os interesses da sua equipa e não os do adversário... Certo.

HAGAN DE PERNA CRUZADA

Não sei se recordam, mas foi a meio do segundo tempo: parte do público da bancada dos sócios começou a gritar por Artur Jorge. Não durou muito, mas durou o tempo suficiente para se ouvir em todo o estádio. E o que há muito se sussurra (quando se não diz em voz alta) voltou a estar na ordem do dia: não há quem possa com o sr. Hagan... São os jogadores, são os dirigentes (não perguntem como é isso possível...), são os jornalistas que já têm cansaço ao falar dos erros sucessivos de Hagan, são os sócios do popular Benfica.

No entanto, ontem, uma vez, a sorte de sr. Hagan voltou a passear à vontade no Estádio da Luz. No banco dos suplentes (entre outros) estavam Rui Rodrigues e Artur Jorge. Não vamos voltar a falar das possíveis histórias que estão na origem disso. Não vale a pena. Neste momento, o importante, parece-me, é analisar o comportamento do técnico britânico do Benfica.

O Sporting entrou a jogar melhor que os «encarnados» e só a partir do 1.º golo, excelentemente conseguido por esse sensacional Eusébio, é que os leões começaram a decair. E, aqui, começou a sorte para o treinador inglês, que impávido, levantado de quando em vez o braço, assistia ao desenrolar dos acontecimentos. A sorte dava pelo nome de Eusébio: outro golo passado pouco tempo, ainda que em fora de jogo, matava as aspirações dos adversários.

Já na segunda parte, foi o que se viu: ninguém conseguia marcar um golo e o futebol do Benfica que colectivamente, nunca existiu deixou de contar com os raios individuais das suas «estrelas». E foi o Sporting a conseguir reduzir a vantagem num lance de «penalty» que o árbitro resolveu transformar em livre indirecto. Espectáculo dentro do espectáculo, Hagan mostrava-se satisfeito e nada fazia

para contrariar o que começava a ficar feio.

Enquanto Ronnie Allen fazia as substituições que a lei lhe consente, procurando alterar o que lhe parecia estar errado claro que não compreendo porque razão Dinis e Chico entraram só depois do jogo ter começado... Hagan não mexeu uma palha, perdão, um jogador, para tentar melhorar o que estava mal. Ou melhor: mandou Rui Rodrigues aquecer, na intenção evidente de o mandar entrar.

Porém, o insólito aconteceu: o público mal viu o ídolo levantar-se do banco para fazer os tradicionais exercícios de aquecimento, rebentou em aplausos, demonstrando de um modo insólito a sua opinião quanto ao seu afastamento. Então, o que sucedeu? Só isto: o juiz de linha levantou a bandeira na primeira interrupção do jogo, o árbitro aproximou-se para ver do que se tratava, e, quando Rui Rodrigues se preparava para entrar, mr. Hagan, fleumático como convinha, mandou o atleta aquecido sentar-se novamente. Árbitro e juiz de linha ficaram a olhar um para o outro, enquanto o público, espantado, assistia a tudo com olhos incredulos. Hagan teria ficado aborrecido com os aplausos do público?

Mas, aí a sorte-Eusébio voltou a jogar pelo preparador físico inglês: depois de Jordão já ter falhado há muito um golo de caras e ter continuado a exibir-se sem chama e sem brilho, o melhor jogador do futebol português arrancou um golo portentoso que levantou os milhares de benfiquistas presentes, loucos de alegria enquanto gritavam com delírio e acenavam com as bandeiras vermelhas. Hagan bateu palmas a este golo: e fez bem, porque para além de garantir a vitória, dava a certeza que a sua incapacidade táctica iria passar mais uma vez para segundo plano, pelo menos enquanto durasse a euforia dos benfiquistas, cuja próxima sema-

na vai ser gasta a relembrar com gozo os quatro de Eusébio na baliza do descrente Damas.

E, assim, vai continuando Hagan no Benfica: sem a simpatia de ninguém, de uma contragredora incapacidade táctica quando sentado no banco dos chamados responsáveis, ele vai tendo uma sorte danada que vai adiando o que se antevê como inevitável. Não é por maldade, mas a verdade é que ontem lembrei-me com insistência do que se tinha passado aqui há tempos com o Feyenoord, quando a escassa minutos do fim, o Benfica ganhava apenas por dois-a-um (precisava de mais um golo para passar à eliminatória seguinte) e os holandeses cresciam a olhos vistos. O público pedia substituições, pois era evidente o cansaço de alguns elementos «encarnados» — mas o técnico louro, perna cruzada e o credo na boca, nada fazia, excepto enervar quem o via. E a sorte, nessa noite como na tarde de ontem, bateu-lhe à porta: o Benfica acabou por ganhar por 5-1, com três golos-relâmpago que ninguém sabe como apareceram. E, contra o Sporting a marca também não subiu aos cinco só porque não calhou... Depois do dois-a-um e do Sporting a crescer, lembrem-se?

Entretanto, Artur Jorge, o melhor marcador das duas últimas épocas, completou o terceiro jogo do Campeonato sem jogar. Nas duas últimas jornadas, bem como contra o Malmoe, esteve 90 minutos inteiros no banco dos suplentes e não foi utilizado. Jogo já ganhou ou jogou ainda por ganhar, Artur Jorge não entra. Pode marcar golos, mas só fora disto. E embora estes considerandos possam parecer gratuitos (pois ao fim e ao cabo o Benfica ganhou por larga margem) julgo que não é só quando as coisas correm mal que a crítica deve sair à rua.

Continuo na minha: Hagan apenas se mantém no Benfica porque teve a sorte

espantosa de encontrar um lote de jogadores, em quantidade e em qualidade, como nunca nenhum outro treinador teve em Portugal. E, apesar disso, nunca será de mais lembrar que o primeiro campeonato ganhou ficou a dever-se a uma queda vertical do Sporting na parte final (os leões chegaram a ter muitos pontos de vantagem), perdeu uma «Taça de Portugal» e nos campeonatos europeus, afinal o que mais interessa a uma equipa como a da Luz, o Benfica nunca chegou à final. Mesmo assim, Hagan vai continuando, dando-se ao luxo de exibir dominicalmente a sua incompetência ao nível da táctica (das relações pessoais e da sua competência nesse campo não vale a pena falar por agora).

Mas o que foi «giro» a valer e não resisto a descrever, foi a «partida» que a pequena multidão de «doentes» sem cura que no final dos jogos espera pelos «craques», pregou ao mr. Hagan... Quando ele saiu dos balneários do Benfica e se dirigiu para o seu carro, estacionado no parque em frente, esse conjunto de pessoas sem horizontes que se alimenta de doses maciças de futebolite, irrompeu em aplausos. Mr. Hagan, confiante e satisfeito, caminhou sem temor pelo meio dos «fans», exibindo um pequeno sorriso de vedeta meio-envergonhada pelo apreço testemunhado em público. Mas, quando já estava no meio deles, alguém se lembrou (ou estaria combinado?) de gritar «Artur Jorge, Artur Jorge!» e então foi o fim: mr. Hagan deixou de sorrir, entrou no carro que partiu rapidamente e os benfiquistas ficaram ainda a rir e a gritar pelo avançado «vermelho» até aparecer outra vedeta.

Cabrita, que vinha atrás, apreciou tudo o que acabei de relatar. Apesar do seu sorriso, não sei se ficou satisfeito. Mas eu achei «giro»...

RIBEIRO CARDOSO



Yazalde, Manaca e Messias: o argentino nem com ajuda passava para a frente

"DERBY" DE LÁ "COMEU" CINCO

O «Derby County», próximo adversário do Benfica na «Taça dos Campeões Europeus», perdeu em Leeds (por 5-0) em jogo a contar para o campeonato da Inglaterra de futebol cuja jornada forneceu os seguintes resultados: em Birmingham, Birmingham-Chelsea, 2-2; em Londres, Coventry-Crystal Palace, 1-0; em Ipswich, Ipswich-West Ham, 1-1; em Leeds, Leeds-Derby County, 5-0; em Leicester, Leicester-Southampton, 1-0; em Liverpool, Liverpool-Everton, 1-0; em Manchester, Manches-

ter City-Wolverhampton, 1-1; em Newcastle, Newcastle-Norwich, 3-1; em Sheffield, Sheffield United-Arsenal, 1-0; em Tottenham, Tottenham-Stoke, 4-3 e em West Bromwich, West Bromwich-Manchester United, 2-2.

Classificação final: 1.º Liverpool, 18 pontos, 12 jogos; 2.º Tottenham, 16 pontos, 12 jogos; 3.º Arsenal, 16 pontos, 13 jogos; 4.º Ex-Aequo, Everton, Leeds, Wolverhampton e Sheffield United, 15 pontos, 12 jogos.



EUSÉBIO A CAMINHO DO GOLO

